



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM  
SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA (PPGSCA)**



AMAZÔNIA: DEMOCRACIA EM TEMPOS DE *FAKE NEWS*

SIMONE COSTA DE LIMA

Manaus – AM  
2023

SIMONE COSTA DE LIMA

AMAZÔNIA: DEMOCRACIA EM TEMPOS DE *FAKE NEWS*.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA), da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), para obtenção do título de Mestre. Área de concentração - Linha 2: Redes, Processos e Formas de Conhecimento.

Orientador: Prof. Dr. Odenei de Souza Ribeiro.

Coorientador: Dr. Michel Justamand.

Manaus - Amazonas  
2023

## Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

L732a Lima, Simone Costa de  
Amazônia: democracia em tempos de fake news / Simone Costa de Lima . 2023  
151 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Odenei de Souza Ribeiro  
Coorientador: Michel Justamand  
Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) -  
Universidade Federal do Amazonas.

1. Amazônia. 2. Democracia. 3. Fake news. 4. Redes sociais. 5.  
Plataformas digitais. I. Ribeiro, Odenei de Souza. II. Universidade  
Federal do Amazonas III. Título

SIMONE COSTA DE LIMA

Amazônia: Democracia em tempos de *Fake News*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA), da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), para obtenção do título de Mestre. Área de concentração - Linha 2: Redes, Processos e Formas de Conhecimento.

**Orientador:** Prof. Dr. Odenei de Souza Ribeiro.

**Coorientador:** Dr. Michel Justamand.

**Aprovado em:** 03/08/2023

BANCA EXAMINADORA



---

Prof. Dr. Odenei de Souza Ribeiro – Presidente  
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)



---

Prof. Dra. Marilene Correa - UFAM – Membro  
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)



---

Prof. Dr. Geraldo Jorge Tupinambá do Valle – Membro  
Universidade do Estado do Amazonas (UEA)

## DEDICATÓRIA

Ao meu amado marido Robson França, que sempre me apoiou nessa trajetória. Pela paciência e afeto durante os meses de elaboração da pesquisa.

Em memória de meus pais, que desde a minha infância tornaram a busca pelo conhecimento sua maior prioridade.

À minha amada tia Joaquina Costa, que nunca largou minha mão, sendo meu porto seguro por toda a minha vida, minha mãe de coração que sempre me deu apoio nos meus sonhos e teve orgulho de mim.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me concedido paciência toda vez que lhe roguei.

À minha família, especialmente minhas irmãs Solange, Soraya, Suelem e meu irmão Sandro, pelo incentivo de uma vida inteira e à minha amada tia Joaquina Costa que sempre esteve ao meu lado, me dando amor incondicional de uma mãe.

Ao meu amado esposo, amigo e companheiro Robson França, pois sem ele não teria iniciado e nem terminado essa dissertação. Foi seu incentivo que deu coragem à essa mudança de área – de exatas para humanas –, me permitindo mais uma perspectiva.

Aos Panemas, grupo de amigos do mestrado do PPGSCA, pois com muito humor trocamos frases de incentivo, citados aqui em ordem alfabética para ninguém ficar magoado: Ana Lucia, Ayla, Esther, Everton, Felipe, Ianeis, Jackeline, Lucas, Meriane e Waldeliz. Obrigada pela troca, auxílio e torcida.

Às colegas do Laboratório de Ciências Sociais e Interdisciplinaridade na Amazônia do Programa de Pós-graduação Sociedade e Cultura na Amazônia-PPGSCA/UFAM, Simone Seixas e Angélica Carvalho pelo apoio e incentivo.

À Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Artemis Soares, que foi uma grande amiga, orientadora de coração, com seus conselhos e orientações que levarei para a vida. Um exemplo de pesquisadora com sua dedicação infinita à ciência.

Ao meu querido orientador, Prof. Dr. Odenei Ribeiro, além de excelente professor, um grande exemplo de ser humano. Quando crescer quero ser igual ao senhor.

Ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura no Amazonas. E aos queridos professores, especialmente Prof. Dra. Marilene Côrrea, – não há adjetivos para descrever essa mulher –, Prof. Dr. Michael Justamand e Profa. Dra. Iraildes.

E se alguém não foi citado, saiba que o profundo agradecimento está para além destas linhas. Meu muito obrigado!

## Epígrafe

Pesadelo

Quando o muro separa uma ponte une  
Se a vingança encara o remorso pune  
Você vem me agarra, alguém vem me solta  
Você vai na marra, ela um dia volta

E se a força é tua ela um dia é nossa  
Olha o muro, olha a ponte, olhe o dia de ontem chegando  
Que medo você tem de nós, olha aí

Você corta um verso, eu escrevo outro  
Você me prende vivo, eu escapo morto

De repente olha eu de novo

Perturbando a paz, exigindo troco  
Vamos por aí eu e meu cachorro  
Olha um verso, olha o outro  
Olha o velho, olha o moço chegando  
Que medo você tem de nós, olha aí

O muro caiu, olha a ponte  
Da liberdade guardiã  
O braço do Cristo, horizonte  
Abraça o dia de amanhã

Olha aí...

Olha aí...

Olha aí...

(Maurício Tapajós / Paulo César Pinheiro)

## Resumo

Este estudo procurou compreender a influência das *fake news* no contexto do debate público sobre a Amazônia durante o governo do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, entre os anos de 2019 e 2022, enfatizando o viés político, ideológico e o poder do discurso contido nessas falsas informações, e ainda a compreensão de como elas conseguiram se tornar uma ferramenta de manipulação em massa capaz de usar o discurso para alcançar seus objetivos. A Análise do Discurso Francesa foi amparada pela obra “Poder do discurso”, do filósofo francês Michel Foucault, com auxílio de estudos e pesquisas de diversos autores que seguem essa linha para a compreensão dos discursos de ódio, *fake news* e pós-verdades. Esse discurso se beneficiou dos domínios, *sites*, aplicativos e ferramentas que contribuíram não só para a degradação da Amazônia, mas também para um ataque direto à democracia, além dos métodos utilizados para um alcance extraordinário de compartilhamentos beneficiando-se do discurso de ódio voltado para aliciar os usuários através do poder dos algoritmos, que dão sugestões de amizades, conteúdos e notícias entre os participantes que despertam os mesmos interesses. Procuramos expor através de dados, pesquisas e reportagens os impactos causados ao longo dos últimos anos, e o poder que as falsas notícias representaram para a destruição da Amazônia. Como resultado de um governo desastroso, fica o legado bolsonarista, que resultou em centenas de mortes de indígenas Yanomami, instabilidade política, enfraquecimento da Zona Franca de Manaus, incentivo aos madeireiros e garimpeiros que contribuem para a destruição da Floresta Amazônica.



## **Abstract**

This study seeks to understand the influence of fake news in the context of the public debate on the Amazon during the government of former President Jair Messias Bolsonaro between 2019 and 2022, emphasizing the political and ideological bias and the power of the discourse contained in this false information., and also understanding how they managed to become a mass manipulation tool capable of using discourse to achieve their goals. The French Discourse Analysis was supported by the work “Power of discourse” by the French philosopher Michel Foucault with the help of studies and research by several authors who follow this line for the understanding of hate speech, fake news and post-truths. This discourse benefited from domains, websites, applications and tools that tolerated not only the destruction of the Amazon, but a direct attack on democracy, in addition to the methods used for an extraordinary reach of shares, benefiting from hate speech aimed at enticing users through the power of algorithms, which suggested friendships, content and news among participants that aroused the same interests. We seek to expose through data, research and reports the consequences caused over the last few years, and the power that false news represented for the destruction of the Amazon. As a result of a disastrous government, the Bolsonarist legacy remains, which was born in hundreds of deaths of Yanomami indigenous people, political instability, weakening of the Manaus Free Trade Zone, incentives for loggers and miners who created for the destruction of the Amazon Forest.

## ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

|  |     |
|--|-----|
| Figura 1 – Gravação mistura decisão judicial distorcida e foto de doação de madeira fora do contexto .....             | 23  |
| Figura 2 – Tela de abertura do app Telegram .....  | 28  |
| Figura 3 – Live da semana PR Bolsonaro 09/12/2021.....   | 29  |
| Figura 4 – Canal arte da guerra .....  | 30  |
| Figura 5 – Brasil Paralelo .....   | 32  |
| Figura 6 – Panfix .....  | 34  |
| Figura 7 – Fake news em vídeos.....  | 42  |
| Figura 8 – Fake news apresentadas em forma de charge.....  | 45  |
| Figura 9 – Catálogo de produções da empresa Brasil Paralelo .....  | 49  |
| Figura 10 – Esquema de criação e monetização de notícias falsas.....   | 53  |
| Figura 11 – Mídias tradicionais .....  | 54  |
| Figura 12 – Ministro ataca Universidades Públicas 21/11/2019.....  | 55  |
| Figura 13 – Notícia falsa criada após falas de ministro .....  | 55  |
| Figura 14 – Notícias de queimadas na Amazônia.....   | 57  |
| Figura 15 – Sequência de ataques aos jornalistas feitas por Bolsonaro e Bolsonaristas.....                             | 58  |
| Figura 16 – Recado enviado ao ex-presidente por empresário bolsonarista .....  | 59  |
| Figura 17 – Sequência de falsas notícias que foram ao ar na rádio Jovem Pan.....                                       | 60  |
| Figura 18 – Emissoras de televisão que apoiavam Bolsonaro abertamente .....  | 63  |
| Figura 19 – Reportagem do Brasil Paralelo: As verdadeiras causas e interesses por trás das queimadas da Amazônia ..... | 67  |
| Figura 20 – <i>Modus Operandi</i> bolsonarista .....   | 68  |
| Figura 21 – <i>WhatsApp</i> e <i>Telegram</i> .....  | 69  |
| Figura 22 – Resposta de Omar Aziz aos ataques de Bolsonaro .....   | 70  |
| Figura 23 – Função das plataformas digitais .....  | 72  |
| Figura 24 – Plataformas sendo usadas como ferramentas de manipulação em massa .....                                    | 72  |
| Figura 25 – O poder dos algoritmos.....  | 73  |
| Figura 26 – Marcha para Jesus em 2019, 2020 e 2021 .....   | 74  |
| Figura 27 – Passeata de 7 de setembro de 2021 na Praia da Ponta negra, Manaus-AM .....                                 | 75  |
| Figura 28 – Protestos em Santa Catarina em 02/11/2022.....   | 75  |
| Figura 29 – Discurso de ódio proferido por Allan dos Santos através de imagem .....                                    | 80  |
| Figura 30 – Discurso de ódio feito pelo próprio ex-presidente no <i>Facebook</i> .....                                 | 81  |
| Figura 31 – Resultado do discurso de ódio feito ao Cientista do INPA, Lucas Ferrante .....                             | 81  |
| Figura 32 – Discurso de imagem por comparação.....   | 83  |
| Figura 33 – Programa jornalístico afirma que nazismo é liberdade de expressão .....                                    | 83  |
| Figura 34 – Forma de ataque dos <i>haters speech</i> bolsonaristas .....   | 84  |
| Figura 35 – Bolsonaro comemorando o Golpe de 64 .....  | 91  |
| Figura 36 – Políticos, pastores e artistas disparando notícias falsas .....  | 95  |
| Figura 37 – Blogueiro bolsonarista recrutando seguidores para ameaçar o Supremo.....                                   | 95  |
| Figura 38 – Propagação de ideias de Olavo de Carvalho .....  | 99  |
| Figura 39 – Exemplo da representação do sistema de crenças olavistas .....   | 100 |

|   |     |
|---|-----|
| Figura 40 – Uma invasão de centenas de balsas de garimpeiros tomou conta do rio Madeira, em Autazes, a 113 quilômetros de Manaus..... | 105 |
| Figura 41 – Repercussões causadas por medidas tomadas por Ricardo Salles .....  | 106 |
| Figura 42 – Gráfico de desmatamento da floresta amazônica nos seis primeiros meses de governo Bolsonaro .....                         | 111 |
| Figura 43 – Foto antiga é compartilhada para acusar ONG’s de incendiar floresta amazônica .....                                       | 113 |
| Figura 44 – Post usa foto antiga de madeireiros para acusar ONG’s de incêndios na Amazônia... ..                                      | 114 |
| Figura 45 – Maior apreensão de madeira já registrada na história do Brasil .....  | 115 |
| Figura 46 – Ricardo Salles na liberação de madeira ilegal a garimpeiros .....   | 116 |
| Figura 47 – Falsa notícia de apreensão de madeira feita pelo Exército Brasileiro .....  | 117 |
| Figura 48 – Em fim de mandato, Bolsonaro libera exploração de madeira em terras indígenas... ..                                       | 118 |
| Figura 49 – Imaginem o Amazonas sem a Zona Franca de Manaus .....   | 121 |
| Figura 50 – Comício onde Bolsonaro afirma que vai “Fuzilar a petralhada” no Acre .....  | 122 |
| Figura 51 – Em entrevista Ricardo Salles ataca ZFM.....   | 123 |
| Figura 52 – Zona Franca de Manaus gera prejuízos no país .....  | 124 |
| Figura 53 – Carlos Bolsonaro sobre a ZFM.....   | 125 |
| Figura 54 – <i>Print</i> de grupo Bolsonaroista no <i>WhatsApp</i> .....  | 126 |
| Figura 55 – Programa <i>Morning Show</i> da Jovem Pan dedicado a defender o ex-presidente .....                                       | 131 |
| Figura 56 – Indígena com desnutrição severa em atendimento de equipes do Ministério da Saúde .....                                    | 134 |
| Figura 57 – Pesagem de mulher Yanomami com quadro severo de desnutrição.....  | 135 |
| Figura 58 – Crianças Yanomami com quadro de desnutrição aguda .....   | 136 |
| Figura 59 – Assentamento de garimpeiros em Roraima.....   | 137 |
| Figura 60 – Contaminação por mercúrio usado no garimpo na terra indígena Yanomami, RR .....   | 138 |
| Figura 61 – Deputado Bolsonaroista espalha <i>fake news</i> .....   | 140 |
| Figura 62 – <i>Fake news</i> disseminada pelos bolsonaristas deputado Paulo Bilynskyj e General Girão. ....                           | 140 |
| Figura 63 – Pedido de arquivamento do projeto de Lei amparado na PL 490.....  | 141 |

## SUMÁRIO

|  |     |
|--|-----|
| INTRODUÇÃO .....   | 13  |
| 1. Capítulo 1: As mudanças tecnológicas e sua influência na ordem do discurso .....                            | 17  |
| 1.1. Reflexões sobre as <i>fake news</i> .....   | 17  |
| 1.2. As mudanças tecnológicas que fortaleceram as fake news.....   | 24  |
| 1.3. A influência das <i>fake news</i> sobre poder do discurso .....   | 35  |
| 2. Capítulo 2: <i>Fake news</i> na Amazônia: a influência de domínios, sites e aplicativos. ....               | 46  |
| 2.1. A importância das mídias sociais, redes sociais e mídias digitais para a disseminação das fake news ..... | 46  |
| 2.2. Mídias Tradicionais e o <i>modus operandi</i> bolsonarista .....  | 56  |
| 2.3. Plataformas digitais e o movimento de massa .....   | 71  |
| 2.4. Do discurso de ódio ao gabinete do ódio.....  | 78  |
| 2.5. A democracia enfrenta o bolsonarismo .....  | 88  |
| 3. Capítulo 3: Os impactos das <i>fake news</i> no processo de degradação da Amazônia.....                     | 97  |
| 3.1. Garimpos e recursos minerais.....   | 97  |
| 3.2. Madeireiras e o desmatamento ilegal .....   | 109 |
| 3.3. Condições adversas a atividades sociais e econômicas da região. ....                                      | 120 |
| 3.4. As ruínas do bolsonarismo na Amazônia .....   | 129 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS.....  | 144 |
| REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO .....  | 148 |

## INTRODUÇÃO

O cenário político nos quatro anos de governo Bolsonaro (2018-2022) foi marcado por intensas lutas que afetaram diretamente a Amazônia. Desde muito antes desse período a região amazônica já fazia parte do plano de poder de Bolsonaro, que ao assumir, o colocou em prática através de um complexo esquema de manipulação de informações apoiado por simpatizantes, empresários, militares e políticos. Cada integrante desta rede de apoio possuía um papel específico bem definido que foi descrito em nossa pesquisa como estratégia bolsonarista, objetivando defender os interesses políticos e pessoais do ex-presidente.

O presente estudo teve por finalidade contribuir para pesquisas a respeito de *fake news* e da desinformação na era digital, bem como suscitar o debate sobre a importância da abordagem do tema no meio científico. Para tanto, foi realizado um levantamento por meio de pesquisa qualitativa de cunho documental e bibliográfico, com análise de livros, revistas digitais, reportagens, artigos científicos, trabalhos acadêmicos, voltados para compreensão dos impactos das *fakes news* na Amazônia e das pós-verdades sobre a democracia. As *fake news* são apresentadas como ferramenta de manipulação, sendo necessário esclarecer como objetivo o seu funcionamento e suas possíveis consequências para a sociedade.

Como embasamento propusemos diálogos com estudos do filósofo francês Michel Foucault, com a necessidade de ressaltar o poder da palavra, a força do discurso, o sentimento de impotência, o homem como mero instrumento, no qual a imagem associada a um fato pode ser distorcida e repaginada a fim de fortalecer ideologias e preconceitos e mudar os rumos da política.

Ao observarmos atentamente as análises de Foucault sobre o discurso, reconhecemos que, a partir de determinadas regras de práticas discursivas e de estratégias da sociedade, é possível a produção de uma verdade, ou melhor, de formas de verdade que se organizam em seu interior e que só é possível fazer uma história da verdade a partir de uma compreensão das condições em que ela se forma. Nesse sentido, podemos dizer que a verdade é produzida.

Na Ordem do discurso, Foucault menciona que “a produção de verdade se dá pelo ordenamento de saberes e legitimações do que é colocado como verdadeiro” (FOUCAULT, 2006). Portanto, tem-se uma reflexão sobre as práticas

discursivas, já que um discurso pode silenciar e desautorizar outros discursos, principalmente no contexto das *fake news*.

O poder do discurso é refletido através de falsas notícias disparadas incessantes vezes nas mais diversas redes sociais, com o intuito de desmoralizar as instituições para alcançar objetivos políticos. Dessa maneira, a problemática da pesquisa está voltada para a exploração da Floresta Amazônica. A Amazônia passa a ser de interesse político, devido suas riquezas econômicas, através da exploração dos recursos naturais, que beneficiariam políticos, madeireiros, garimpeiros, agricultores e pecuaristas. A região é protegida por leis e órgãos de proteção ambiental brasileiros como o Sistema Nacional do Meio Ambiente (SISNAMA), o Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA), o Ministério do Meio Ambiente (MMA), o Instituto Nacional do Meio Ambiente e Recursos Renováveis (IBAMA), o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) e a Fundação Nacional do Índio (FUNAI).

A proposta do primeiro capítulo está voltada para a análise da influência das *fake news* no contexto da exploração da Amazônia nos últimos anos, enfatizando o viés político ideológico e o poder do discurso contido nessas falsas informações, no período do governo de Bolsonaro. Para isso, se faz necessário compreender como as *fake news* conseguiram se tornar ferramenta de manipulação em massa capaz de usar o discurso para alcançar os objetivos do governo.

Desse modo, é necessário delimitar o que pode ser compreendido como *fake news*, partindo do pressuposto que são notícias falsas publicadas pelos meios de comunicação como informações reais. Esse tipo de texto, em sua maior parte, objetiva legitimar um ponto de vista ou prejudicar uma pessoa ou grupo. Em um curto espaço de tempo, alguns políticos perceberam que as *fake news* poderiam se tornar uma poderosa ferramenta tanto para aquisição de votos, quanto para manipulação de opiniões em benefício de seus interesses pessoais.

Nesse sentido, esse contexto impacta na exploração da Amazônia, na qual o discurso toma uma nova roupagem através das *fake news* e das novas tecnologias. Este capítulo conceitua o termo *fake news*, mostra sua evolução ao longo dos anos e o relaciona com as mudanças tecnológicas que ocorreram nesse período, em que as *fake news* se apropriaram do poder do discurso para manipulação em massa.

Para a análise do discurso houve a contribuição de estudos realizados pela professora Dra. Marie-Anne Paveau, pela professora Dra. Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi e pelo filósofo francês Michel Pêcheux, amparados no contexto do “Poder simbólico”, do sociólogo Pierre Bourdieu, e do “Poder do discurso”, do filósofo francês Michel Foucault.

O segundo capítulo tratou da influência dos domínios, *sites*, aplicativos e ferramentas que contribuíram para a degradação da Amazônia; dos métodos utilizados para um alcance extraordinário de compartilhamentos utilizando o discurso de ódio voltado para aliciar os usuários; de como os algoritmos dão sugestões de amizades, conteúdos e notícias entre os participantes que despertam os mesmos interesses; e de que forma esses interesses migram para as outras redes sociais.

Além disso, tratou também dos métodos utilizados para validação de falsas notícias, como por exemplo a criação de portais e plataformas nos quais o único objetivo é a disseminação de *fake news* como estratégia de governo, utilizando a tática bolsonarista, que representa uma complexa rede de seguidores, apoiadores, militares, empresários e políticos unidos para defender os interesses políticos ou pessoais do ex-presidente.

Notícias como “Não existe aquecimento global”, “Quem destrói a floresta são os indígenas”, “Não existe queimada, pois a Floresta Amazônica é úmida”, dentre outras são tratadas como verdades absolutas, em uma “bolha bolsonarista” que representa um mundo paralelo. Atos irracionais e incompreensíveis são considerados normais nessa realidade fechada.

O terceiro capítulo analisou os impactos causados pelas *fake news* no processo de degradação da Amazônia, nos quais as falsas notícias estão em sua maior parte voltadas para o incentivo à desqualificação das entidades responsáveis pela preservação e o incentivo aos madeireiros, garimpeiros, caçadores, pecuaristas além de empresas que exploram os recursos minerais e vegetais. Analisou também os impactos negativos causados aos povos da região que vão desde o incentivo à redução de áreas de demarcação indígena, até o fim da Zona Franca de Manaus.

Essa gama de recursos fornecidos pela floresta amazônica se tornou alvo de interesses políticos e econômicos, que usaram *fake news* como estratégias para alcançar seus objetivos. Nesse cenário essas falsas notícias representaram uma

ferramenta de grande importância, como sendo informações noticiosas que não representam a realidade, mas que foram compartilhadas nas redes sociais como se fossem verdadeiras.

Também foram expostos, através de dados, pesquisas e reportagens os impactos causados ao longo dos últimos anos e o poder que as falsas notícias representaram para a nossa região. Como resultado de um governo desastroso ficou o legado bolsonarista, que resultou em centenas de mortes de indígenas Yanomami e causou comoção internacional.



## **1. Capítulo 1: As mudanças tecnológicas e sua influência na ordem do discurso**

A proposta deste capítulo está voltada para a análise da influência das *fake news* no contexto da exploração da Amazônia nos últimos anos, enfatizando o viés político ideológico e o poder do discurso contido nas falsas informações divulgadas no período do governo de Bolsonaro. Para isso, precisamos compreender como as *fake news* conseguiram se tornar uma ferramenta de manipulação em massa capaz de usar o discurso para alcançar seus objetivos.

Neste sentido, é necessário delimitar o que pode ser compreendido como *fake News*, que neste caso, partimos do pressuposto que são notícias falsas publicadas pelos meios de comunicação como se fossem informações verdadeiras. Esse tipo de texto, em sua maior parte, objetiva legitimar um ponto de vista ou prejudicar uma pessoa ou grupo. Em um curto espaço de tempo, alguns políticos perceberam que as *fake news* poderiam se tornar uma poderosa ferramenta tanto para aquisição de votos, quanto para manipulação de opiniões em benefício de interesses pessoais.

Esse contexto impactou na exploração da Amazônia, visto que o discurso tomou uma nova roupagem através das *fake news* e das novas tecnologias. Este capítulo conceitua o termo *fake news*, mostra sua evolução ao longo dos anos e o relaciona com as mudanças tecnológicas que ocorreram neste período, em que as *fake news* se apropriaram do poder do discurso para manipulação em massa.

Para a Análise do Discurso houve a contribuição de estudos realizados pela professora Marie-Anne Paveau, a professora Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi e o filósofo francês Michel Pêcheux, amparados no contexto do “Poder simbólico”, do sociólogo Pierre Bourdieu e do “Poder do discurso”, do filósofo francês Michel Foucault.

### **1.1. Reflexões sobre as *fake news***

Passamos por um momento particular, em que as práticas antigas tomaram novas roupagens e se travestiram para confundir e se consolidar naquilo que chamamos de *fake news*. Esse novo modelo representou uma importante ferramenta capaz de espalhar informações falsas que viralizaram entre a população como se fossem verdadeiras.

No campo político, o termo *fake news* tomou força em 2016, durante as eleições nos Estados Unidos entre os candidatos Donald Trump e Hillary Clinton, nas quais os eleitores de Trump compartilharam informações falsas sobre a sua concorrente. Hillary era a predileta nessas eleições, mas o poder viral de persuasão das *fake news* virou o jogo eleitoral.

Tendo como principal objetivo deslegitimar com informações enganosas a pessoa ou grupo político que se quer atacar, as informações falsas vêm sendo usadas como arma de políticos populistas e têm como intenção alcançar os eleitores apelando para as emoções em vez do uso da lógica, fazendo com que as pessoas consumam o conteúdo sem verificar a veracidade dessas informações, que no geral foram compartilhadas por familiares e amigos.

Por meio de sites, redes sociais e aplicativos de mensagens, essas afirmações são publicadas e compartilhadas de forma exponencial, tendo um alcance viral na rede de computadores. Atualmente, as *fake news* são disseminadas a todo o momento e, graças às redes sociais e à falta de informação dos leitores, a notícia falsa se espalha ainda mais.

De acordo com o Dicionário de Cambridge, *fake news* são: “histórias falsas que parecem ser notícias divulgadas na internet ou usando outros meios de comunicação, geralmente criadas para influenciar opiniões políticas ou como piada”. Para CARVALHO e KANFFER (2018, p. 1):

Com efeito, as *fake news* correspondem a uma espécie de “imprensa marrom” (ou *yellow journalism*), deliberadamente veiculando conteúdos falsos, sempre com a intenção de obter algum tipo de vantagem, seja financeira (mediante receitas oriundas de anúncios), política ou eleitoral. (CARVALHO & KANFFER, 2018).

Por mais que o termo *fake news* tenha se popularizado agora. A intenção de promover mentiras com o intuito de prejudicar alguém ou um grupo não é de hoje e nem dos tempos modernos. Se vasculharmos a história encontraremos muitos exemplos do uso desse método.

O historiador francês Marc Bloch escreveu em 1921 o ensaio *Réflexions d'Un Historien Sur les Fausses Nouvelles de la Guerre*, (“Reflexões de um historiador sobre as notícias falsas da guerra”). Depois de retornar das trincheiras da primeira guerra mundial relatou sobre como as notícias falsas tinham força e influenciaram a opinião pública:

Falsos relatos houve que sublevaram multidões. As notícias falsas, em toda a multiplicidade das suas formas - simples boatos, imposturas, lendas - preenchem a vida da humanidade. Como nascem? A que elementos vão buscar a sua substância? Como se propagam, como ganham amplitude à medida que passam de boca em boca ou de escrita em escrita? [...] O erro só se propaga, só se amplia, só vive com uma condição: encontrar na sociedade em que se difunde um caldo de cultura favorável. Nele, inconscientemente, as pessoas exprimem seus preconceitos, os seus ódios, os seus medos, todas as suas emoções fortes. Apenas grandes estados de alma coletivos tem o poder de transformar uma má percepção numa lenda. (MARCH BLOCH, 1921, p. 179-180).

Ao ler essa passagem do texto, é possível acreditar que ele poderia ter sido escrito nos dias de hoje, no campo da internet, um terreno fértil para se propagar todo tipo de informação, que encontra quem queira acreditar em qualquer conteúdo e compartilhá-lo, principalmente quando o conteúdo mexe com as emoções humanas. As notícias falsas e as fofocas precisam que alguém acredite nelas para que tomem força e alcancem seu objetivo.

André Luiz Joaquinho (2014), doutor em história social, parafraseou o título do artigo de Bloch, *“Reflexões de um historiador sobre as notícias falsas na Web”*, que fala sobre *as fake news e o terreno fértil da web* que essas notícias encontram para se propagar e tomar ares de verdade. De acordo com ele, as tradicionais amarras sociais foram liberadas e as notícias falsas, mentiras, boatos e calúnias foram difundidas. Ali as pessoas sentem-se à vontade para dar suas opiniões e seus achismos. Na frente do computador o usuário é permissivo e aceita aquilo que fora do mundo virtual não seria tão facilmente aceito.

O filósofo francês Voltaire (2011) escreveu em *“Tratado sobre a tolerância”* a história do comerciante Jean Calas, na cidade de Toulouse, França, em 1761. Jean foi acusado e condenado injustamente à morte pelo assassinato de seu filho, que queria se converter ao catolicismo. Após investigação realizada por Voltaire, descobriu-se que na verdade se tratava de um suicídio e o comerciante teve sua inocência póstuma. Voltaire descreve o acontecido:

Algum fanático no meio da multidão gritou que Jean Calas havia enforcado o próprio filho, Marc-Antoine. Esse grito foi repetido e, num instante, tornou-se unânime; outros acrescentaram que o morto abjuraria ao protestantismo no dia seguinte; que sua família e mais o jovem Lavaysse o haviam estrangulado por ódio contra a religião católica; em questão de segundos, ninguém mais punha isso em dúvida; toda a cidade persuadiu-se de ser uma questão de fé entre os protestantes que o pai ou a mãe deveriam assassinar seus filhos assim que soubessem que eles pretendiam se converter. (VOLTAIRE, 2011, p. 8).

Esse caso ficou conhecido como um dos maiores erros jurídicos da história e falou especificamente sobre a intolerância religiosa e o fanatismo religioso, mas também serviria para falar sobre a intolerância política vivenciada nos dias de hoje.

O boato usa da emoção para convencer. Com o convicto não há argumentação. O medo, o fanatismo e o preconceito são inimigos da lógica, sem pensamento crítico e não se baseiam em fatos. O preconceituoso julga e condena antes de qualquer análise lógica. Ele não ouve e não dialoga. Apenas replica seu discurso de ódio.

O ocorrido aconteceu há três séculos, mas ainda hoje casos como esse são corriqueiros em nossas vidas. Nas redes sociais discursos de ódio são disseminados, boatos criados sobre pessoas que acabam sendo canceladas em meio às curtidas e compartilhamentos. Mas não apenas isso, em casos mais graves boatos já levaram até à condenações de morte, como foi o caso de Fabiane, que por causa de uma *fake news* foi espancada até a morte em Guarujá, em São Paulo:

A dona de casa Fabiane Maria de Jesus, de 33 anos, morreu na manhã desta segunda-feira (5), dois dias após ter sido espancada por dezenas de moradores de Guarujá, no litoral de São Paulo. Segundo a família, ela foi agredida a partir de um boato gerado por uma página em uma rede social que afirmava que a dona de casa sequestrava crianças para utilizá-las em rituais de magia negra. <https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2014/05/mulher-espancada-apos-boatos-em-rede-social-morre-em-guaruja-sp.html>

A página do *Facebook*, “Guarujá Alerta”, divulgou foto e informação que uma mulher sequestrava crianças para rituais de magia negra. Na publicação, o administrador postou um retrato falado e uma foto de uma mulher loira que não tinha a ver com o caso e, na verdade, estava associada a um outro crime, cometido no Rio de Janeiro em 2012. As duas supostas criminosas não se pareciam e não tinham nada a ver com a descrição de Fabiane. Segundo investigação da polícia, também não havia nenhuma denúncia de sequestro de crianças na cidade.

O advogado de defesa do caso, Airton Sinto, utilizou o argumento que esse foi o primeiro caso em que uma *fake news* postada em uma rede social resultou em morte e teve repercussão internacional. Segundo ele, há documentos em que o dono da rede social, Mark Zuckerberg, admitia não haver ferramenta para evitar a disseminação de *fake news* na plataforma do *Facebook*:

“Juntei aos autos um termo de compromisso da plataforma. Se alguém abre uma conta no Facebook e, já era assim na época dos fatos, tem que

assinar um termo de adesão, no qual você não escolhe as cláusulas. Nesse termo, o Facebook se reserva ao direito de retirar sem fazer breve aviso a qualquer publicação ou até fechar a conta daquele perfil que for contrário as ideias do grupo Facebook”, explicou Airton Sinto.

Na reportagem ao G1 “Família de mulher morta após *fake news* luta por indenização de rede social”, o advogado Airton Sinto relatou que o juiz Christopher Alexandre Roisin da 3ª Vara Cível do Foro Central de São Paulo, entendeu que “o Facebook não é culpado pelo crime e a empresa não tinha obrigação de tirar a postagem do ar e, por isso, julgou improcedente o pedido de indenização”.

Atualmente o caso encontra-se em recurso extraordinário no Superior Tribunal Federal (STF). Segundo o advogado, o ex-presidente suspendeu o julgamento da ação, uma vez que ela é baseada no Art. 19º do Marco Civil da Internet, que está sob análise:

Nenhuma alteração porque estamos aguardando o julgamento dessa ação com repercussão geral, que vai acabar norteando a jurisprudência nessa questão da constitucionalidade ou não do art.19 do Marco Civil, que determina que os provedores não são responsáveis pelas postagens dos usuários, o que é um absurdo”.

Sinto explicou que o Facebook já possuía essa ferramenta para identificar se a postagem dos usuários contraria ou não as políticas da rede, como é feito hoje em dia e, em caso afirmativo, a postagem é excluída e o perfil bloqueado. Segundo ele “eles têm essa ferramenta e tinham na época, deixaram propagar as coisas na postagem da Fabiane porque eles estavam movimentando a rede, são totalmente culpados”. O G1 entrou em contato com o *Facebook*, mas a empresa não se posicionou até a última atualização desta reportagem.

“Movimentar a rede”, compartilhamentos, comentários, curtidas. Isso é o que o algoritmo das redes sociais identifica como “assunto” que vai repercutir e ficar no topo das notícias. Para o algoritmo do caos, quanto mais polarizada a discussão maior a probabilidade de estar no topo dos assuntos e compartilhamentos.

Infelizmente esse foi apenas mais um caso sobre *fake news* e discurso de ódio que terminou em uma fatalidade. Outro caso mais recente foi o do mexicano Daniel Picazo. Segundo a reportagem do G1 “Oito anos após mulher ser espancada até a morte em SP, *fake news* segue fazendo vítimas como o turista queimado vivo no México”. Daniel foi linchado e queimado vivo por moradores da comunidade de Papatlazolco, no interior do México, após ter sido confundido com um sequestrador

de crianças. Enfurecidos, os moradores espancaram-no e queimaram-no vivo com gasolina.

Tanto a polícia quanto os paramédicos tentaram impedir o ocorrido, mas a população não permitiu sua passagem. Daniel Picazo era um turista que passeava pela cidade. Moradores relataram que a comunidade estava assustada pois um áudio circulava em um aplicativo de mensagem alertando sobre um desconhecido que estava na região com o intuito de sequestrar crianças.

A mesma dinâmica de difusão de *fake news*, apontada acima, foi utilizada com o objetivo de criar uma falsa narrativa sobre os problemas ambientais e o aquecimento global enfrentados. Assim, a Amazônia se tornou um alvo de difusão de informações falsas e foi atacada massivamente nos últimos anos. Foram centenas de *fake news* tentando justificar e incentivar o desmatamento com o intuito de beneficiar os grandes empresários e a ideologia contida nessa narrativa. Os principais focos foram a caça, a pesca e a exploração dos minérios e madeiras nobres. Sempre expondo falsos pressupostos para favorecer sua legalização.

Um dos clássicos exemplos foi uma postagem contendo informações falsas que circulavam desde o ano de 2019. Foram veiculadas por apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro, que tentavam atribuir de forma enganosa aos indígenas e Organizações Não Governamentais o desmatamento da Amazônia e colocar em descrédito as críticas de países europeus sobre os problemas ambientais do bioma.

Esse vídeo misturou informações verídicas com falsas para confundir quem o assistisse. Nota-se que em determinada parte do registro uma juíza do estado de Rondônia teria anulado a venda de terras indígenas para irlandeses. Em outro trecho, é dito que o próprio ex-presidente teria descoberto uma conta de R\$ 600 bilhões no Banco Central. Na imagem de capa, na Figura 1 – Gravação mistura decisão judicial distorcida e foto de doação de madeira fora do contexto, encontram-se os dizeres “Bolsonaro tinha razão, entendeu porque os europeus estavam de olho na Amazônia?”.

Figura 1 – Gravação mistura decisão judicial distorcida e foto de doação de madeira fora do contexto



Fonte: *Yahoo Notícias*<sup>1</sup>

De acordo com o vídeo, teriam sido 250 mil hectares vendidos aos irlandeses. Porém, de acordo com o portal de notícias *Yahoo* e o *Jornal Estadão* essas são informações falsas. Na verdade, houve a suspensão de um contrato para a venda de créditos de carbono – e não de terras, como sugere o vídeo – firmado entre uma empresa irlandesa e uma associação indígena. A Justiça entendeu que os termos do contrato eram ilegais.

Além disso, existia outra informação falsa no vídeo referente ao Banco Central. De acordo com o registro, o ex-presidente Bolsonaro teria descoberto “uma conta escondida” de R\$ 600 bilhões no Banco Central cuja finalidade ninguém sabia e mandou transferir essa quantia para o Tesouro Nacional, ficando subentendido no vídeo que essa quantia seria paga aos indígenas. Contudo, a afirmação também é falsa, já que o Banco Central não é uma instituição financeira, como uma agência bancária para que pessoas físicas e jurídicas abram contas com a finalidade de depositar dinheiro.

Também podemos fazer uma comparação com pesquisas realizadas pelo professor italiano Giuliano da Empoli, na obra “*Os engenheiros do caos*”. O jornalista e professor na Universidade de Roma, afirmou que a política populista do mundo atual, quer seja na Itália, quer seja nos Estados Unidos, com Trump ou até mesmo no Brasil, com o Jair Bolsonaro, se compara há uma festa de Carnaval na qual tudo

<sup>1</sup> <https://br.noticias.yahoo.com/checamos-video-traz-compilacao-de-boatos-sobre-a-amazonia-201508401.html>

é possível ou motivo de piada e diversão para ele (EMPOLI, 2020). Aos olhos do povo, a esquerda se tornou chata com o politicamente correto. A respeito desses eleitores, adoradores de políticos como Jair Bolsonaro, ele descreve:

Os defeitos e vícios dos líderes populistas se transformam aos olhos dos eleitores em qualidades. Sua inexperiência é a prova de que eles não pertencem ao círculo corrompido das elites. E sua incompetência é vista como garantia de autenticidade. As tensões que eles produzem em nível Internacional ilustram sua Independência, e as *fakes news* que balizam sua propaganda são a marca de sua Liberdade de espírito. (EMPOLI, 2020, p. 18).

E completa: “no mundo de Donald Trump, de Boris Johnson e de Jair Bolsonaro, todo dia nasce uma gafe, uma polêmica, a e eclosão de um escândalo”. Ou seja, quando mal se noticia um evento desses, já tem outro, ficando em um espiral que prende e satura a mídia. Jair Bolsonaro e seu grupo político são exemplos claros disso. Todos os dias há um evento novo, escândalos, *fake News* ou afirmações ilógicas. E seus eleitores acompanham tudo maravilhados. Admirados com a coragem do seu herói, quando ele surge com discurso de ódio é defendido em nome da família tradicional e do patriotismo.

Todo esse “carnaval” ao qual Empoli (2020) se refere não é por acaso. E é pensado por ideólogos, cientistas de *Big Data* e *spin doctors* que são “consultores políticos que se ocupam, diante de determinada situação de impasse, crise ou estagnação, em identificar a direção capaz de mudar a tendência a favor de um candidato ou campanha”. Gianroberto Casaleggio, um italiano especialista em marketing, percebeu em 2000 que a internet iria revolucionar a política com o surgimento do Movimento 5 Estrelas, que, baseado na coleta de dados entre os eleitores sobre sua satisfação, a partir dessas informações, “cria” um fantoche, um avatar, nesse caso Beppe Grillo, para fazer o papel de político populista.

Nesse sentido, foram adotadas estratégias para criação de *fake news*, construindo-se uma imagem falsa, e transformando-a em mensagens, fotos e vídeos para disseminação em redes sociais, aplicativos de mensagens e veículos de informação jornalística, abordados no próximo tópico.

## **1.2. As mudanças tecnológicas que fortaleceram as fake news**

Como observado, representadas por notícias falsas publicadas nos meios de comunicação como se fossem informações reais, as *fake news* possuem uma força



devastadora na sociedade. Esse tipo de texto tende a ser feito e divulgado com o objetivo de legitimar um ponto de vista, prejudicando uma pessoa, grupo ou ideia.

No entanto, muito antes do jornalismo ser prejudicado por elas, escritores já se valiam desse recurso de falsas informações a respeito de seus desafetos por meio de comunicados e obras. Anos mais tarde, a propaganda tornou-se o veículo utilizado para espalhar dados distorcidos para a população e ganhou força no século XX. Com o surgimento da *internet*, essas falsas informações passaram a ser veiculadas por diversas mídias sociais.

Com a popularização da internet, no início dos anos 2000, outro tipo de serviço de comunicação e entretenimento começou a ganhar força: as redes sociais. Atualmente, a variedade de produtos desse mercado é enorme, apresentando inclusive categorias com públicos bem segmentados.

A rede social partiu da ideia de que as relações sociais compõem um tecido, ou uma teia, que condiciona a ação dos indivíduos que neles estão inseridos. Uma das principais pesquisadoras na atualidade deste tópico é a professora Raque Recuero, que na obra "*Redes Sociais na Internet*" estabelece alguns conceitos que relacionam a Sociologia com as redes sociais. Recuero (2009) descreve a rede social como uma metáfora para observar os padrões de conexão de um determinado grupo a partir daqueles estabelecidos entre seus diversos atores. A abordagem de rede tem, desta forma, seu foco na relação entre suas estruturas sociais.

Neste sentido, o ponto principal das redes sociais não está nas interações apenas entre seus participantes, mas também na relação de interesses que eles apresentam. São exemplos de redes sociais o *Facebook*, *Linkedin*, *Google*, *My Space*, *Instagram* e *Twitter*, dentre várias outras, cada uma com suas estratégias.

Foi nesse campo que as *fake news* começaram a tomar força, pois os algoritmos dão sugestões de amizades, conteúdos e notícias entre os participantes que despertam os mesmos interesses, e, como a maioria das redes estão interligadas, esses interesses migram para as outras redes sociais.

Para compreendermos a rápida propagação das *fake news*, é necessário o entendimento da função dos algoritmos. De acordo com a Professora francesa especialista em Ciências da linguagem, Marie-Anne Paveau, da Universidade de Paris, os algoritmos aplicados nas redes sociais possuem a função de tornar-se um

determinado assunto popular, fazendo com que ele seja sugerido aos usuários das plataformas. Em sua obra “Análise do discurso digital”, Paveau (2021) afirma que:

Os algoritmos são sequências de instruções que permitem a solução de problemas. Na internet, eles permitem resolver o problema do tratamento da informação, procurando-a, processando-a, classificando-a, hierarquizando-a, etc. Para isso, eles fazem cálculos para produzir efeitos: certas informações aparecerão com mais frequência, ou em melhor lugar que outras, ou serão mais disseminadas do que outras, ou pelo contrário, serão invisibilizadas. (PAVEAU, 2021, p. 27).

Nesse sentido, os algoritmos das redes sociais são programados para dar prioridade aos tópicos que estão em evidência, independentemente da veracidade dele. Uma visão mais definida também é observada pelo professor Giuliano da Empoli, também na obra “*Os engenheiros do caos*”. Empoli (2020) afirma:

Se o algoritmo das redes sociais é programado para oferecer ao usuário qualquer conteúdo capaz de atraí-lo com maior frequência e por mais tempo à plataforma, o algoritmo dos engenheiros do caos os força a sustentar não importa que posição, razoável ou absurda, realista ou intergaláctica, desde que ela intercepte as aspirações e os medos, principalmente os medos dos eleitores. (EMPOLI, 2020, p. 20).

Nessa perspectiva, os algoritmos das redes sociais sugerem aos usuários os tópicos que estão em ascensão, que direta ou indiretamente despertaria o interesse do usuário, independentemente da qualidade do assunto. Dessa forma, quanto mais o assunto é discutido, mais ele aparecerá como sugestão aos usuários, mesmo que essa discussão seja negativa.

Vejamos, como exemplo, o vídeo do ex-ministro do meio ambiente, Ricardo Salles, postado em uma de suas redes sociais, em 09 de setembro de 2020. No vídeo, intitulado “A Amazônia não está queimando<sup>2</sup>”, produzido pela Associação de Criadores do Pará (ACRIPARÁ), está em evidência a imagem de um mico-leão-dourado – que é uma espécie exclusiva da Mata Atlântica – como se fosse uma das espécies encontradas na Amazônia.

No âmbito dos algoritmos, essa notícia foi ao topo imediatamente, porque foi a mais repercutida. As pessoas identificavam o erro e comentavam nas postagens, fazendo com que cada postagem tivesse centenas de comentários negativos. O algoritmo fez sua parte: identificou a postagem como popular e a sugeriu a milhões de pessoas como se fosse um vídeo contendo informações verdadeiras.

---

<sup>2</sup> <https://oglobo.globo.com/brasil/salles-posta-video-com-animal-da-mata-atlantica-para-defender-que-nao-ha-queimadas-na-amazonia-1-24632181>

Assim, os algoritmos das redes sociais favorecem as *fakes news*, pois eles são produzidos para gerar visualizações, que, atualmente, representam também monetização. Isso é observado pela professora Cathy O'Neil, na obra "*Algoritmos de destruição em massa*". O'Neil, professora de matemática na Universidade de Havard, afirma:

Uma justificativa comum é de que o algoritmo constitui um "molho secreto" crucial aos negócios. No caso de gigantes da web como Google, Amazon e Facebook, esses algoritmos precisamente talhados valem sozinhos centenas de bilhões de dólares. Os administradores são, por projeto, caixas-pretas impenetráveis. Isso torna mais difícil ainda responder a segunda pergunta: o modelo funciona contra os interesses do sujeito? Em resumo, é injusto? Ele danifica ou destrói vidas? (O'NEIL, 2020, p. 47).

Essa passagem do livro de O'Neil, reflete exatamente o que está por trás dos algoritmos aplicados nas redes sociais, que são os interesses financeiros, e merece destaque a última parte da citação, "Ele danifica ou destrói vidas?".

Com isso, se um indivíduo publica uma *fake news* em uma determinada rede social, automaticamente essa falsa notícia estará disponível para todos seus amigos nessa rede e será sugerida para os amigos as demais redes. Outra funcionalidade do algoritmo também é a sugestão de amizade entre os indivíduos que compartilham tópicos similares ou do mesmo interesse. Com isso, na maioria das redes há a possibilidade de criação de grupos específicos, restritos a pessoas que possuem os mesmos interesses, pensamentos e ideias.

Esses grupos representam um campo aberto e sem restrições para a disseminação de notícias falsas, nos quais as mentiras se tornam verdades absolutas, já que os grupos são restritos à pessoas que compartilham as mesmas ideias e caso um de seus componentes expresse opiniões diferentes pode ser removido do grupo.

Outra mudança tecnológica que favoreceu as *fake news* foi o sistema de mensagens instantâneas feito para aparelhos celulares. Atualmente, esse sistema que substituiu o sistema de SMS, permite que as falsas notícias circulem livremente entre seus usuários. Além do mais, possibilitam também o recebimento de diversos arquivos de mídia, como textos, fotos, vídeos e documentos. Dentre eles, destacam-se o *WhatsApp* e o *Telegram*, que já se tornaram alvos de polêmicas por favorecerem a livre disseminação de *fake news*, sofrendo processos na justiça brasileira.

Na Figura 2 – Tela de abertura do *app Telegram*, podemos observar uma das medidas tomadas pelo aplicativo *Telegram* após ter sido obrigado a suspender suas atividades por decisão do Supremo Tribunal Federal. Ao abrir o aplicativo, há uma mensagem do próprio *Telegram* ao usuário mostrando uma mensagem de alerta contra *fake news* com o *link* do canal oficial do Tribunal Superior Eleitoral no próprio *Telegram*.

Figura 2 – Tela de abertura do *app Telegram*



Fonte: Tela de abertura do *app Telegram*

O *Telegram* foi suspenso no Brasil em 18 de março de 2022. O bloqueio foi determinado depois que a rede não respondeu formalmente ao pedido da Suprema Corte para apagar perfis ligados ao blogueiro bolsonarista Allan dos Santos. Entretanto, no dia 23 de março de 2022, o *Telegram* teve seu bloqueio suspenso após excluir os perfis de – apenas – algumas pessoas que compartilhavam e criavam falsas notícias.

Contextualizando, Allan dos Santos é um *youtuber* e blogueiro que está atualmente foragido da justiça brasileira e é uma das figuras de maior importância da mídia *on-line* associada a Olavo de Carvalho, sendo um dos mais populares nas redes sociais da extrema-direita brasileira. Tornou-se especialmente conhecido pela disseminação de notícias falsas, crime pelo qual tem prisão preventiva decretada. Era dono do extinto portal Terça Livre, sendo considerado um elemento-chave do chamado “Gabinete do Ódio” durante o governo do ex-presidente Bolsonaro.

As redes sociais permitem que outros aplicativos ou plataformas interajam com elas. Essa interação é permitida através de *hiperlinks*, que são representados por um texto destacado ou uma imagem, na qual, ao ser clicada um atalho é aberto

dentro da própria rede social ligando-a à outra plataforma, como o *Youtube* no caso de vídeos ou *Podcasts* no caso de áudio.

Ainda no campo das ferramentas digitais, merece destaque a utilização de plataformas de vídeo. Dentre elas o *Youtube*, que é uma plataforma *on-line* que permite a criação e o consumo de conteúdos em vídeo via *streaming*. Ou seja, para assistir aos vídeos publicados, não é necessário fazer nenhum tipo de *download*, basta estar conectado à *internet*, permitindo que os usuários carreguem, assistam e compartilhem vídeos em formato digital.

Ademais, o *Youtube* também representa um importante aliado das *fake news*, sendo utilizado por diversos apoiadores do referido governo para propagar inúmeras informações falsas sobre a Amazônia. O próprio ex-presidente passou a utilizar essa plataforma para exibir seu programa de entrevista semanal intitulado “Live com o Presidente”. Na live do dia 9 de dezembro de 2021, por exemplo, divulgou a *fake news* de que a floresta amazônica “não pega fogo” por ser úmida. A declaração já teria sido feita por Bolsonaro outras vezes para responder críticas sobre a política ambiental do governo e o combate às queimadas na região. Na Figura 3 – Live da semana PR Bolsonaro 09/12/2021, podemos perceber que o formato da apresentação da live é simples e o ex-presidente possui na mesa apenas alguns papéis marcados.

Figura 3 – Live da semana PR Bolsonaro 09/12/2021



Live da semana / PR Bolsonaro (09/12/2021).

Fonte: *Youtube*<sup>3</sup>

As palavras do ex-presidente foram concluídas com “Não pega fogo na Amazônia. Você pode jogar um galão de gasolina lá na mata que não pega fogo. A floresta é úmida. O que pega fogo é o entorno”. Na mesma entrevista o ex-

<sup>3</sup> [https://www.youtube.com/results?search\\_query=live+com+o+presidente+09+12+2021](https://www.youtube.com/results?search_query=live+com+o+presidente+09+12+2021)

presidente tentou defender a regularização de latifúndios que beneficiariam garimpos e madeiras divulgando a informação falsa de que em seu governo houve uma redução no número de focos de queimadas e que a floresta amazônica possuía, na época, uma área preservada equivalente a 90%.

Parecidos com plataformas de vídeos, existem também os *podcasts*, que são programas de áudios, surgidos para substituir os antigos programas de rádio, que ficam disponíveis em dispositivos com acesso à internet, ficando grande parte dentro do próprio *Youtube*. Esse tipo de programa de áudio teve grande influência no período do referido governo, uma vez que foi utilizado para efetuar entrevistas nas quais eram disparadas várias *fake news*.

Atualmente, mesmo com todos os filtros utilizados para bloquear as *fake news*, ainda encontramos várias entrevistas contendo informações falsas ou informações parcialmente verdadeiras utilizadas para manipular o entendimento de seus ouvintes. Merece destaque a entrevista que foi divulgada no dia 22 de abril de 2022, concedida pelo ex-ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, ao *podcast* intitulado “canal arte da guerra”. Como podemos observar, na Figura 4 – Canal arte da guerra, o próprio *slogan* do *podcast* é apresentado com símbolo militar.

Figura 4 – Canal arte da guerra



Fonte: *Youtube*<sup>4</sup>

Nesse *podcast*, Ricardo Salles reproduziu uma série de informações falsas sobre a Amazônia. Dentre elas, a de que o desenvolvimento financeiro do país só poderia ocorrer por meio da exploração de minérios, madeira e agropecuária na

<sup>4</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=eGm1h7A8-h4>

Amazônia e as Organizações Não Governamentais – ONGs, seriam as responsáveis por impedir o crescimento do Brasil.

Em outro momento, Ricardo afirmou que as ONGs possuíam o objetivo de fazer com que o Brasil perdesse parte de seu território para outros países. O ministro atacou também as Universidades Federais dizendo que seus acadêmicos recebiam dinheiro de ONGs para produzirem trabalhos de conclusão de curso voltados para a desqualificação de garimpos, madeireiras e o agronegócio na região amazônica. Além disso, ele afirmou também que os professores também recebiam dinheiro para pesquisas falsas e disseminação do que ele denominou como “terrorismo climático”.

Ainda no campo da educação, Ricardo Salles concluiu afirmando que tanto os professores das Universidades Federais quanto os professores do ensino básico estavam doutrinando os alunos para perderem o que ele chamava de “soberania nacional”, deixando claro que as ONGs na Amazônia estariam por trás de um grande esquema como objetivo de fornecer parte do território nacional para os Estados Unidos e países da Europa.

Também existem os portais digitais, que são plataformas baseadas na *Web* que coletam informações de diferentes fontes e são voltadas para um segmento específico que concede aos usuários as informações mais relevantes de acordo com seu contexto. Esses portais potencializam as *fake news*, pois produzem materiais com melhor qualidade e embasamentos. Entre um dos principais portais que favoreceram as *fake news* neste período destaca-se o portal denominado “Brasil Paralelo”.

A empresa Brasil Paralelo Entretenimento e Educação S/A, mais conhecida por seu nome fantasia Brasil Paralelo, foi fundada em 2016, em Porto Alegre, e produz vídeos sobre política e história sob um viés da chamada direita conservadora. Seus vídeos são publicados no *YouTube* e, desde 6 de abril de 2021, na plataforma Panflix do grupo Jovem Pan. Jornalistas e historiadores definiram a empresa como próxima ao governo Bolsonaro e suas produções foram classificadas como tendo um viés político ligado à extrema-direita conservadora.

Além disso, os conteúdos deste portal são alinhados às ideias de personalidades brasileiras de tal espectro, como Olavo de Carvalho, Jair Bolsonaro e Ernesto Araújo. O portal têm sido criticado por distorcer fatos da atualidade relacionados à história do Brasil e de Portugal.

Em 9 de dezembro de 2019, a série Brasil: A Última Cruzada passou a ser exibida na TV Escola, canal de televisão estatal vinculado ao Ministério da Educação. A exibição foi repudiada pela regional São Paulo da Associação Nacional de História, que classificou o material como "propaganda ideológica de um grupo extremista", contendo "versões mentirosas e negacionistas da História". A produtora afirma que seus conteúdos são despidos de qualquer ideologia política e rechaça as críticas de acadêmicos e jornalistas.

Esse tipo de serviço, como o desse portal, quase sempre representa o último caminho da *fake news*, pois, para chegar até o portal, ela passou por diversas mídias e redes sociais, se consolidando entre os grupos de pessoas que aceitaram essas informações falsas como se fossem verdades.

No caso das falsas notícias que objetivaram o favorecimento do garimpo, extração de madeiras, caça e pesca na Amazônia, foi observado que primeiramente ganhou repercussão nos grupos de serviços de mensagens – *WhatsApp* e *Telegram* – em forma de mensagens de texto, fotos e imagens. Em seguida, esses mesmos grupos de mensagens passaram a divulgar vídeos amadores, editados para despertar o interesse dos usuários. Após isso, as redes sociais *Facebook*, *Instagram*, *Twitter* e outras também divulgaram esse material usando seus algoritmos para disseminar essas informações falsas entre pessoas e grupos.

Levando em consideração a amplitude que o assunto alcançou, essas informações passaram a ser discutidas em plataformas de áudio e vídeo, *Podcasts*, *Youtube* e outros. Só a partir de então foram incluídas nos portais, como podemos observar na Figura 5 – Brasil Paralelo:

Figura 5 – Brasil Paralelo

As verdadeiras causas e interesses por trás das queimadas da Amazônia



Fonte: Brasil Paralelo<sup>5</sup>

<sup>5</sup> <https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/queimadas-na-amazonia>



O portal é responsável por criar um material com melhor qualidade, amparado por pesquisas, usando entrevistas e vídeos como recursos. Porém, quando utilizado para cunho ideológico e político representa uma potente arma a favor das *fake news*, sendo citado como referência para se confirmar as falsas notícias. Desta forma, são observadas no portal “Brasil paralelo” por meio da reportagem intitulada “As verdadeiras causas e interesses por trás das queimadas na Amazônia”, pesquisas falsas e notícias parcialmente verdadeiras para tentar justificar as queimadas. Na reportagem fica subentendido que existe um complô contra o crescimento do país exercidos por ONGs, empresários, países da Europa e celebridades internacionais.

As mudanças tecnológicas também forçaram os meios de comunicação tradicional a se adequarem à nova realidade oriunda da internet. Dentre eles as emissoras de televisão, de rádio e os jornais, que passaram a utilizar as redes sociais, e até mesmo a criar aplicativos próprios, para fazer parte desse novo modelo. Desta forma, algumas dessas emissoras e jornais contribuíram de forma direta para espalhar *fake news* massivamente, sempre amparadas por um cunho ideológico ou político.

Esse é o caso a emissora de rádio “Jovem Pan”, que, após a eleição de Bolsonaro passou a investir pesado na promoção do Governo, aumentando os números de jornalistas, comentaristas e programas apenas com a intenção de defender as ideias de Bolsonaro. A emissora criou um Panflix, canal de *streaming* da Jovem Pan, uma plataforma independente que pode ser utilizada tanto nos celulares quanto nos aparelhos de televisão, no qual os principais conteúdos estão relacionados com jornalismo, entrevistas e reportagens.

O Panflix também representou uma ferramenta para disparar informações falsas, principalmente por efetuar entrevistas com pessoas ligadas ao governo, nas quais seus jornalistas eram abertamente defensores das ideias do ex-presidente, mesmo que essas ideias tivessem que ser fomentadas por *fake news*. Foi o caso da entrevista feita no dia 12 de abril de 2022, em que, no jornal da manhã no canal Panflix, o então presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Marcelo Xavier disparou várias informações falsas para defender a legalização do garimpo na Amazônia.

Na ocasião, Xavier se referiu aos empresários donos dos garimpos como necessitados e alegou que os indígenas da etnia Yanomami eram a favor da

regularização do garimpo em suas áreas. Na Figura 6 – Panflix, podemos observar que o presidente da Funai aparece ao lado do ex-ministro do meio ambiente. Ressaltamos que a Panflix é uma plataforma independente e não depende do *Youtube* para ser transmitida.

Figura 6 – Panflix



Fonte: Panflix<sup>6</sup>

Por ser uma plataforma independente não sofre as mesmas regras de restrição de conteúdos aplicadas na plataforma do *Youtube*. Não existe um filtro que bloqueie os vídeos que contenham informações falsas, sendo um campo livre para a propagação de *fake news*, que ganham um grande alcance nesse formato de jornalismo. Na entrevista citada, o presidente da Funai, que a nosso entender deveria defender os povos indígenas, tratou os empresários garimpeiros como vítimas e os indígenas como protagonistas no papel de indivíduos que impedem o crescimento do país. Dentre várias informações falsas, Marcelo Xavier afirma:

Não há nenhum tipo de exploração em área indígena que não tenha a anuência dos índios. Esses índios são pagos e existe uma concentração de renda com desarticulação social e esses minérios são levados ao exterior por receptores. Os garimpeiros trabalham em condições insalubres e o que eu vejo é que está na hora de fazer o que a constituinte original determinou em 1988. (XAVIER, 2022).

Essa fala do presidente da Funai nos leva a refletir sobre inúmeros problemas sociais que o garimpo ilegal trouxe aos indígenas da etnia Yanomami. Porém, nota-se a preocupação com os garimpeiros e que esses garimpeiros merecem a

<sup>6</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=YOZwvIOHGrM>

legalização de seu trabalho para terem melhor condição e vida. A *fake news* está na narrativa, na forma como ele colocou a figura dos indígenas se sobrepondo aos garimpeiros. Nessa perspectiva, os garimpeiros foram explorados e sustentaram os Yanomamis, que por sua vez, gastaram o dinheiro com bebidas alcoólicas e perderam sua identidade.

Esse novo contexto da sociedade contemporânea suscita a relação intensa entre a sociedade e a tecnologia. Com a evolução da tecnologia da informação, vislumbrou-se o desenvolvimento de uma sociedade em rede que interliga e conecta pessoas de diversos lugares do mundo, estreita laços em torno de situações, gostos ou pessoas em comum. Nesse panorama, evidencia-se, sobretudo, o potencial das redes sociais para a disseminação das *fake news*.

Como observamos no decorrer deste tópico, as mudanças tecnológicas fortaleceram as *fake news* e, ao longo desses últimos anos, a *internet* revolucionou os meios de comunicação. Porém, como veremos no próximo tópico, por mais que os meios de comunicação representem uma importante ferramenta para disseminação das *fake news*, precisamos compreender como essas falsas notícias são construídas e articuladas para despertar o interesse dos usuários.

### **1.3. A influência das *fake news* sobre poder do discurso**

Para entendermos de que forma as *fake news* passaram a objetivar a Amazônia, precisamos compreender como o poder do discurso foi utilizado de forma indevida para alcançar objetivos ideológicos. Nesse sentido, buscaremos conceitos para o poder do discurso com o intuito de contextualizá-lo com nossa realidade.

Atualmente, podemos perceber o quão poderoso é o discurso, principalmente quando ele é usado e difundido em forma de *fake news* para objetivos ideológicos, tentando transformar mentiras em verdades absolutas para beneficiar classes e entidades específicas.

O sucesso de uma *fake news* nos faz pensar o modo como sujeito e mídia se entrelaçam e interpelam pelo discurso até chegar ao ponto de produzir sentidos. A denominação atual de *fake news* remete ao que se conhece popularmente como boato. Para a Análise do Discurso isso é uma formação discursiva. A professora Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi, especialista em Linguística, ex-professora da USP e Unicamp e responsável pela introdução da Análise do Discurso no Brasil, define boato na obra “Análise de Discurso: princípios e procedimentos”, como:

Boato ocorre quando particularidade destas formas discursivas se textualizaram pela não coincidência com o dito, por serem formulações que circulam, ou melhor, cujo funcionamento discursivo mais relevantes está em sua circulação. Há um movimento, fluidez, entre a constituição de sentidos, sua formulação e a circulação. [...] como o boato adquirem sentido e cumprem seu papel se circularem. (ORLANDI, 2009, p.32).

Na comunicação midiática, o boato é visto como uma complexa construção social disseminada pelas redes sociais que todos acessam. O boato é uma notícia de teor duvidoso, pois normalmente é baseado em informações incompletas e que possuem pouca ou nenhuma verdade, mas possuem um objetivo.

Partiremos então para o entendimento da linguagem que possui função social e representa um meio de comunicação através do qual mensagens e informações são construídas e repassadas. Essa linguagem também pode ser compreendida como a própria comunicação que é constituída na sociedade, ou seja, a linguagem reflete e refrata a própria sociedade.

Logo, se a palavra “tem poder”, compreendemos através do entendimento do filósofo francês Pierre Bourdieu, na obra “*O poder simbólico*”, “que o poder das palavras não está nas palavras, mas sim que é preciso buscá-lo onde ele não está”. O poder não está nas palavras em si, mas na legitimidade que lhes é conferida pelos que falam e pelos que escutam. O poder da palavra é poder de mobilizar a autoridade acumulada pelo falante e concentrá-la num ato linguístico, no qual a linguagem pode ser entendida também como discurso e, portanto, mecanismo de poder simbólico de construção da realidade, que tende a estabelecer uma ordem de conhecimento e apreensão, e, nessa perspectiva, uma visão de mundo. Pierre Bourdieu explica o poder simbólico:

“O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que obtido pela força (física ou económica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário” (BOURDIEU, 1989, p. 14).

Com essa abordagem, entende-se que *as fakes news* representam uma arma muito poderosa, na qual, de acordo com Bourdieu (1989), a força das palavras se exerce então na sua ação comunicativa. Elas veiculam valores, significados e ideologias que se confrontam no cotidiano dos agentes sociais, e, desse modo, se configuram formas de dominação e exercício de poder.

Essas considerações evidenciam que a linguagem exerce um poder e se constitui em um instrumento que age sobre o mundo. Portanto, transforma e modifica a sociedade. O poder do discurso utilizado nas *fake news* é representado como um poder simbólico. Então, compreendemos que as redes sociais em que essas *fake news* são disseminadas têm um poder de influência e dependem da ação das forças simbólicas presentes. É nesse sentido que se pode relacionar a ação do poder simbólico à ação da mídia. Isto porque o exercício do poder simbólico implica uma cumplicidade entre os que o exercem e os que a ele se submetem.

O poder simbólico é uma manifestação transformada de outros poderes, seja ele político, econômico ou religioso, encontrados em situações de dominação real. Os poderes se intercomunicam e fazem com que as relações sociais sejam frequentemente atingidas por eles. A partir do momento em que esses poderes são transformados em simbólicos, estão sob a influência da crença e da ignorância não só de quem o exerce, mas também de quem o sofre. Isso é observado nas *fake news*, em que uma mentira se transforma em uma verdade.

O discurso apresentado nas notícias vinculadas pelas redes sociais se coloca então como autoridade e detentora de poder simbólico, pois detêm o poder de produzir pontos de vista sobre o mundo. Essa influência é fundamental na construção do mundo social, seja pelas classificações e/ou designações que emite, seja pelo ordenamento a que obedece e faz obedecer. Além de reproduzir as relações de poder, o poder simbólico exerce o papel fundamental de possibilitar maneiras de fazer e de mudar o mundo pela imposição de uma determinada visão, permitindo um novo olhar, uma nova interpretação sobre os fatos, os acontecimentos e a própria história.

No entendimento do filósofo francês, Michel Foucault, na obra “A microfísica do poder” a constituição do poder se dá a partir de saberes que perpassam o processo discursivo. É importante ressaltar os saberes que são vinculados pela mídia sobre a realidade cotidiana. A mídia, nesse caso, é representada pelos meios de comunicação tradicionais e pelas diversas redes sociais. É na relação de construção de realidade a partir do discurso que se estabelecem relações de poder entre mídia e sociedade. Sobre isso, Foucault afirma que:

Como foi observado, existe uma relação entre saber e poder. O poder é uma construção social tão infiltrada nas relações entre as classes que, por vezes, se confunde com o seu mecanismo: “Poder que não se encontra somente nas instâncias superiores da censura, mas que penetra muito

profundamente, muito sutilmente em toda a trama da sociedade.” (FOUCAULT, 2007, p. 42).

Compreendemos que as formas de poder não podem ser possuídas. Portanto, não existe em nenhuma sociedade divisão entre os que detêm e os que não detêm poder. O poder é prático, ou você exerce ou não exerce poder, criando relações entre você e aquele que não exerce poder. Ao contrário, são manipulados pelos que praticam.

É preciso compreender o saber quanto conhecimento, como uma forma de poder, em que este não está estabelecido verticalmente, mas sim como algo multidirecional, presente em todas as ramificações da sociedade, em todas as suas formas. Com isso, Foucault (1986), na obra “Arqueologia do saber”, esclarece a importância desse saber para a formulação do discurso:

Um saber é aquilo que podemos falar em uma prática discursiva que se encontra assim especificada, é o espaço em que o sujeito pode tomar posição para falar dos objetos de que se ocupam seus discursos. É também o campo dos enunciados em que os conceitos aparecem se define, se aplicam e se transformam. (FOUCAULT, 1986, p.220).

A teoria de Foucault sobre o poder nos instiga a estender suas análises também ao que se observa em relação à mídia, isto porque os dispositivos de poder, de saber e verdade atuam, seja nos discursos, seja nos mecanismos de controle exigidos para a manutenção de situações de dominação. Os discursos veiculados pela mídia influenciam o modo como a sociedade vê e percebe a realidade, isto também porque ela se coloca como um “espelho” diante da sociedade. Entretanto, a realidade cotidiana é multifacetada. Portanto, a face mostrada pela mídia salienta uma forma de dominação. A autoridade que lhe é conferida por representar tradicionalmente a opinião pública na sociedade lhe permite emitir certos discursos que são autorizados pelo próprio papel que desempenha na sociedade.

Dessa forma, o poder midiático é uma forma de poder que joga com a possibilidade de influenciar e de seduzir um público, modificar e transformar comportamentos e promover decisões. No entanto, o poder de influenciar não é exclusivo da mídia, pois os mesmos efeitos podem ser obtidos, por exemplo, via religião. É pertinente notar, entretanto, que o poder da mídia faz funcionar mecanismos de projeção e identificação, agindo sobre o imaginário coletivo. Nesse sentido, as estratégias são usadas para a criação de um real no qual alguns fatos são excluídos enquanto outros viram acontecimento e ganham status de notícia.

Esse poder de publicizar fatos cotidianos é um dos mecanismos pelo qual a mídia se coloca como legítima 'porta-voz' da sociedade.

Então, para a construção do discurso o saber representa um ponto importante, pois se correlaciona com o poder para a construção de verdades. Para (FOUCAULT, 1996).

Assim, a relação de poder e saber nas sociedades modernas possuem o objetivo de produzir "verdades" cujo interesse essencial é a dominação do homem. Trata-se de práticas políticas utilizadas pelas classes dominantes a fim de manipular o indivíduo. A relação entre saber e poder é vista como uma espécie de reciprocidade. O exercício do poder cria perpetuamente saber e, inversamente, o saber acarreta efeitos de poder. (FOUCAULT, 1996, p. 80).

Com isso, podemos entender a importância do saber na construção do discurso, em que este possui o propósito de produzir verdades. Nota-se que a palavra verdade na citação está destacada, pois ela não representa a realidade, mas sim o interesse de manipular o discurso para alcançar seu objetivo.

De acordo com Foucault, o discurso nada mais é do que um conjunto de pensamentos que são oriundos de relações de poder entre os indivíduos, defendendo e legitimando as ideologias de quem os promove. Ou seja, [...] "o discurso sempre se produziria em razão de relações de poder" (FISCHER, 2001, p.199).

Um discurso é produto da sua época, do poder e saber de seu tempo. Por isso ele não se preocupa em entender como esta prática enunciativa era efetuada no passado, mas sim, busca evidenciar esta abordagem como uma prática do presente do indivíduo e como forma de poder. Como podemos observar na obra "A ordem do discurso", Foucault (1996) afirma que:

A noção de Discurso é empregada como: Um conjunto de regras anônimas, históricas sempre determinadas no tempo espaço, que definiram em uma dada época, e para uma área social, econômica, geográfica, ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciativa. (FOUCAULT, 1996, p. 43).

Nessa perspectiva, o discurso age de maneira que construa uma informação atuante em prol de um objetivo. Então, para entendermos a influência das *fake news* sobre poder do discurso, precisamos saber que todo o discurso político é regido pelo objetivo da persuasão. Não se trata de questionar se é uma verdade de fato, mas de compreender qual o papel daquela informação no imaginário das pessoas que estão recebendo esse discurso.

A construção dessas verdades se dá de maneira coletiva, atuando no discurso político de modo a corroborar com os ideais de povo. Quando o enunciador propõe trabalhar com essas verdades busca encontrar no interlocutor apoio e garantia de que seu discurso atende aos padrões mínimos de sentido, ou seja, é decodificado.

O discurso é uma prática que relaciona a língua com “outras práticas” no campo social. Ou seja, as práticas discursivas se caracterizam de algum modo como elo entre discurso e prática. Significa afirmar que este conceito reúne elementos tanto da fabricação e ajuste dos discursos - compostos por uma unidade de enunciados - quanto da aplicação e produção destes, nas instituições e nas relações sociais, definindo, assim, um saber, além de determinar funções e formas de comportamento numa época. Um modo de pensamento que se opõe à intuição.

[...] certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irreduzíveis à língua e ao ato da fala. É esse “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever. (FOUCAULT, 1986, p. 56).

A verdade muitas vezes é compreendida como uma virtude do ser humano, sendo difícil ser analisada, mas todos os temas inseridos num discurso político são passíveis de análise, porque são construídos do social e para o social, configurado, portanto, como uma verdade factual. A verdade factual advém de fatos e eventos que o homem tem a possibilidade de instaurar como imaginários de verdade. Sem dúvida, a verdade factual é mais frágil que a verdade racional, a ciência, que trabalha por meio da comprovação direta de dados. Um fato, pode ser instaurado ou apagado, dependendo dos interesses. Portanto, a verdade factual é um tipo de verdade nutrida e atualizada pelo social.

Dessa maneira, através das *fake news* sobre a Amazônia, foram provocados diversos problemas para a sociedade, pois o locutor, ou melhor, dono do poder discursivo, se atém do discurso ideológico como forma de comunicação enunciativa, para que o enunciado se firme e perdure, tendo repercussão, ao passo que o interlocutor se apropria deste material, ora sem conhecimento da verdade – ou talvez desinteresse por ela, utilizando-se de interesses particulares de cunho ideológico da pós-verdade como guia, neste escopo – ora por emoção, pois muitas vezes partilham desinformações para gerar realmente alarde social em grande proporção.



Nas palavras de José Luíz Fiorin, ex-professor de linguística da USP e especialista em Análise do Discurso, na obra “Linguagem e ideologia”, “[...] todos os discursos têm um componente argumentativo, uma vez que todos visam persuadir” (FIORIN, 2008, p. 75). A partir desse pressuposto, percebe-se a importância do momento de execução do discurso, o espaço do ato discursivo, mas principalmente Fiorin destaca acerca da finalidade de qualquer discurso que seja proferido, seja oral ou escrito. Nele existe esse ponto crucial, que é convencer, trazer uma informação, ou melhor, persuadir o interlocutor a acreditar no que está sendo proposto pelo dono da fala naquele momento.

O poder do discurso, nesse sentido, foi observado inúmeras vezes no governo de Bolsonaro, que desde o início da campanha utilizou as mídias sociais para fazer propaganda eleitoral e repassar informações de contexto ideológico. Após ser eleito, Bolsonaro, passou a apresentar uma *live* semanal, sempre às quintas-feiras, com um programa voltado para seus seguidores. Muitas vezes repassando informações falsas e, como exemplo, podemos citar o programa do dia 16/07/2020, no qual ele afirmou que “uma parte considerável de quem desmata, às vezes até no mesmo lugar, é o indígena, é o caboclo”.

Essa fala surgiu em decorrência da apresentação dos dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), divulgados no dia 10/06/2020, em que foi mostrado que nos sete primeiros meses daquele ano, o Brasil havia perdido 3.070 quilômetros quadrados de floresta amazônica. Ainda no mesmo dia, inúmeras notícias falsas foram repassadas nas redes sociais voltadas para a desqualificação da imagem dos indígenas e dos povos da Amazônia.

Nessa perspectiva, os responsáveis pelas queimadas, garimpos, poluição e desmatamento seriam os próprios indígenas, amparados por ONGs internacionais. Logo, as redes sociais como o *Facebook*, *Twitter*, *Youtube* e *Instagram* foram bombardeadas com notícias, vídeos e imagens voltadas para mostrar que os verdadeiros culpados eram os indígenas e os povos da Amazônia. Entre os grupos criados para bolsonarista no *WhatsApp* e *Telegram*, essas mentiras se tornaram verdades absolutas e rapidamente foram repassadas para outros grupos representando uma verdadeira corrente de informações falsas. Na figura abaixo, Figura 7 – Fake news em vídeos, que foi retirada de um grupo bolsonarista da rede social *Facebook* logo após a fala do ex-presidente, podemos perceber a representação dos indígenas e do meio ambiente.

Figura 7 – Fake news em vídeos



Fonte: Youtube<sup>7</sup>

As entrevistas foram veiculadas por grupos no *Facebook* com apresentação feita pela plataforma *Youtube*. O primeiro vídeo, representa uma entrevista feita ao político Ricardo Felício, que também é geógrafo e meteorologista, e se dizia apoiador das ideias de Bolsonaro. Ricardo afirmou não existir aquecimento global, e que o governo deveria se preocupar em preservar as cidades, as áreas urbanizadas e não as florestas, pois, em sua opinião, também não existem queimadas.

No segundo vídeo, a índia bolsonarista Ysani Kalapalo afirmou que a culpa das queimadas era dos próprios indígenas e que os povos da Amazônia eram os únicos culpados pelas poucas queimadas existentes na região.

A partir das informações repassadas pelas redes sociais e da repercussão entre os apoiadores do ex-presidente, podemos observar que outros meios de comunicação também foram responsáveis pela disseminação de informações falsas. A rede de rádio Jovem Pan e a rede de televisão SBT, ambas assumidamente apoiadores de Bolsonaro, naquele período contribuíram mostrando reportagens que desqualificavam a imagem dos indígenas.

Neste sentido, no discurso essas *fake news* foram repassadas como verdade, pois estavam amparadas pela ideologia. De acordo com o filósofo francês Michel Pêcheux, considerado um dos fundadores da Análise do Discurso, na obra “Por uma análise automática do discurso”, o discurso representa:

Um dos aspectos da materialidade ideológica, por isso, ele só tem sentido para um sujeito quando este o reconhece como pertencente a determinada formação discursiva. Os valores ideológicos de uma formação social estão representados no discurso por uma série de formações imaginárias, que

<sup>7</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=5Qzc2KthKt4> e <https://www.youtube.com/watch?v=r9i8DhzHlws>

designam o lugar que o destinador e o destinatário se atribuem mutuamente (PÉCHEUX, 1990, p.18).

Nesse aspecto, a "ideologia" é um conjunto de representações dominantes em uma determinada classe dentro da sociedade. Como existem várias classes, várias ideologias estão permanentemente em confronto na sociedade. A ideologia é, pois, a visão de mundo de determinada classe, a maneira como ela representa a ordem social. Desta forma, a linguagem é determinada em última instância pela ideologia, pois não há uma relação direta entre as representações e a língua.

Com isso podemos dizer que o discurso contido nas *fake news* é produzido para exercer efeitos de pânico na sociedade ou atrapalhar procedimentos de organização social, se espalhando em virtude de certa fragilidade na esfera social, buscando "responder" mesmo que de forma indefinida a ambiguidade vivenciada.

Então, um antigo discurso ganha uma nova roupagem com o advento das redes sociais. Trata-se do discurso de ódio, que nos últimos anos tomou conta dos noticiários de nosso país. É certo que não existe uma única definição para discurso de ódio, pois todas são bastante parecidas. Merece destaque a definição de Samantha Ribeiro Meyer-Pflug, doutora em Direito, que na obra "Liberdade de expressão e discurso do ódio" o define como sendo "ideias que incitem a discriminação racial, social ou religiosa em determinados grupos, na maioria das vezes, as minorias". Entretanto, podemos ver que nesta definição são abordados apenas os pontos de discriminação racial, social ou religiosa, mas devemos considerar também o gênero, orientação sexual, peso, algum tipo de deficiência, classe, dentre outros.

Esse discurso de ódio frequentemente é observado nas redes sociais, sendo transmitidos nas *fake news* em forma de mensagens, imagens e vídeos. Normalmente se inicia com uma frase dita em entrevistas por quem possui o poder, e a partir daí se cria uma narrativa que é desenvolvida para ter efeito através das *fake news*. Temos como exemplo Bolsonaro, em abril de 2017, quando ainda estava em campanha eleitoral fez ataques de cunho racista contra negros durante palestra no Clube Hebraica, no Rio de Janeiro. Ele também fez ofensas contra mulheres, homossexuais e refugiados, e ainda prometeu, caso fosse eleito presidente da República em 2018, acabar com todas as demarcações de terra para as comunidades indígenas. Ele afirmou:

“Pode ter certeza de que, se eu chegar lá, não vai ter dinheiro pra ONG [...] Não vai ter um centímetro demarcado para reserva indígena ou para quilombola. Onde tem uma terra indígena, tem uma riqueza embaixo dela. Temos que mudar isso daí” (BOLSONARO<sup>8</sup>)

O poder desse discurso de ódio criou uma série de notícias falsas que circulavam principalmente nos grupos de aplicativos de mensagens, com criação de charges, imagens e vídeos desqualificando os povos indígenas. Esses discursos possuem a intenção de enaltecer o autoritarismo nas relações políticas com o tema Amazônia, segregação racial e social sobre os povos amazônicos no qual os poderes se articulam a discursos e jogos de poder para produzir efeitos de verdade, fragilizando ainda mais a democracia e criando um cenário fantasioso e equivocado dos fatos.

O discurso de ódio reproduzido nas *fake news* produz um efeito devastador, tanto para quem o repudia quanto para quem o adota como verdade. Podemos observar isso nas palavras do Dr. Israel Pinheiro Matos, que em sua tese de doutorado na Universidade Federal do Amazonas retrata:

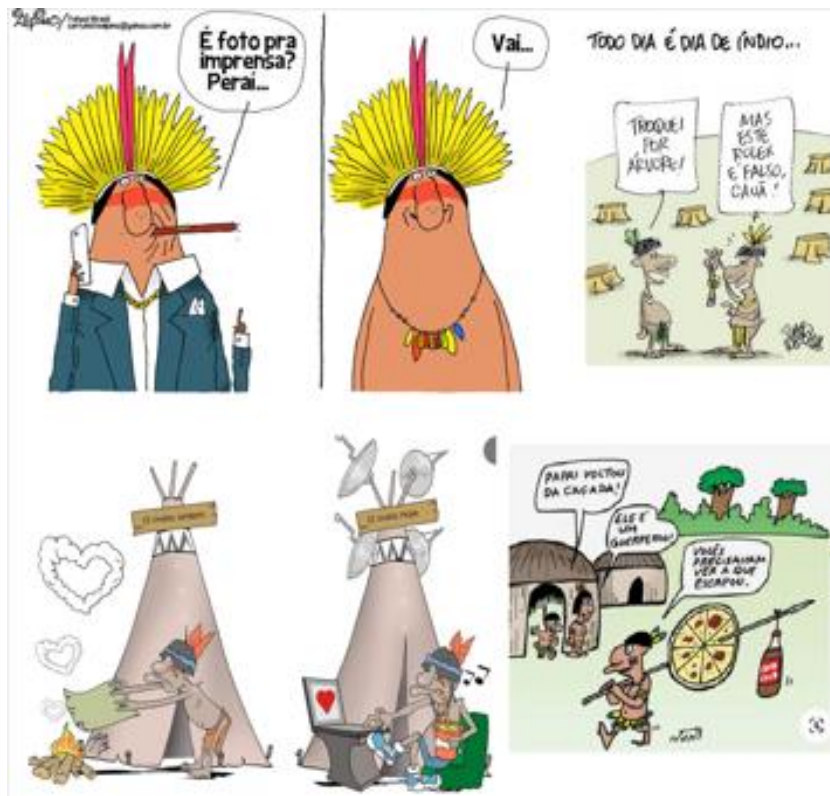
Temos três elementos importantes para compreender: o desejo de morte, a falsificação da realidade e o efeito de curto-circuito produzido a partir do que conhecemos como discurso de ódio. Esses elementos são efeitos e não o discurso em si, mas que nos ajudam a entender os dispositivos no qual o discurso de ódio no ciberespaço se desenvolve e funciona. (MATOS, 2022, p. 37).

Nesse sentido, as palavras citadas por Bolsonaro em sua campanha no Clube Hebraica incentivaram a criação de notícias falsas, repassadas até atualmente, e possuíam os três elementos. Na Figura 8 – Fake news apresentadas em forma de charge, podemos observar charges que foram compartilhadas em grupos bolsonaristas nas redes sociais logo após a fala do ex-presidente:

---

<sup>8</sup> <https://congressoemfoco.uol.com.br/projeto-bula/reportagem/bolsonaro-quilombola-nao-serve-nem-para-procriar/>

Figura 8 – Fake news apresentadas em forma de charge



Fonte: Facebook

Nas charges, que nesse caso são *fakes news*, podemos observar o poder do discurso de ódio retratado em imagens, que embora apresentem uma tendência humorística, possuem narrativas que desqualificam a imagem dos indígenas.

Como vemos no decorrer deste trabalho, muitas notícias falsas foram disseminadas ao longo destes quatro anos com o intuito de desqualificar as instituições de preservação e os povos da nossa região para beneficiar a exploração da floresta por empresários e empoderados.

## **2. Capítulo 2: *Fake news* na Amazônia: a influência de domínios, sites e aplicativos.**

O segundo capítulo tratou da influência dos domínios, *sites*, aplicativos e ferramentas que contribuíram para a degradação da Amazônia; dos métodos utilizados para um alcance extraordinário de compartilhamentos utilizando o discurso de ódio voltado para aliciar os usuários; e de como os algoritmos dão sugestões de amizades, conteúdos e notícias entre os participantes que despertam os mesmos interesses, e de que forma esses interesses migram para as outras redes sociais.

Ademais, tratou também dos métodos utilizados para validação de falsas notícias, como a criação de portais e plataformas em que o único objetivo é a disseminação de *fake news* como estratégia de governo, utilizando a técnica bolsonarista – que representa uma complexa rede de seguidores, apoiadores, militares, empresários e políticos unidos – para defender os interesses políticos ou pessoais do ex-presidente. Notícias como “Não existe aquecimento global”, “Quem destrói a floresta são os indígenas”, “Não existe queimada, pois a Floresta Amazônica é úmida”, dentre outras, são tratadas como verdades absolutas, em uma “bolha bolsonarista” que representa um mundo paralelo, atos irracionais e incompreensíveis, sendo considerados normais nessa realidade fechada.

### **2.1. A importância das mídias sociais, redes sociais e mídias digitais para a disseminação das *fake news***

Mídia social, rede social e mídia digital são três termos bastante parecidos, e ambos permitem a interação, ou o compartilhamento de informações entre seus usuários, que fizeram parte de um complexo esquema em rede para manipular informações com o intuito de beneficiar um candidato nas eleições de 2018. O sucesso dessas ferramentas foi tão expressivo que passaram a fazer parte dos planos políticos do ex-presidente Bolsonaro durante seu governo, funcionando como ferramenta de manipulação em massa.

A origem das mídias sociais está nos aplicativos de mensagens simples, cuja função única era a troca de mensagens entre os usuários. Dessa forma, a partir do momento em que há a interação entre os usuários, podemos classificá-las como mídias sociais. De acordo com Torres (2009), mídias sociais são:

[...] sites que permitem a criação e o compartilhamento de informações e conteúdos pelas pessoas e para as pessoas, nas quais o consumidor é, ao mesmo tempo, produtor e consumidor da informação. Elas recebem esse nome “social” porque são livres e abertas a interação de todos e o nome “mídia” porque são meios de transmissão de informações e conteúdo (TORRES, 2009, p113).

Um exemplo de mídia social são os blogs que representam *sites* que servem para publicar conteúdos, artigos e fotos, permitindo que as pessoas interajam através de comentários entre os leitores e até mesmo o com o próprio autor do conteúdo. O *WhatsApp* e o *Telegram* também são outros exemplos, pois neles também há a função de troca de mensagens e compartilhamento de conteúdo.

As redes sociais possuem um conceito parecido com o das mídias sociais, a diferença está na troca de informações por grupos. São exemplos delas, sites e aplicativos utilizados por pessoas e organizações que se conectam com clientes, familiares, amigos e outras pessoas que compartilham interesses em comum. O objetivo delas é a criação de um espaço virtual em que apenas as pessoas que compartilham do mesmo interesse possam interagir. De acordo com Musso (2006):

Rede social online é uma representação de relacionamentos afetivos ou profissionais entre indivíduos que se agrupam a partir de interesses mútuos e tecem redes informacionais por meio das trocas discursivas realizadas no ambiente virtual. Assim, para participar de uma rede social online, é preciso que o usuário estabeleça interação com o grupo, compartilhando suas afinidades e interesses comuns (MUSSO, 2006, p.34).

Nesse entendimento, temos o *Instagram* e o *Twitter* como exemplos pela possibilidade de aglutinação de usuários com os mesmos interesses automaticamente através da opção “seguir”. É importante destacar que tanto o *WhatsApp* quanto o *Telegram* podem assumir a função de redes sociais por meio dos grupos. De acordo com a definição de Musso (2006), *Facebook*, *LinkedIn*, *Instagram*, *Twitter*, *Snapchat*, *Pinterest*, *Youtube*, *Google+* e outros são exemplos clássicos de redes sociais, pois já nasceram com esse intuito, diferentemente do *WhatsApp* e *Telegram*, que precisaram se adequar para isso.

As mídias digitais representam todos os conteúdos criados para circularem tanto nas mídias sociais quanto nas redes sociais. Assim, os vídeos, as imagens, as fotos, os memes e as propagandas representam as mídias digitais. Ainda existem os *banners* em *sites* e anúncios pagos feitos através do *Facebook*, comerciais que antecedem vídeos no *Youtube*, *links* patrocinados e anúncios feitos no *Instagram*, que também são considerados mídias digitais. De acordo com Silva (2021):

Mídia digital é todo e qualquer conteúdo que tem como base principal o meio digital, mas não necessariamente só a internet como muitos se confundem, um conteúdo gravado em um pen drive também é uma mídia digital. Assim como existem as mídias impressas, as mídias digitais dependem de algum meio digital para que elas existam ou que sejam exibidas, acessadas ou consumidas (SILVA, 2021).

Durante o governo de Bolsonaro, a tríade mídia social, rede social e mídia digital passaram a compor uma estratégia de governo bem-sucedida, chamada *modus operandi* bolsonarista, na qual seguidores, simpatizantes, políticos, militares e empresários possuíam papel bem definido. Mídias digitais eram criadas em forma de memes, músicas, reportagens e vídeos exclusivamente para serem exibidas nas mídias sociais e redes sociais. Esse conteúdo era composto por informações falsas ou distorcidas, de caráter político, tentando justificar as falas do ex-presidente.

Um exemplo de mídias digitais é o conteúdo criado pela empresa Brasil Paralelo. Ela criou materiais para serem vendidos às escolas. Dentre os conteúdos existiam imensas distorções de fatos históricos e tinham como alguns de seus principais clientes escolas militares de todo o Brasil.

A empresa foi definida pela imprensa como próxima ao governo Bolsonaro, e suas produções foram classificadas como tendo um viés político ligado a extrema-direita conservadora, bem como alinhadas às ideias de personalidades brasileiras de tal espectro, como Olavo de Carvalho, Jair Bolsonaro e Ernesto Araújo. A empresa foi criticada por distorcer fatos da atualidade relacionadas à História do Brasil e de Portugal. Em 9 de dezembro de 2019, a série Brasil: A Última Cruzada passou a ser exibida na TV Escola<sup>9</sup>, canal de televisão estatal vinculado ao Ministério da Educação, mas sua exibição foi repudiada pela regional São Paulo da Associação Nacional de História, que classificou o material como "propaganda ideológica de um grupo extremista", contendo "versões mentirosas e negacionistas da História".

O poder das mídias digitais criadas pela empresa Brasil Paralelo seria extraordinário, e afetou diretamente a Amazônia nesse período, como podemos observar no exemplo da Figura 9 – Catálogo de produções da empresa Brasil Paralelo, que mostra o material produzido pela empresa Brasil Paralelo.

---

<sup>9</sup> <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/12/tv-ligada-ao-mec-vai-exibir-serie-sobre-de-historia-com-visao-de-direita.shtml>



Figura 9 – Catálogo de produções da empresa Brasil Paralelo

The image shows the website interface for 'BRASIL PARALELO', which includes a navigation bar with 'Entretenimento e Educação', 'Login', and 'Assine' buttons. Below the navigation bar is a grid of eight video thumbnails, each with a title and a subtitle:

- Thumbnail 1:** Title: *FUNDO AMAZÔNIA É FARÇA*; Subtitle: *O Fundo Amazônia é uma farça!*
- Thumbnail 2:** Title: *A morte de Marielle Franco*; Subtitle: *A culpa é dela*
- Thumbnail 3:** Title: *A MENTIRA: A AMAZÔNIA ESTÁ ACABANDO?*; Subtitle: *A Amazônia não está acabando*
- Thumbnail 4:** Title: *ELES NÃO VIERAM ESCRAVIZAR OS ÍNDIOS*; Subtitle: *Portugueses não vieram escravizar*
- Thumbnail 5:** Title: *AQUECIMENTO GLOBAL É UMA FARSA?*; Subtitle: *Aquecimento Global não Existe*
- Thumbnail 6:** Title: *DESMATAMENTO? "PAREM DE LER NOTÍCIAS E OLHEM PARA A REALIDADE"*; Subtitle: *O que é real?*
- Thumbnail 7:** Title: *"ÍNDIO GOSTA DE COCA-COLA E TOYOTA"*; Subtitle: *Índio deseja ser civilizado*
- Thumbnail 8:** Title: *CORTINA DE FUMAÇA*; Subtitle: *Cortina de Fumaça*

Fonte: Brasil Paralelo

Percebe-se que os vídeos e reportagens eram criados de acordo com a oratória do próprio ex-presidente<sup>10</sup>. Quando Bolsonaro tentou defender-se de acusações do assassinato de Marielle Franco, foi criada uma série de reportagens culpando a própria vereadora. O mesmo ocorreu quando o Pantanal sofreu com as queimadas e os jornalistas denunciavam o governo por não as combater. Como

<sup>10</sup> <https://www.estadao.com.br/politica/netflix-dos-bolsonaristas-gastou-r-328-mil-em-anuncios-de-facebook-e-instagram/>

resposta, foram criados documentários acusando os jornalistas de estarem espalhando notícias falsas sobre as queimadas.

Nota-se que os conteúdos criados pela empresa, além de distorcerem a realidade, são completamente irracionais. Dentre eles o de que não existe desmatamento na Amazônia, que a floresta Amazônica não pega fogo, que os indígenas desejam ser civilizados, que 100% do fundo Amazônico é desviado e grande parte vai para ONGs e até mesmo que os portugueses, durante o descobrimento, nunca tentaram escravizar os indígenas ou que os portugueses foram explorados pelos indígenas.

O material criado pela empresa é um exemplo de mídia digital bem estruturado e elaborado, distorcendo a realidade em prol de interesses políticos ou pessoais do próprio ex-presidente. Porém, outros materiais foram criados para circularem apenas entre os grupos do *WhatsApp*, *Telegram* e *Facebook*, como memes, pequenas reportagens, vídeos e até mesmo músicas, com o intuito de distorcer informações para que as pessoas se sensibilizassem com uma falsa realidade.

Bolsonaro encontrou nas redes sociais uma forma alternativa de embate aos meios tradicionais de mídia e ao pouco tempo fornecido ao seu partido nas propagandas eleitorais. Sua campanha eleitoral se beneficiava da comunicação direta entre ele e seus eleitores, sem intermediário, através de *lives* na *internet* e mensagens enviadas via *WhatsApp* e *Telegram*. Foi criada uma rede de colaboradores, financiada por empresários e simpatizantes de seus discursos, associada à ajuda de robôs, para disseminar notícias falsas e distorcidas aos eleitores, sendo sua maioria de origem duvidosa tentando validar seu discurso de ódio.

A junção de notícias falsas e redes sociais foi responsável pelo método de fazer política que vem afetando a democracia, sendo um modelo que recorre diretamente ao emocional e às crenças pessoais, objetivando a disseminação do ódio e desqualificação pessoal de inimigos políticos ou até mesmo de ideias contrárias a seus interesses a partir da produção de informações falsas.

Agora, o quadro é pior. Nas redes sociais, diferentemente do que acontecia na televisão ou no cinema, a propagação das mensagens depende diretamente da ação das audiências, nas quais o desejo leva vantagem sobre o pensamento. Uma notícia (falsificada, fraudulenta ou mesmo verdadeira, pouco importa) só se difunde à medida que corresponda a

emoções, quaisquer emoções, “positivas” ou “negativas”. Sobre o factual, predomina o sensacional – daí o sensacionalismo. Sobre o argumento, o sentimento ou o sentimentalismo. Esses registros da percepção e do sensível, que passam pelo desejo, pelo sensacional, pelo sentimental, proporcionam conforto psíquico aos indivíduos enredados em suas fantasias narcisistas. A receita se revelou infalível. (BUCCI, 2019, posição 701).

Bolsonaro se elegeu em plena crise da informação, em que a desinformação passava aos poucos a se tornar uma arma política, associada à perda de credibilidade das mídias tradicionais. O canal para os disparos em massa de conteúdo falso adotado na época foi o *WhatsApp*, que após as eleições, se fortificou com o suporte do *Facebook* e do *Instagram*, empresas do mesmo grupo empresarial. Essas empresas, além de representarem as três maiores redes sociais do mundo, causaram repercussão mundial por servir como instrumento para a guerra de informações falsas, deturpadas e manipuladas.

Há indícios (CPI da *Fake News*) de que, às vésperas do primeiro turno da campanha eleitoral de 2018, a rede bolsonarista tinha disparado ilegalmente, milhares de notícias falsas contra seu principal adversário. Dentre elas, a de que seu adversário teria criado o *kit gay* e a mamadeira erótica, cujo bico teria formato de pênis e seriam entregues nas escolas públicas.

Durante essas eleições, foi observado um comportamento de algoritmo referente aos envios de mensagens no *WhatsApp*, fora dos grupos, sugerindo que, de alguma forma, os remetentes soubessem previamente os interesses dos destinatários, que receberam inúmeras mensagens com tópicos de seus interesses mesclados com conteúdo de caráter bolsonarista. Por exemplo, mensagens de conteúdo homofóbico eram enviadas apenas às pessoas que expressavam ideias contrárias à comunidade LGBTQIA+.

Para Casara (2020), a prática de disseminação de notícias falsas reforça preconceitos e tornou-se um nicho de mercado em expansão no campo político, cujo objetivo era manipular resultados eleitorais:

Mais do que mera desinformação, são o resultado de um trabalho de engenharia comunicativa, social e ideológica que visa reforçar certezas delirantes, em especial para aqueles que estão predispostos a confirmar seus preconceitos, medos e visões distorcidas da realidade. (CASARA, 2020, p. 70-71).

O uso de robôs, também conhecidos como *bots*, foi um importante recurso utilizado para ampliar o alcance das notícias falsas. No inquérito da CPI das *fake*

*news*, foi observado que antes do primeiro turno eleitoral de 2018, o principal empresário que apoiava Bolsonaro, Luciano Hang, foi multado pelo Tribunal Superior Eleitoral por contratação irregular de impulsionamento de propaganda eleitoral para disseminar conteúdo favorável a Bolsonaro. O material foi disparado pelo *WhatsApp* na semana anterior ao segundo turno.

Na versão moderna do autoritarismo — em que governantes não rasgam a Constituição nem dão golpes de Estado clássicos, mas corroem as instituições por dentro —, não é necessário censurar a internet. Nas “democracias iliberais”, segundo o vernáculo do primeiro-ministro húngaro Viktor Orbán, basta inundar as redes sociais e os grupos de *WhatsApp* com a versão dos fatos que se quer emplacar, para que ela se torne verdade — e abafe as outras narrativas, inclusive e sobretudo as reais. (MELLO, 2020, posição 177).

Essa estratégia foi utilizada pela família Bolsonaro para conseguir cada vez mais simpatizantes, construindo uma espécie de exército digital, no qual milhões de pessoas passariam a fazer esse tipo de propaganda eleitoral, não apenas espalhando o ódio, mas pondo em dúvida a veracidade dos conteúdos. Esses grupos de simpatizantes que usavam o *WhatsApp* funcionavam como listas de transmissão, capazes de alcançar em cada disparo até 256 usuários. Esses usuários passavam a ser multiplicadores das mensagens, encaminhando-as para amigos e familiares e principalmente para outros grupos de assuntos distintos.

Bucci (2019) destaca que a expressão *fake news* não é apenas sinônimo de informação falsa, mas sim da produção conscientemente com a intenção de prejudicar terceiros, ou seja, seu autor se utiliza da má-fé com vistas ao lucro fácil, manipulação política ou interesses pessoais. Dessa forma, afirma que:

É um ecossistema da desinformação, que compreende categorias mais específicas, como as três seguintes: Falsa conexão: quando manchetes, legendas ou ilustração não confirmam o conteúdo da reportagem, do artigo ou da notícia. Falso contexto: quando o conteúdo é compartilhado com contextos adulterados ou alterados. Manipulação do contexto: quando a imagem é propositalmente modificada com o intento de enganar o público. (BUCCI, 2019, p. 164).

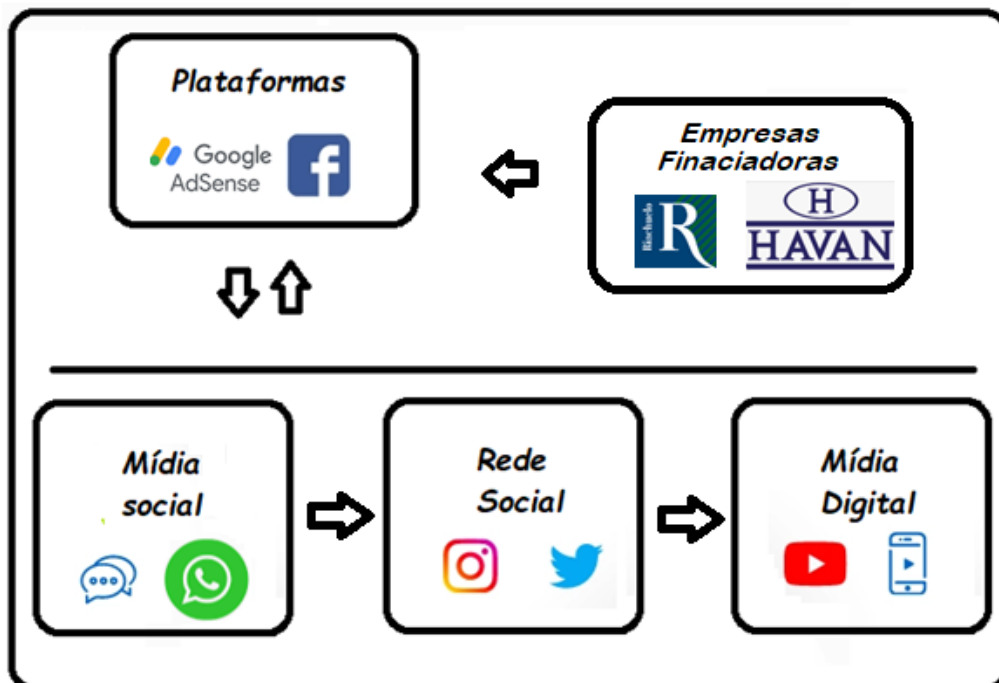
Com uma campanha esplendorosa com este método, ficou evidente que esse recurso também seria utilizado no governo bolsonarista, porém com adaptações cada vez mais focada em objetivos específicos.

Esse método contaria com a participação direta de seus seguidores, que passariam a usar não apenas o *WhatsApp*, mas também divulgariam notícias falsas

em todos os meios possíveis pela *internet*, incluindo o *Telegram*, *Instagram*, *Twitter*, *Youtube*, *Facebook*, *Blogs* e outros.

As empresas que apoiavam Bolsonaro passaram a financiar indiretamente a criação de notícias falsas, através de um complexo sistema de monetização criado pelas plataformas. Como podemos observar na Figura 10 – Esquema de criação e monetização de notícias falsas, as plataformas divulgavam essas notícias em todos os seus estágios, desde quando eram criadas no *WhatsApp* em forma de textos e memes, até o último estágio, quando eram criadas reportagens divulgando conteúdos alterados ou falsos no *Youtube* em forma de vídeos.

Figura 10 – Esquema de criação e monetização de notícias falsas



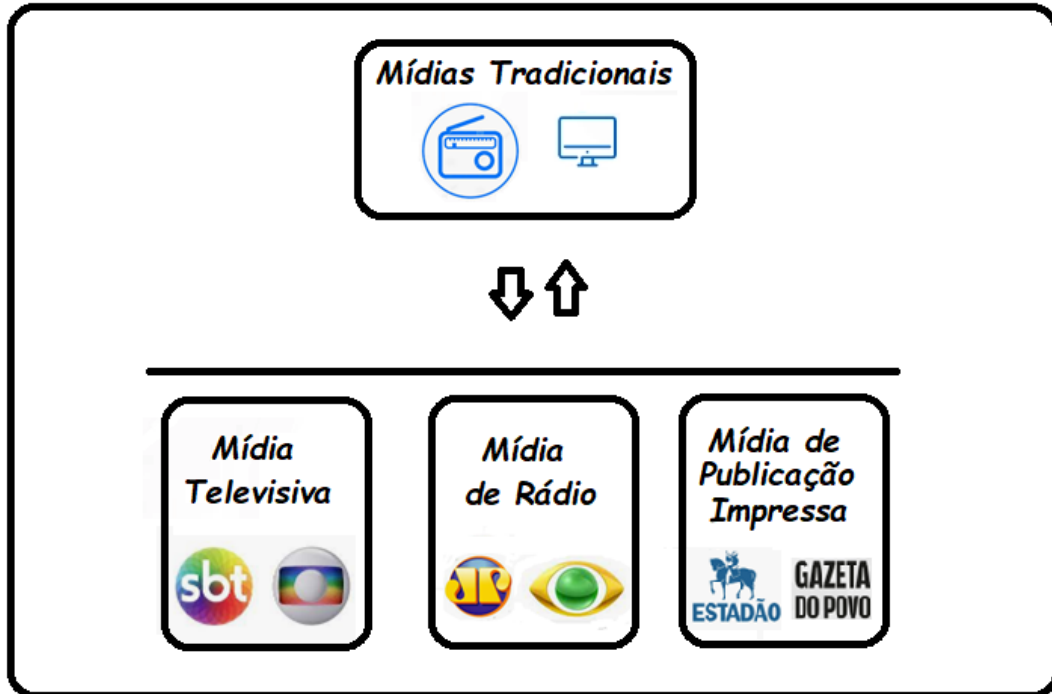
Fonte: De autoria própria.

Esse sistema de monetização era baseado no número de visualizações alcançadas por cada notícia falsa dentro da própria plataforma. Com isso, não importava quão irracional ou absurda fosse a notícia, mas sim o total de visualizações alcançadas. Ganhavam também uma monetização extra quando os usuários clicavam nos *links* das empresas patrocinadoras das notícias falsas.

A mídia tradicional também teve importância nesse processo de propagação de notícias falsas. Emissoras de rádio e televisão, além de jornais impressos, que apoiavam diretamente o ex-presidente, passaram a divulgar essas notícias, dando

muito mais credibilidade e servindo de referência para novas notícias. Na Figura 11 – Mídias tradicionais, observamos exemplos de mídias tradicionais.

Figura 11 – Mídias tradicionais



Fonte: De autoria própria.

Bolsonaro usou essa rede de apoiadores para o enfraquecimento das instituições a fim de desestruturá-las para reaparelhá-las e, com isso, conseguir apoio para a criação de leis que favorecessem seus interesses. Essa estratégia foi amplamente utilizada pelo governo e prejudicou intensamente a Amazônia em vários setores, deixando sequelas que levarão anos para serem regeneradas, como no caso do garimpo na Amazônia que provocou centenas de mortes.

Um exemplo de como essa estratégia de governo funcionava foi a tentativa de emplacar o programa “Future-se”, que na realidade era uma forma disfarçada de acabar com a autonomia das Universidades Públicas, passando sua administração para entidades privadas. Bolsonaro e seu Ministro da Educação passaram a atacar as Universidades Públicas em seus discursos. O então Ministro da Educação, Abraham Weintraub, quando em entrevistas, associava as Universidades à plantações de Maconha. De imediato, centenas de notícias falsas foram criadas e circulavam nos aplicativos de mensagens, em inúmeros grupos de *WhatsApp* e *Telegram*.

A repercussão nos aplicativos serviu para a criação de memes, pequenas reportagens e vídeos que foram sendo divulgados no *Instagram* e *Twitter*, e só então, após esse engajamento, passaram a ser exibidas em forma de vídeos e reportagens bem estruturados no *Facebook* e *Youtube*. Um exemplo desse processo está na

Figura 12 – Ministro ataca Universidades Públicas 21/11/2019 e Figura 13 – Notícia falsa criada após falas de ministro, retirada de grupos bolsonaristas no *Facebook*.

Figura 12 – Ministro ataca Universidades Públicas 21/11/2019



Fonte: Jornal Cidade<sup>11</sup>

Figura 13 – Notícia falsa criada após falas de ministro



Fonte: Grupo bolsonarista SomostodosBolsonaro no *Facebook*

Nesse caso, a apropriação das Universidades Públicas não foi bem-sucedida porque Bolsonaro não conseguiu reestruturá-las. Portanto, a segunda fase da implantação do programa não foi realizada. Porém, no caso do favorecimento a

<sup>11</sup> <https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/17424/a-soberania-das-universidades-escondeu-plantacoes-extensivas-de-pes-de-maconha-revela-weintraub-veja-o-video>

garimpeiros, a estratégia foi concretizada com a instituição do decreto 10.966/2022, que criou o Programa de Apoio ao Desenvolvimento da Mineração Artesanal e em Pequena Escala, permitindo aos garimpeiros a mineração em terras indígenas.

Essa foi a forma de governo de Bolsonaro, na qual o processo de criação de *fake news* representava uma rede bem estruturada, tendo cada grupo de indivíduos um papel bem definido. No próximo tópico desta pesquisa, evidenciamos essa estratégia, denominada *modus operandi* bolsonarista, que além da participação dos seguidores de Bolsonaro, contava também com o apoio de militares, empresários, políticos e simpatizantes para ser operacionalizada.

## 2.2. Mídias Tradicionais e o *modus operandi* bolsonarista

As mídias tradicionais representam os meios de comunicação convencional de mão única, ou seja, não é possível interagir com seu conteúdo. Nelas, o público é exposto aos conteúdos de modo direto. São exemplos delas: jornais, revistas, rádio, *outdoor*, *busdoor*, televisão, entre outras. No governo Bolsonaro, essas mídias tiveram grande influência na disseminação de falsas notícias, principalmente por emissoras de televisão e rádio que apoiavam diretamente o ex-presidente.

Apesar do avanço da *internet*, as mídias tradicionais ainda são os principais veículos de comunicação. Grande parte das pessoas ainda atribui a elas a maior credibilidade e confiança. Rádio, televisão e jornais ainda são os principais transmissores e alimentadores de notícias para a maioria da população brasileira. As mídias tradicionais estão divididas em:

Imprensa (revistas, jornais, mala direta, livros, catálogos);

Transmissão (televisão, rádio);

Telefone (*telemarketing*);

*Out of home* (*outdoor*, *flyers*).

Embora as novas mídias estejam cada dia mais populares, uma boa parte da população ainda não tem acesso a elas, principalmente a parcela mais pobre. No Brasil, segundo pesquisa do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC.BR)<sup>12</sup>, 28% dos domicílios não possuem conexão com a internet. Além disso, nas áreas rurais e nas classes mais baixas esse índice é apenas um pouco maior que 50%.

<sup>12</sup> [https://cetic.br/media/analises/tic\\_domicilios\\_2019\\_coletiva\\_imprensa.pdf](https://cetic.br/media/analises/tic_domicilios_2019_coletiva_imprensa.pdf)



Os jornais e revistas ainda possuem grande expressividade na população brasileira. Já foram considerados como os principais meios de comunicação no mundo, e apesar de terem perdido espaço para a *internet* a televisão, e recentemente o rádio, continuam resistindo. De acordo com Souza (2004):

Jornais e revistas transformaram a civilização, pois moldaram a esfera pública moderna, contribuíram para as transformações sociais, políticas e econômicas, promoveram a educação e o interesse pelo mundo, fizeram circular ideias e informações, modificaram a cultura. Outros meios impressos secundários, como o cartaz, os folhetos volantes e outros, contribuíram para aumentar o alcance da publicidade e da propaganda, mas também contribuíram para a aceleração da circulação e de informação. (SOUSA, 2004, p. 318).

O plano de poder de Bolsonaro objetivava usar apenas os meios de comunicações advindos da *internet* e de início deixou de lado as mídias impressas, que aos poucos foram se transformando em importantes ferramentas para combater as mentiras e falsas notícias produzidas pela equipe do ex-presidente. Na Figura 14 – Notícias de queimadas na Amazônia, podemos observar exemplos de jornais<sup>13</sup> que divulgavam notícias opostas às que eram divulgadas em alguns *sites* de notícias.

Figura 14 – Notícias de queimadas na Amazônia



Fonte: BNC Amazônia

Essa dissonância entre as notícias dos principais jornais do país com o discurso do ex-presidente fez com que a massa bolsonarista se opusesse não só

<sup>13</sup> [https://bncamazonas.com.br/ta\\_na\\_midia/o-dia-em-que-todos-se-preocuparam-com-a-amazonia/](https://bncamazonas.com.br/ta_na_midia/o-dia-em-que-todos-se-preocuparam-com-a-amazonia/)

aos jornais, mas também aos jornalistas, que eram vistos como inimigos mortais do país. Essa era a lógica bolsonarista, que seguia os conselhos de Olavo de Carvalho para identificar o “cidadão de bem”, já que esse apoiaria qualquer discurso de seu líder a qualquer custo. Dessa forma, os jornalistas passaram a ser agredidos tanto pelo ex-presidente, quanto por seus apoiadores, como podemos observar na Figura 15 – Sequência de ataques aos jornalistas feitas por Bolsonaro e Bolsonaristas:

Figura 15 – Sequência de ataques aos jornalistas feitas por Bolsonaro e Bolsonaristas



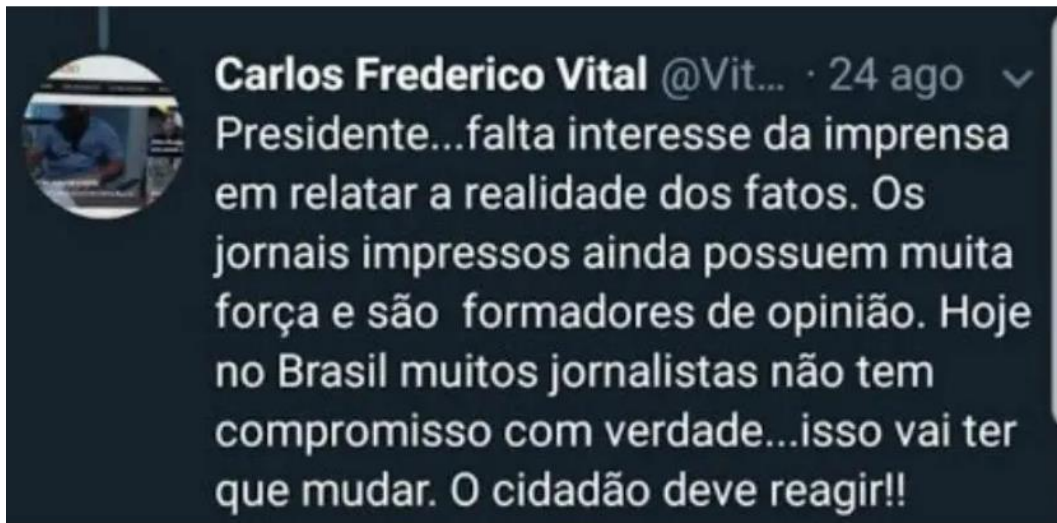
Fonte: Sites de notícias<sup>14</sup>.

Os jornais impressos representaram um dos principais inimigos dos planos de Bolsonaro, e por este motivo, foram atacados diariamente pelo próprio ex-presidente, que os definia como “imprensa”. Neles, a dificuldade de manipulação de informações era maior, no entanto, as tentativas de apropriação desse meio de informação também ocorreram através de empresários bolsonaristas.

Isso foi observado no “Diário de Pernambuco” que, no ano de 2020, foi comprado por um empresário bolsonarista que comemorou a aquisição mandando um recado ao ex-presidente, através do *Twitter*, como podemos observar na Figura 16 – Recado enviado ao ex-presidente por empresário bolsonarista:

<sup>14</sup> <https://revistacenarioium.com.br/bolsonaristas-atacam-jornalistas-e-ofendem-reporter-com-palavroes-apoiadores-de-protestos-se-calam/>  
<https://www.youtube.com/watch?v=2Kri7lHrQPs>  
<http://www.abi.org.br/178944-2/>  
<https://fenaj.org.br/presidente-bolsonaro-promove-245-ataques-contra-o-jornalismo-no-primeiro-semester/>

Figura 16 – Recado enviado ao ex-presidente por empresário bolsonarista



Fonte: Revista Veja<sup>15</sup>

Diferentemente dos jornais e revistas, o rádio como meio de comunicação serviu de ferramenta para difundir as ideias do ex-presidente. O rádio é um veículo de comunicação de baixo custo, de pequeno porte que possui programações diversificadas. Além disso, exerce uma maior incidência na vida diária das pessoas, tanto em zonas urbanas, quanto rurais. Ele é rico em sugestão e tem capacidade extraordinária de criar imagens e estabelecer laços afetivos. De acordo com Souza (2004):

A linguagem de rádio é baseada na dosagem de som e silêncio. No entanto, é, obviamente, o som a principal matéria-prima da rádio. As mensagens sonoras funcionam como estímulos auditivos. É através delas que a rádio transmite imagens da realidade, comunica sensações, sentimentos e emoções e difunde informação. (SOUSA, 2004, p. 342).

Além das emissoras de rádio evangélicas, Bolsonaro contava ainda com a Rádio Jovem Pan como principal aliada para defendê-lo, disseminar falsas notícias e colocar em dúvida o profissionalismo de todas as emissoras que se opusessem ao seu discurso. Isso era feito através de propagandas, apresentações de programas jornalísticos e programas específicos para manipulação de notícias. Como foi o caso do programa “Os pingos nos is”. Na Figura 17 – Sequência de falsas notícias que foram ao ar na rádio Jovem Pan, observamos uma sequência de notícias que foram ao ar simultaneamente no rádio Jovem Pan e em seus programas na rede, durante o governo de Bolsonaro.

<sup>15</sup> <https://veja.abril.com.br/coluna/noblat/bolsonarista-compra-o-jornal-diario-de-pernambuco/>

Figura 17 – Sequência de falsas notícias que foram ao ar na rádio Jovem Pan



Fonte: Sites da Internet<sup>16</sup>.

Notícias absurdas foram ao ar na rádio bolsonarista, sempre com o intuito de defender o ex-presidente ou emplacar a retórica do ódio para atrair os ouvintes. Como por exemplo o programa de entrevista em que, quando indagado sobre os crimes cometidos por Bolsonaro, Adrilles Jorge afirmou que rachadinha não era crime; Olavo de Carvalho teve sua entrevista apresentada diversas vezes nos programas da rádio afirmando que a Covid não existia, mas sim era uma invenção de partidos de esquerda e que, na realidade, nunca houveram mortes confirmadas da doença; Rodrigo Constantino afirmou no Jornal da Pan que o desmatamento na Amazônia em terras indígenas por madeireiros era legal; Ricardo Salles apresentou um abaixo-assinado sem fonte, confirmando que 14 etnias apoiavam o garimpo ilegal em terras indígenas no Pan News.

A Jovem Pan passou a desconsiderar qualquer tipo de crítica, chegando a demitir vários jornalistas que se contrapuseram ao ex-presidente na rádio.

Mais do que um meio de entretenimento e informação, o rádio deveria ser utilizado como um instrumento político capaz de formar opiniões e mobilizar a sociedade em prol da realidade. O rádio criou moda, estimulou debates, transmitiu

<sup>16</sup> [https://www.youtube.com/watch?v=RI6IYD3ZX\\_0](https://www.youtube.com/watch?v=RI6IYD3ZX_0)  
<https://www.poder360.com.br/midia/essa-epidemia-simplesmente-nao-existe-diz-olavo-de-carvalho/>  
<https://www.youtube.com/watch?v=6gdKnwccWNE>  
<https://www.youtube.com/watch?v=URY3lcaq3EU>

informações, reduziu a distância entre pessoas e países. A importância do rádio foi descrita por Pinho (1999):

O rádio vai constituir-se em uma excelente opção como mídia regional e local, em razão da grande quantidade de emissoras em operação no país, que resultam em considerável segmentação de seus ouvintes. Essa segmentação tem como principais fatores as condições geográficas da distribuição dos sinais e o conteúdo da programação do rádio. [...] A publicidade radiofônica trabalha fundamentalmente com o som e a capacidade de imaginação dos seus ouvintes. As mensagens são transmitidas sob a forma de fonogramas, previamente gravados, com a denominação de spots para textos interpretados e de jingles para músicas cantadas, ou de textos falados pelos próprios locutores das emissoras, os quais podem se beneficiar do prestígio e da sua credibilidade perante os ouvintes (PINHO, 1999, p. 86).

A televisão é outro exemplo de mídia tradicional. Ela fornece informação e entretenimento para grande parte da população mundial e sua influência na sociedade é bastante discutida. Diante do grande potencial para influenciar comportamentos e ditar escolhas, a televisão é colocada num dilema: ela transmite a vida real ou cria realidade conforme os interesses daqueles que controlam o veículo? O telespectador recebe passivamente todas as informações exibidas na tela e consegue raciocinar o que é real ou imaginário?

Outra questão que precisamos refletir é a relação das emissoras de televisão e o poder, pois as emissoras no Brasil são concessões do governo. Através de uma visão da história da TV brasileira, desde seu surgimento em 1950, o modelo adotado pela televisão no país é apoiado principalmente em empresas privadas, comparando-o com os modelos público e estatal.

A sua utilidade como veículo de som e imagens extrapolou as perspectivas de seus pioneiros mais otimistas, tornando-se, rapidamente, um poderoso instrumento de modificação da conduta humana e de condicionador implacável das mentes, influenciando os hábitos, costumes e cultura dos povos.

A televisão se integra na indústria cultural relacionando-se com o conjunto das atividades econômicas numa determinada sociedade. Perfeitamente sintonizada, no caso do regime capitalista, com a função básica de obtenção de lucros, a TV torna-se parte dos embates político-ideológicos, identificando-se com a manutenção do *status quo*.

De um outro ponto de vista, destaca-se o aspecto da especificidade da linguagem da televisão, basicamente icônica, adequada ao seu aparato tecnológico, pressupondo agilidade e superficialidade, mas não

prescindindo do componente verbal, produzido em grande medida sob a forma escrita (Rocco, 1991, p. 242-3).

A capacidade e a velocidade na transmissão de notícias, informações, valores e comportamentos são os principais temas de reflexão sobre a TV, sobretudo a partir das últimas décadas, com a difusão das TVs a cabo, que parece efetivamente levar às últimas consequências, a concepção de McLuhan, da retribalização dos grupos, na era da tecnologia eletrônica, e na recriação do mundo como uma "Aldeia Global" (McLuhan, 1969).

A TV é considerada, como um instrumento poderoso de modelagem das consciências, por meio de apelos que vão muito além do plano racional. De certa forma, é concebida, nessa perspectiva, como possuidora daquele que a vê, de um modo constante, implacável, mantendo-o fiel através da reiteração de promessas nunca cumpridas: de felicidade, de riqueza, de sucesso. Considera-se o telespectador como um ser passivo, que passivamente incorpora os valores e crenças inculcados e reforçados pela autoridade simbólica de que o veículo se reveste.

As emissoras de televisão tiveram grande importância para o plano de governo de Bolsonaro. Eram pelo menos 15 emissoras que o apoiavam de forma clara ou descarada. Dentre elas a RedeTV!, de Marcelo de Carvalho, a Record TV, de Edir Macedo, o SBT, de Silvio Santos, a Rede Brasil, de Marcos Tolentino, a Rede Gospel de Televisão, de Estevam e Sônia Hernandez, a Rede Vida, de João Monteiro de Barros Neto, dentre outras emissoras.

No Amazonas ainda existe a Rede Boas Novas Manaus, que atuou apoiando o discurso de ódio e foi abertamente a favor do armamento da população, contra a política de cotas raciais, também transmitindo tiragens dos protestos antidemocráticos no Comando Militar da Amazônia. Na Figura 18 – Emissoras de televisão que apoiavam Bolsonaro abertamente, podemos observar como as emissoras de televisão colaboravam com o programa de poder de Bolsonaro.

Figura 18 – Emissoras de televisão que apoiavam Bolsonaro abertamente



Fonte: Sites da Internet<sup>17</sup>.

Essas redes de televisão findaram assumindo de vez o apoio explícito ao ex-presidente, participando diretamente de seu plano de governo. Isto ficou evidente quando Bolsonaro atacou a Zona Franca, e imediatamente reportagens e documentários foram exibidos não só atacando-a, mas desqualificando todos que lutavam pela sua manutenção.

A mesma estratégia foi observada com reportagens defendendo o garimpo em terras indígenas, a favor do armamento da população, contra o voto impresso e até mesmo incentivando os ataques antidemocráticos. A televisão é um poderoso meio de comunicação, que de acordo com Ianni (2001), apresenta estratégias usadas sem seus programas para manter os telespectadores mais tempo diante da TV:

Aí o programa televisivo de debate e informação política tende a organizar-se nos moldes do programa de entretenimento. Aos poucos, o político, o partido, a opinião pública, o debate sobre problemas da realidade nacional e mundial, as possibilidades de opções dos eleitores e a controvérsia sobre planos alternativos de governo, tudo isso tende a basear-se nas linguagens, recursos técnicos, teatralidade e encenação desenvolvidos pelos programas de entretenimento. São programas multimídia, coloridos, sonoros, recheados de surpresas, movimentados, combinando assuntos

<sup>17</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=ivLqXxTkP3M>  
<https://www.poder360.com.br/eleicoes/em-sabatina-na-rede-tv-bolsonaro-fala-4-vezes-sobre-mulheres/>  
<https://www.youtube.com/watch?v=EYrNXk5dEsc>  
<https://es-la.facebook.com/recordtvrio/photos/-em-instantes-jair-bolsonaro-dar%C3%A1-sua-primeira-entrevista-como-presidente-eleito/200871292255305/>

diversos e díspares, alternando locução, diálogo, depoimento, comportamento, autoajuda, conjuntos musicais, cantores e outros (IANNI, 2001, p.13).

Dessa maneira, não só as ideias e discurso do ex-presidente eram incorporados na consciência dos telespectadores, mas o próprio Bolsonaro passou a ser o produto a ser consumido. Essas emissoras transformavam a realidade em algo que pudesse ser aceitável, e isso já seria o suficiente, como no exemplo citado anteriormente, no qual um programa de reportagem inverteu os papéis, criando um mundo paralelo no qual os garimpeiros são os mocinhos e os indígenas os vilões. Esse poder das emissoras é descrito por Ianni (2001):

Esse é o clima no qual a política tem sido levada a inserir-se, como espetáculo semelhante a espetáculo dentro do espetáculo. Modificam-se signos e significados, figuras e figurações, de tal maneira que ocorre a dissolução da política na cultura eletrônica de massa, na qual dissolvem-se ou deslocam-se territórios e fronteiras envolvendo os espaços público e privado, o consumismo e a cidadania, a corrente de opinião pública e o comportamento de autoajuda, a realidade e a virtualidade. (IANNI, 2001, p.14).

Dessa maneira, os bolsonaristas, militares, seguidores, políticos e emissoras de televisão passaram a fazer parte da estratégia bolsonarista, tentando alavancar as propostas absurdas e irracionais de Bolsonaro para o governo.

Denominamos nesta pesquisa a expressão *modus operandi* bolsonarista, para identificar a forma de agir do ex-presidente para alcançar seus objetivos pessoais e políticos, incentivando seus seguidores através do discurso de ódio. Essa foi uma estratégia amplamente utilizada na região Amazônica, que favoreceu o desmatamento, a poluição dos rios, o enfraquecimento da Zona Franca de Manaus e a morte de centenas de indígenas.

O *modus operandi*, também conhecido como modo de operação, é o termo utilizado para designar uma maneira de agir, operar ou executar uma atividade seguindo geralmente os mesmos procedimentos, tratando esses procedimentos como se fossem códigos.

Para compreendermos o termo *modus operandi* bolsonarista, precisamos recorrer aos estudos de Pierre Bourdieu, que não usou especificamente o mesmo termo em seu trabalho sociológico, mas desenvolveu conceitos e teorias que podem ajudar a entender como as pessoas agem e interagem em diferentes contextos sociais, no caso dessa pesquisa, como um bolsonarista é levado a agir e pensar em função de seu líder.



Bourdieu argumentou que o *habitus*, é a incorporação de um conjunto de disposições duráveis, ou seja, uma estrutura de predisposições e hábitos adquiridos através da socialização. Essas disposições moldam a maneira como as pessoas percebem, pensam e agem em diferentes situações sociais. Então Bourdieu (2004) afirma:

[...] não é uma simples execução de uma regra, a obediência a uma regra. Os agentes sociais, tanto nas sociedades arcaicas como nas nossas, não são apenas autômatos regulados como relógios, segundo leis mecânicas que lhes escapam. Nos jogos mais complexos - [...] eles investem os princípios incorporados de um 'habitus' gerador: esse sistema de disposições 'adquiridas pela experiência', logo, variáveis segundo o lugar e o momento. (BOURDIEU, 2004, p. 21).

Logo, *habitus* representa as capacidades que temos para agir em sociedade. Essas capacidades não seriam apenas produtos da “natureza humana” e nem de uma “razão universal”, mas sim consequências das relações sociais a qual os indivíduos estão submetidos. A partir de então, *habitus* representa muito mais do que mera repetição de ações feitas sem que haja uma parcela de responsabilidade e criação, na qual a partir da nossa história e do lugar que ocupamos na sociedade, herdamos certo conjunto de disposições para agir e a partir dessa “herança” nossas ações devem ser interpretadas dentro da coletividade.

É nesse entendimento de *habitus* que iremos nos questionar a respeito de qual a explicação para que as pessoas que moram em Manaus sejam a favor da destruição da Amazônia, de queimadas, de poluição dos rios causadas pelo garimpo, ou ainda de perderem seus empregos no Polo Industrial Manaus por uma promessa de seu líder de que o fim da Zona Franca seria melhor para o Brasil.

A estrutura social é apresentada por Bourdieu como um sistema hierarquizado de poder e privilégio, determinado tanto pelas relações materiais e econômicas – salário e renda –, quanto pelas relações simbólicas – *status* – e culturais – escolarização – entre os indivíduos. Dessa forma, a diferente localização dos grupos nessa estrutura social deriva da desigual distribuição de recursos e poderes de cada um de nós.

Além disso, Bourdieu também enfatizou a importância do capital cultural, econômico e social na estruturação da sociedade e na determinação das oportunidades e limitações enfrentadas pelos indivíduos em diferentes contextos sociais. Ele argumentou que aqueles com mais capital cultural, econômico e social têm mais poder e privilégio na sociedade.

Outro conceito importante de Bourdieu que talvez possa nos fazer entender as ações dos bolsonaristas é o de campo, que se refere a um espaço social estruturado em torno de um tipo particular de capital, como o campo artístico, o campo literário ou o campo político. Os atores em um campo lutam pelo acesso ao capital que nele é valorizado e pelo controle dele próprio, assumindo também o pensamento comum vigorado no campo. De acordo com Bourdieu (2011):

Os campos são espaços sociais, mais ou menos restritos, onde as ações individuais e coletivas se dão dentro de uma normatização criada e transformada constantemente por essas próprias ações. Esses espaços são, na verdade, estruturas que trazem em seu bojo uma dinâmica determinada e determinante, na – mesma medida em que sofrem influências –, e, portanto, modificações de seus atores. (BOURDIEU 2011, p. 179).

O campo possui suas próprias normas, regras, princípios e hierarquias. Os conflitos e as tensões definem tais condições e interferem em sua própria delimitação, bem como na construção das redes de relações ou de suas oposições entre os atores sociais enquanto membros.

É aí que percebemos a negação de tudo que parece ser certo ou racional para os bolsonaristas. Então, ao assumir serem bolsonaristas, seus seguidores concordam também em legitimar as falas de Bolsonaro, mesmo que essas falas sejam irracionais.

Em resumo, enquanto Bourdieu não usou especificamente o termo "*modus operandi*", seus conceitos de *habitus*, capital e campo ajudam a entender como as pessoas agem e interagem em diferentes contextos sociais e como a estruturação da sociedade e o poder desempenham um papel na determinação das oportunidades e limitações enfrentadas pelos indivíduos.

A tática bolsonarista representa a interação entre o seu líder com seus seguidores para alcançar um objetivo. Ele é bem definido e dividido em etapas, na tentativa de transformar em verdades as falsas notícias expressadas em forma de discurso. Depende diretamente da internet, na qual as redes sociais, as mídias digitais, as mídias sociais, as plataformas online e as próprias mídias televisivas exercem funções específicas em prol do objetivo principal, que seria realizar os interesses pessoais e políticos do líder.

O ex-presidente verbalizava um discurso de ódio. Em seguida, esse discurso era repercutido e transformado em memes e falsas notícias circulando em

aplicativos de mensagens nos celulares, que exerciam a função de mídias sociais através dos grupos. Só então passavam a ser difundidas nas redes sociais, servindo de termômetro, em que sua aceitação como verdade era avaliada pelos próprios grupos bolsonaristas. A partir daí as falsas notícias eram transformadas em mídias digitais para serem exibidas em canais de comunicação *on-line*, como *Youtube*, *Blogs*, *Facebook* e vídeos, sendo repassadas como verdade absoluta.

Chegando a esse ponto, essas falsas notícias que passaram por esse processo para serem validadas entre os bolsonaristas seriam amplamente debatidas nas mídias tradicionais de cunho bolsonarista (Jovem Pan, Record, SBT, RedeTV, Boas Novas e outras), com o intuito de ultrapassar a bolha bolsonarista. Como estratégia, eram criados grandes reportagens, pequenos filmes, entrevistas com embasamentos para passar à sociedade uma realidade paralela.

Um bom exemplo é o filme “Cortina de Fumaça”, criado pela empresa Brasil Paralelo, apresentado no SBT e Rede Tv, em que há a afirmação de que não existia queimada na Amazônia, mas sim, um grande complô internacional liderado pelo então presidente da França, para derrubar o ex-presidente Bolsonaro, como podemos observar na Figura 19 – Reportagem do Brasil Paralelo: As verdadeiras causas e interesses por trás das queimadas da Amazônia, não existe queimada na Amazônia:

Figura 19 – Reportagem do Brasil Paralelo: As verdadeiras causas e interesses por trás das queimadas da Amazônia



Fonte: Brasil Paralelo - 8 de março de 2022<sup>18</sup>

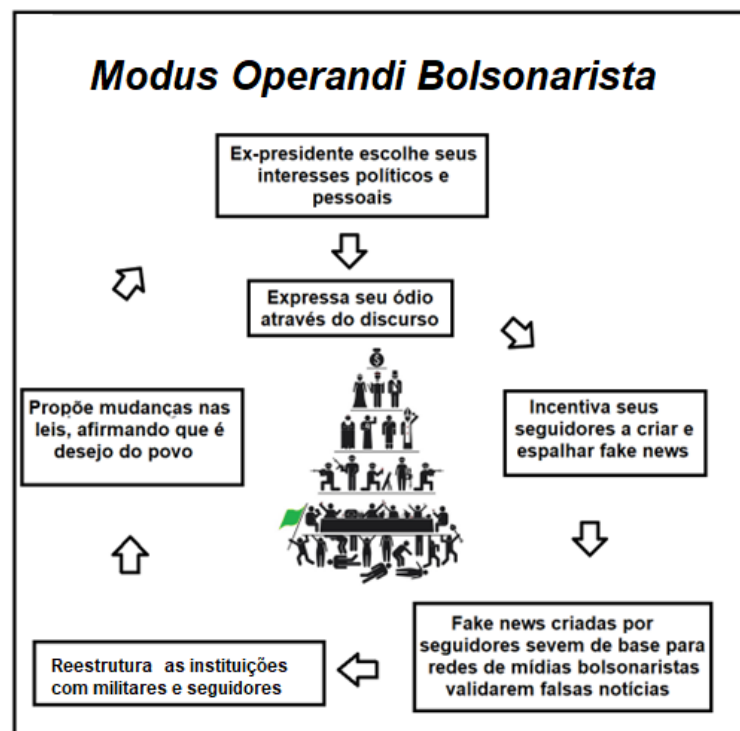
Nesse ciclo, ainda existia o papel das plataformas monetizadoras juntamente com as empresas patrocinadoras, tais como *Facebook*, *Youtube*, *Twitter*, *Instagram*

<sup>18</sup> [https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/queimadas-na-amazonia?utm\\_source=search&utm\\_medium=ads&utm\\_campaign=trafego\\_portal&utm\\_term=00+-+%5BKW%5D+Din%C3%A2mico&utm\\_content=dinamico&gclid=Cj0KCQjw\\_r6hBhDdARIsAMIDhV\\_y4FdWaa\\_bBNfTHZbzMpwIreQ\\_c1En2NkEey7S-mcRrMF7Ru7HZ0m4aAoJXEALw\\_wcB](https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/queimadas-na-amazonia?utm_source=search&utm_medium=ads&utm_campaign=trafego_portal&utm_term=00+-+%5BKW%5D+Din%C3%A2mico&utm_content=dinamico&gclid=Cj0KCQjw_r6hBhDdARIsAMIDhV_y4FdWaa_bBNfTHZbzMpwIreQ_c1En2NkEey7S-mcRrMF7Ru7HZ0m4aAoJXEALw_wcB)

e outras, que passavam a financiar diretamente os principais disseminadores de falsas notícias. *Havan, Coco Bambu, Riachuelo* e outras faziam o financiamento indireto, uma vez que suas propagandas tinham circulação entre os conteúdos bolsonaristas nas plataformas.

Esse seria o papel dos seguidores na estratégia bolsonarista: convencer a qualquer custo a validação de notícias falsas expressadas no discurso do seu líder, ou, na pior das hipóteses, provocar dúvidas na sociedade. Essas dúvidas seriam o bastante para que Bolsonaro reestruturasse as instituições, pondo como gestores os militares ou ainda seus fiéis seguidores. Com esse reaparelhamento, contaria com o apoio político para criar leis ou ainda mudá-las para beneficiamento próprio. Observamos esse *modus operandi* bolsonarista na Figura 20 – *Modus Operandi* bolsonarista, a seguir:

Figura 20 – *Modus Operandi* bolsonarista



Fonte: De autoria própria

Essa estratégia foi amplamente utilizada no governo Bolsonaro. Na Amazônia, podemos destacar dois exemplos, sendo o primeiro relacionado ao garimpo ilegal e o segundo à Zona Franca de Manaus. Referente ao garimpo ilegal, temos o decreto 10.966/2022, que instituiu o Programa de Apoio ao Desenvolvimento da Mineração Artesanal e em Pequena Escala, permitindo aos garimpeiros a mineração em Terras Indígenas.

O decreto é incompatível com o sistema de proteção constitucional do meio ambiente, na medida em que busca formalizar e incentivar práticas ilegais, resultando no retrocesso em matéria ambiental. Além disso, o afrouxamento das regras impediu a detecção de diversas ilegalidades que envolvem o processo de mineração, como a extração de minérios em terras indígenas, em unidades de conservação ou fora de limites geográficos autorizados. Além do próprio contrabando de drogas. Em 2023, vimos no que isso resultou, na morte de centenas de indígenas, contaminação do solo, animais, rios e a própria floresta.

Essa tragédia teve início com o discurso de ódio do ex-presidente, atacando e deslegitimando os indígenas, além de exaltar os garimpeiros durante suas entrevistas. A partir daí, a rede bolsonarista passou a criar falsas notícias em seus grupos de mensagens, chegando a estruturá-las para serem reproduzidas no *Facebook*. Em seguida, reportagens foram exibidas no *Youtube*, programas de rádio e até televisão.

E, dessa forma, o ex-presidente justificou como sendo desejo do povo brasileiro e dos próprios indígenas a criação de leis para a exploração do garimpo em terras protegidas, assinando o decreto que provavelmente contribuiu com centenas de mortes de indígenas. Como podemos observar na Figura 21 – *WhatsApp* e *Telegram*, os grupos de mensagens eram apenas uma etapa do *modus operandi* bolsonarista:

Figura 21 – *WhatsApp* e *Telegram*



Fonte: De autoria própria

Tanto o *WhatsApp* quanto o *Telegram* tiveram importante papel como mídia social, responsável por unir pessoas que compartilhavam os mesmos pensamentos, as mesmas tendências bolsonaristas. Esses aplicativos de mensagens serviam de termômetro de aceitação, no qual participantes dos grupos avaliavam as ideias, criavam memes e formulavam notícias falsas e tendenciosas, espalhando-as entre seus amigos de outros grupos, com o intuito de legitimá-las.

O segundo exemplo destacado como estratégia bolsonarista é referente à Zona Franca de Manaus. Nesse exemplo, Bolsonaro misturou desejos políticos com sentimento de vingança, tendo como objetivo o fim da Zona Franca. A CPI da Covid representou o início desses ataques, criada em 13 de abril de 2021, para apurar irregularidades do governo federal no combate à pandemia, tinha como presidente o senador amazonense Omar Aziz. Durante a CPI, o senador se mostrou simpático com os depoimentos contra o ex-presidente, deixando Bolsonaro tão incomodado, a ponto de ameaçar o senador em sua *live* semanal. Bolsonaro falou:

Essa CPI é só enrolação, é coisa da esquerda para acabar com o país. Imagine Manaus sem a Zona Franca, hein, senador Aziz. Você que fala tanto na CPI, senador Eduardo Braga, imagine aí o estado de vocês, ou Manaus, sem a Zona Franca, como seria? (BOLSONARO<sup>19</sup>, 20 de maio de 2021).

Também utilizando as redes sociais, Aziz disse que a Zona Franca tem um importante papel na economia, não apenas do Amazonas, mas do Brasil. Ele classificou a declaração de Bolsonaro como uma ameaça à região, como podemos observar na Figura 22 – Resposta de Omar Aziz aos ataques de Bolsonaro:

Figura 22 – Resposta de Omar Aziz aos ataques de Bolsonaro



Fonte: Congresso em foco. 21/05/2021.

<sup>19</sup> <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/bolsonaro-ameaca-zona-franca-de-manaus/>

Logo após o pronunciamento do ex-presidente em *live*, os seguidores exerceram seu papel na estratégia, fazendo com que centenas de memes e falsas notícias circulassem entre os grupos de mensagens bolsonaristas, chegando rapidamente às redes sociais. Várias reportagens e documentários foram apresentados no *Youtube* e *Blogs*, e após alguns meses algumas redes de Tv aberta já estavam fazendo documentários pondo em dúvida os benefícios da Zona Franca para o país.

Com isso, aproveitando que a SUFRAMA (Superintendência da Zona Franca de Manaus) já estava aparelhada com um superintendente bolsonarista – o general Algacir Antônio Polsin –, em 25 de fevereiro de 2022, Bolsonaro publicou o decreto que reduziria a alíquota de IPI para uma série de produtos industriais e concedia incentivo fiscal às fábricas das outras regiões visando acabar com a Zona Franca de Manaus.

Essa tentativa de vingança de Bolsonaro esbarrou no Ministro Alexandre de Moraes, que suspendeu o decreto no dia 08 de agosto de 2022. As ações em tramitação no Supremo Tribunal Federal afirmavam que, ao conceder incentivo fiscal às fábricas de outras regiões, o governo estava retirando competitividade das empresas da Zona Franca.

A tática bolsonarista foi aplicada em diversos seguimentos no governo de Bolsonaro, e ao longo do terceiro capítulo de nossa pesquisa, iremos especificar sua importância, bem como os dois exemplos citados anteriormente.

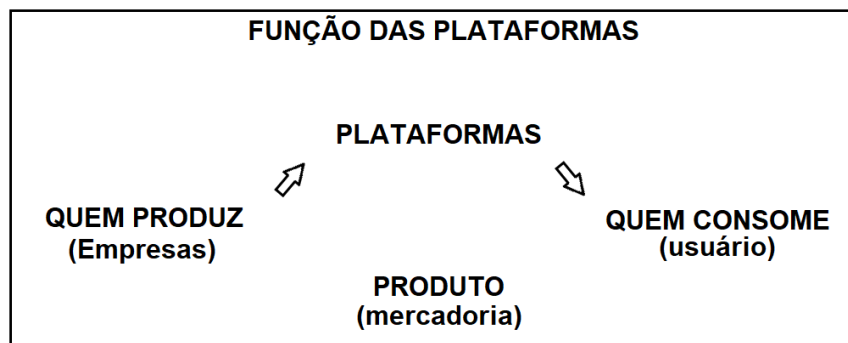
### **2.3. Plataformas digitais e o movimento de massa**

Plataformas digitais são modelos de negócios que funcionam por meio de tecnologias. São representadas em um ambiente *on-line* que conecta quem produz a quem consome, permitindo uma relação de troca muito além da simples compra e venda. Podem ser usadas para trabalho, lazer e entretenimento atuando nos mais variados setores, como educação, empreendedorismo, alimentação, transporte, turismo, bancário, político e outros.

O objetivo central das plataformas digitais é o de gerar valor nesse relacionamento entre as empresas e os indivíduos. Dessa maneira, elas acabam sendo facilitadoras *on-line* para o acesso aos serviços e conhecimentos que já aconteciam fora do digital.

O grande sucesso das plataformas é dado pelo uso de algoritmos modernos que conseguem identificar as necessidades e interesses dos usuários. Isso é possível através da coleta de centenas de dados durante os momentos em que os usuários estão logados na rede. O problema está na utilização desses dados para manipular os interesses dos usuários, e ainda, a falta de ética das empresas em compartilhar essas informações para que outras empresas as utilizem. A função das plataformas pode ser observada na Figura 23 – Função das plataformas digitais:

Figura 23 – Função das plataformas digitais



Fonte: De autoria própria

O uso das plataformas digitais foi excessivamente explorado pelos bolsonaristas para disseminar informações falsas. *Facebook, WhatsApp, Instagram, Twitter, Youtube* e outras se tornaram importantes ferramentas de manipulação em massa no cenário político e ideológico, nos quais os algoritmos agiam levando em consideração a suscetibilidade dos usuários em receber informações falsas que fossem a favor de Bolsonaro, de suas ideias, de seu discurso de ódio e de seu plano de governo. Na Figura 24 – Plataformas sendo usadas como ferramentas de manipulação em massa, podemos observar a função das plataformas como ferramenta bolsonarista.

Figura 24 – Plataformas sendo usadas como ferramentas de manipulação em massa



Fonte: De autoria própria



Com isso, as notícias falsas ou manipuladas seriam o produto a ser consumido pelos usuários, os bolsonaristas representariam o produtor desses produtos e as plataformas as responsáveis por conectá-los, sempre com o auxílio dos poderosos algoritmos.

Os algoritmos são tão poderosos e manipuladores, que permitem as plataformas criarem seu próprio produto. Nesse sentido, os papéis se invertem e os usuários, que eram os consumidores, passariam a ser a mercadoria, o produto a ser vendido. Dessa forma, as plataformas deixariam “à venda” um produto semiacabado ou “quase pronto”. Em outras palavras, seria um usuário com a mente aberta para absorver qualquer tipo de informação. Como por exemplo, uma empresa que deseja comprar da plataforma um usuário para disseminar o ódio, ao invés da plataforma oferecer alguém que já estivesse disseminando, ofereceria alguém que fosse a favor do armamento, que tivesse tendências racistas, nazistas, machistas e que fosse atuante em diversas plataformas. Como podemos observar na Figura 25 – O poder dos algoritmos:

Figura 25 – O poder dos algoritmos



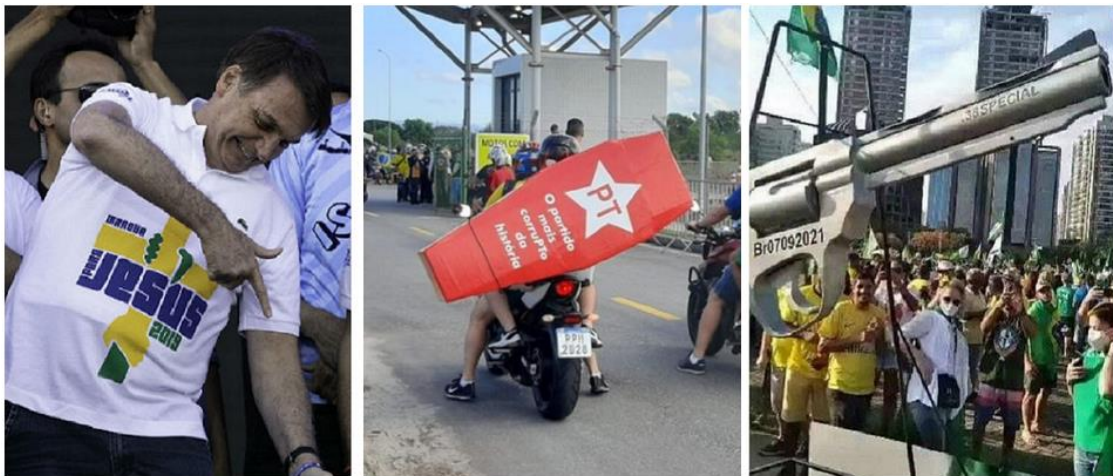
Fonte De autoria própria

Os algoritmos possuem como uma de suas principais metas manter os usuários o maior tempo possível conectados, seja em casa com seus computadores de mesa, no trabalho com seus notebooks ou nos momentos de lazer com seus celulares. Com isso, esses usuários passaram a ser disputados no meio político, já que eram potenciais multiplicadores de informações e conteúdo, sejam eles verdadeiros ou falsos.

A massa bolsonarista surgiu como um fenômeno exposto na mídia em que milhares de pessoas idolatravam Bolsonaro. Foram observados inúmeros grupos, em todas as partes do país, expondo bandeiras do Brasil, cartazes com dizeres preconceituosos, xenofóbicos, machistas, armamentistas e muito mais, sempre com

o intuito de legitimar a narrativa do líder. Como vimos no tópico anterior desta pesquisa, os bolsonaristas não se importavam com o quanto as narrativas fossem irracionais, mas sim em tê-las como verdades absolutas. Como podemos observar na Figura 26 – Marcha para Jesus em 2019, 2020 e 2021, Bolsonaro se apropriou do movimento internacional “Marcha para Jesus” que reúne inúmeras igrejas evangélicas.

Figura 26 – Marcha para Jesus em 2019, 2020 e 2021



Fonte: rede Brasil 24/07/2022

Sendo um movimento para celebrar a vida, a união, o perdão, é curioso o gesto que Jair Bolsonaro fez durante a Marcha para Jesus. Ele simulou executar alguém caído e essa imagem diz tudo. Não existe nada mais anticristão que matar alguém que está caído. Então, os evangélicos assumiram essa narrativa, e ano a ano expuseram o desejo de seu líder, fazendo com que o movimento se tornasse um grande comício de Bolsonaro. Desfilava, com caixões de políticos adversários e do próprio Partido dos Trabalhadores, e principalmente com cartazes incentivando o armamento, podendo ser vista até uma arma gigante no meio da multidão evangélica.

A massa bolsonarista também foi representada no Amazonas, e em alguns municípios do estado. Em Manaus, apenas no comício realizado em 7 de setembro de 2021, mais de 10 mil pessoas se reuniram na praia da Ponta Negra, como pode ser observado na Figura 27 – Passeata de 7 de setembro de 2021 na Praia da Ponta Negra, Manaus-AM. Após uma gigantesca “motociata” (ou motosseata, se seguirmos a correta grafia de acordo com estudos linguistas) realizada por diversos bairros da cidade, mesmo sem a presença de Bolsonaro.

Figura 27 – Passeata de 7 de setembro de 2021 na Praia da Ponta negra, Manaus-AM



Fonte: Direto ao ponto<sup>20</sup>

O fato interessante ocorrido na passeata travestida em comício eleitoral, foi a presença de inúmeros políticos e candidatos do cenário regional, e dentre eles dois ex-superintendentes da SUFRAMA, apoiando as pautas de interesse de Bolsonaro, dentre elas o favorecimento a madeireiros e garimpeiros, oposição aos direitos indígenas e o fim dos incentivos à própria Zona Franca de Manaus, na qual eles presidiram.

Para essa massa bolsonarista há uma realidade alternativa, na qual a irracionalidade faz parte de seu cotidiano, fazendo com que as ações proibidas, ilegais e criminosas possam ser justificadas com uma narrativa oriunda da raiz bolsonarista, a de que tudo seria pautado na liberdade de opinião. Como podemos observar na Figura 28 – Protestos em Santa Catarina em 02/11/2022, apoiadores de Bolsonaro fazendo gestos nazistas para reverenciar seu líder.

Figura 28 – Protestos em Santa Catarina em 02/11/2022



Fonte: Folha de São Paulo<sup>21</sup>

<sup>20</sup> <https://diretoaopontonews.com.br/amazonas/cerca-de-10-mil-pessoas-se-reunem-na-ponta-negra-em-manifestacao-pro-bolsonaro-em-manaus/>

<sup>21</sup> <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/11/bolsonaristas-fazem-saudacao-nazista-em-sc-e-ministerio-publico-inicia-investigacao.shtml>

O grupo repetiu o gesto de apologia ao nazismo em manifestação antidemocrática na frente da base do Exército, em São Miguel do Oeste, no estado de Santa Catarina. O gesto foi feito no momento da entoação do Hino Nacional,

Logo, precisamos entender a massa a partir da compreensão de pensadores como Adorno e Freud, voltando sua percepção para um corpo social e orgânico, formado por indivíduos que se identificam solidariamente e se associam a um líder, nesse caso, Bolsonaro. Ela apresenta comportamentos sociais como os construtivos e amorosos, ou ainda a expressão da destruição e do ódio. No decorrer da história, ela manifestou-se de muitos modos, estando presente na igreja, no exército, nos comícios políticos e nos grupos que se autodenominam bolsonaristas. Adorno (1996), afirma:

A sociedade de massas é, como o próprio nome já indica, uma sociedade manipulável, moldável, em que se consegue capturar o lazer dos indivíduos com produtos culturais que ajudam a manter a distorção da realidade, a manipulação e a alienação sofrida pelas pessoas (ADORNO, 1996, p388).

Ao tomar para si elementos que representem os grupos, Bolsonaro objetivou transformar os desejos inatos desses indivíduos em seguidores fiéis. O *slogan* “Deus, Pátria e Família” se transformou em lazer, principalmente se observarmos as igrejas evangélicas defendendo o armamento, os brasileiros ditos patriotas reproduzindo gestos nazistas ou os amazonenses pedindo o fim da Zona Franca em passeatas, comícios, protestos e eventos.

Podemos citar como exemplo a analogia entre um jogo de futebol e os protestos antidemocráticos incentivados por Bolsonaro: O indivíduo acorda cedo no domingo, veste toda a família com camisas verde e amarelas da seleção, prepara a bandeira do Brasil, calibra a vuvuzela e vai para o assentamento na Ponta Negra venerar seu líder em uma realidade completamente distorcida na qual tudo é possível.

Ao pensarmos que essas seriam atitudes de loucura ou irracionais, precisamos compreender o bolsonarismo como uma manobra de controle para se alcançar um fim, um objetivo, em que, como explicitado no primeiro capítulo deste trabalho, “a palavra tem poder” e as narrativas de Bolsonaro sempre representarão algo a ser feito por seus seguidores, que quando estão em massa, são capazes de fazer qualquer coisa.

Portanto, por mais que as pessoas não possuam ligações, aparentem ser diferentes e com desejos contrários, quando se encontram em massa, passam a abstrair os desejos da massa. De acordo com Freud (2011):

Quando se fala de psicologia de massas, existe o hábito de abstrair dessas relações, e isolar como objeto de investigação a influência que muitas pessoas exercem simultaneamente sobre o indivíduo, pessoas às quais se acham ligadas de algum modo, mesmo em muitos aspectos sendo estranhas. (Freud, 2011, p. 07).

Nessa perspectiva, a psicologia de massas entende o ser individual como membro de uma tribo, um povo, uma casta, uma classe, uma instituição, ou como parte de uma aglomeração que se organiza como massa em determinado momento, para um certo fim. Freud (2011) conclui:

Após essa ruptura de um laço natural, o passo seguinte é considerar os fenômenos que surgem nessas condições especiais como manifestações de um instinto especial irreduzível a outra coisa, o instinto social denominada mentalidade de rebanho, que não chega a se manifestar em outras situações. Mas podemos levantar a objeção de que é difícil conceder ao fator numérico um significado tão grande, em que somente ele seria capaz de despertar, na vida psíquica humana, um instinto novo, normalmente inativo (Freud, 2011, p. 07).

Desta forma, o que seria considerado irracional, estaria se tornando o certo, o correto, ao mesmo tempo que o grupo passaria a vivenciar uma nova realidade, uma realidade alternativa, vivenciada apenas por seus integrantes.

O movimento de massa bolsonarista foi criado a partir do forte apelo emocional, historicamente problemático para a sociedade, com discursos de ódio fundamentados em racismo ou misoginia, com incentivo à conduta violenta, nacionalismo, xenofobia, aversão a tudo que se identifique com o marxismo e o desprezo pelas instituições democráticas. Estas são características que de imediato nos remetem à algumas características encontradas no fascismo.

O comportamento de movimento de massa bolsonarista também foi observado nos grupos virtuais. As redes sociais, as mídias sociais e mídias digitais tiveram grande significância para a disseminação de notícias falsas a favor de Bolsonaro. *Facebook, Whatzapp, Telegram e Instagram* exercem também a função de rede social, possibilitando a criação de grupos, nos quais o movimento de massa bolsonarista ganhou uma força extraordinária.

Nesses grupos, o ideal do ego de seus membros é substituído por um líder, então somos levados a pensar que a devoção de seus integrantes a ele é extrema,

é irracional. Dessa forma surgem comportamentos considerados intolerantes referente aos sujeitos que não estão ligados por meio do laço que une os membros de grupo. Esses comportamentos são encontrados em postagens nas redes sociais em defesa dos grupos aos quais pertencem: “a falta de autonomia e de iniciativa de cada indivíduo, a similitude entre a sua reação e a de todos os demais, seu rebaixamento a indivíduo de massa” (Freud, 1921/2011, p. 60), todas essas características podem ser observadas permanentemente nas redes sociais.

Para Freud (1921/2011), essas características encontradas em uma massa são ressaltadas pelo fator da sugestão mútua, e não apenas pela ligação com o líder. A todo momento, os membros do grupo são reforçados pela repetição das atitudes de outros membros, da mesma forma que acontece na sociedade humana, em que cada indivíduo é levado a agir de acordo com as características do grupo a que pertence.

Se pensarmos nas redes sociais, a sugestão é ininterrupta, pois as postagens são realizadas a todo instante, sem que o sujeito possa ter controle sobre isso. Esse fator mostra-se presente em postagens que se tornam populares nas redes sociais, pois cada vez que a publicação recebe um comentário ou uma “curtida”, mais esta aparecerá na linha do tempo dos indivíduos, provocando cada vez mais popularidade e visibilidade, tornando esse integrante do grupo um exemplo a ser seguido.

#### **2.4. Do discurso de ódio ao gabinete do ódio**

Como observado no primeiro capítulo deste estudo, o discurso teve grande importância no governo de Bolsonaro, representando parte de sua estratégia de governo, pois através dele eram criadas inúmeras notícias falsas para tentar justificar sua política de destruição.

Com a propagação dos meios de comunicação advindos da internet, foi observado o aumento de circulação de notícias falsas, distorção intencional de fatos, com o intuito arruinar a reputação e a imagem de pessoas e entidades escolhidas como desafetos.

O discurso de ódio representa qualquer tipo de comunicação por discurso, texto ou comportamento que ataque, use linguagem discriminatória ou ofensiva referente a uma pessoa ou grupo baseado em quem eles são e representam. Em outras palavras, baseado na sua religião, etnia, nacionalidade, raça, cor,

descendência, gênero ou outro fator identitário. Esse discurso que representa uma característica do bolsonarismo, pode ser definido por Winfried Brugger (2007) como:

O discurso do ódio está vinculado à utilização de palavras que tendem a insultar, intimidar ou assediar pessoas em virtude de sua raça, cor, etnicidade, nacionalidade, sexo, religião ou características que o identifique quanto um grupo, voltado à sua potencialidade ou capacidade de instigar violência, ódio ou discriminação contra essas pessoas. (WINFRIED BRUGGER, 2007, p. 151).

Esse discurso de ódio representa um ato de discriminação que envolve diferentes tipos de intolerância. A discriminação é uma atitude em que as pessoas são tratadas de forma injusta e a intolerância representa um comportamento de negação da existência de diferenças, levando na maioria das vezes a uma atitude eugênica.

A intolerância frequentemente se manifesta em forma de discurso de ódio, sendo considerada violência verbal, na qual a base desse tipo de discurso é a rejeição das diferenças entre as pessoas. Então, essas diferenças são consideradas como fatores que diferem os grupos sociais e ainda conseguem definir um determinado grupo, como cultura, nacionalidade, religião, política e outros. De acordo com Silva (2011), a caracterização do discurso de ódio é dada por:

Esse discurso se caracteriza por incitar a discriminação contra pessoas que partilham de uma característica identitária comum, como a cor da pele, o gênero, a opção sexual, a nacionalidade, a religião, entre outros atributos. A escolha desse tipo de conteúdo se deve ao amplo alcance desta espécie de discurso, que não se limita a atingir apenas os direitos fundamentais de indivíduos, mas de todo um grupo social, estando esse alcance agora potencializado pelo poder difusor da rede, em especial de redes sociais (SILVA, 2011, p446).

Essa intolerância nas redes sociais refletida em forma de discurso de ódio representa um crime que ao longo desses quatro anos se propagou de forma exagerada. Os ataques às minorias na forma de racismo, homofobia, misoginia, xenofobia, intolerância religiosa e muito mais, são as principais características de crimes cibernéticos na atualidade. De acordo com Tiburi (2016), assemelha-se a:

Podemos observar que muitas são as semelhanças com os modelos fascistas de Estado, uma vez que o absolutismo que os caracteriza promove a perseguição, o preconceito com aqueles que não se alinham ao tipo idealizado imposto e a construção de dogmas pautados no senso comum (TIBURI, 2016, p. 167).

Esse discurso é socialmente construído com base em preconceitos que aparecem ao longo da história, como preconceitos étnicos, raciais, de gênero,

culturais, deficiência, entre outros, e não podem ser considerados simplesmente como uma opinião. A opinião é fundamentada em sentimentos e conclusões individuais, enquanto os preconceitos são refletidos socialmente por situações de dominação de um grupo sobre outro.

Na Figura 29 – Discurso de ódio proferido por Allan dos Santos através de imagem, podemos observar a imagem de Allan dos Santos, um dos principais apoiadores do ex-presidente, que era dono do canal Terça Livre e teve importante papel no governo, difundindo o ódio em suas redes sociais, tentando recrutar o máximo de pessoas para se opor aos inimigos políticos e desafetos de Bolsonaro.

Figura 29 – Discurso de ódio proferido por Allan dos Santos através de imagem



Fonte: Estado de Minas <sup>22</sup>

Essa imagem representa o discurso de ódio ao Supremo Tribunal Federal e possuía a função de recrutar apoiadores a se unirem a essa causa. Allan dos Santos é investigado em dois inquéritos no Supremo Tribunal Federal (STF) e está foragido nos Estados Unidos.

O discurso de ódio jamais poderia ser considerado uma opinião, pois incita e leva à violência e essa atitude é considerada crime no Brasil. Silva (2011), destaca também:

A divisão do tal discurso em dois atos: o insulto e a instigação. O primeiro diz respeito diretamente à vítima, consistindo na agressão à dignidade de determinado grupo de pessoas por conta de um traço por elas partilhado. O segundo ato é voltado a possíveis “outros”, leitores da manifestação e

<sup>22</sup> [https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2021/01/20/interna\\_nacional,1230897/allan-dos-santos-e-suspenso-do-twitter-por-discurso-de-odio.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2021/01/20/interna_nacional,1230897/allan-dos-santos-e-suspenso-do-twitter-por-discurso-de-odio.shtml)



não identificados como suas vítimas, os quais são chamados a participar desse discurso discriminatório, ampliar seu raio de abrangência, fomentá-lo não só com palavras, mas também com ações. (SILVA et al, 2011, p.448).

Podemos observar que ambos são características do bolsonarismo, sendo consideradas estratégias tanto de ataque quanto de defesa, fomentadas por seu líder. Na Figura 30 – Discurso de ódio feito pelo próprio ex-presidente no *Facebook* e Figura 31 – Resultado do discurso de ódio feito ao Cientista do INPA, Lucas Ferrante, podemos observar os dois exemplos citados por Silva (2011), ambos relacionados à questões ocorridas na Amazônia:

Figura 30 – Discurso de ódio feito pelo próprio ex-presidente no *Facebook*



Fonte: Revista Veja<sup>23</sup>

Figura 31 – Resultado do discurso de ódio feito ao Cientista do INPA, Lucas Ferrante



Fonte: Climainfo<sup>24</sup>

O próprio ex-presidente proferiu seu discurso de ódio ao presidente da França, Emmanuel Macron, em retaliação às denúncias de descaso aos incêndios na Amazônia, em 24 de agosto de 2019. Bolsonaro atacou Macron respondendo um comentário feito por um apoiador que comparava a beleza de Michele Bolsonaro à de Brigitte Macron. Apesar do discurso ter repercutido negativamente em âmbito internacional, foi massivamente divulgado pelos apoiadores de Bolsonaro.

<sup>23</sup> <https://veja.abril.com.br/mundo/bolsonaro-zomba-da-esposa-de-macron-e-e-acusado-de-sexismo/>

<sup>24</sup> <https://climainfo.org.br/2021/03/18/cientista-sofre-ataques-por-destacar-desgoverno-ambiental-e-pandemico-no-brasil/>

A segunda forma de discurso relatada por Silva (2011) foi observada aos ataques feitos ao pesquisador Lucas Ferrante, Doutor do Instituto de Pesquisas da Amazônia (INPA), que em 2019 sofreu centenas de ameaças de morte em suas redes sociais após apontar o desmonte das políticas ambientais sob o governo Bolsonaro no Brasil, com artigos publicados em revistas de prestígio global como Science e Nature. Eles também apontaram o risco de uma nova escalada da pandemia em Manaus no final do ano passado, o que acabou acontecendo meses depois. No entanto, tudo isso atraiu a ira de apoiadores do presidente, cada vez mais radicalizados pelo discurso ideológico de seu ídolo, com ameaças de morte e tentativas de agressão em locais públicos.

Nas redes sociais, esses conflitos são baseados em discriminações e estigmas sociais como se fosse uma competição na qual quanto mais odioso o discurso, mais aceito e confiável são os emissores nos grupos de indivíduos que compartilham de suas ideias. O próprio formato das redes sociais, nas quais as curtidas são tudo para seus usuários revela que há uma premiação para quem espalha o ódio, pois essas pessoas conseguem ser vistas e veneradas por quem compartilha de suas ideias.

Parece haver um ganho para quem incita ódio em redes sociais, e este ganho é a visibilidade, popularidade, reputação e influência. Tais fatores estão ligados a questões de pertencimento ao grupo ou afirmação de identidade (SANTOS; SILVA, 2016, p. 5).

Esse formato também monetiza os indivíduos que conseguem alcançar essa visibilidade, que frequentemente tentam se amparar na dita liberdade de expressão, ou simplesmente da opinião. Com isso, foi criado no mundo um novo termo para identificar pessoas que compartilham dessas ideias, o "*Hate Speech*".

Representa um movimento vigorado em alguns países pelo qual a liberdade de expressão é ilimitada, pois permite a qualquer pessoa dizer tudo o que quiser e o que pensa. Os *haters speech* no mundo digital representam indivíduos que compartilham na rede mensagens com teor preconceituoso, sempre contra as minorias sociais, tendo como principal referência as diferenças religiosas, étnicas, o racismo, nacionalidade ou qualquer grupo minoritário. Então, o discurso de ódio, ganhou destaque a partir da ação dos *haters speech* pois estes tentam transformar os integrantes dos grupos sociais em objetos (ROSENFELD, 2001, p. 02).

Para entender o discurso de ódio como um fenômeno de hostilidade é preciso delimitar o que se compreende por violência e suas formas de concretização. Acerca do tema, Marilena Chauí apresenta dois espectros de violação e transgressão de normas, sejam estas jurídicas, morais ou éticas:

Em primeiro lugar, como conversão de uma diferença e de uma assimetria numa relação hierárquica de desigualdade com fins de dominação, de exploração e de opressão. Isto é, a conversão dos diferentes em desiguais e a desigualdade em relação entre superior e inferior. Em segundo lugar, como a ação que trata um ser humano não como sujeito, mas como uma coisa. Esta se caracteriza pela inércia, pela passividade, e pelo silêncio, de modo que, quando a atividade e a fala de outrem são impedidas ou anuladas, há violência. (CHAUÍ, 1997, p.48).

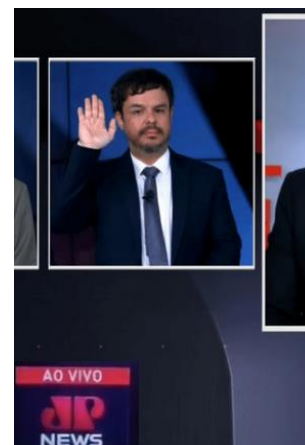
Com isso, observa-se que o ataque através do discurso de ódio, enquanto ato de violência, vai além da conduta de “xingar”, ele representa os inúmeros comportamentos de repressão, exploração e dominação expressados nesse discurso, que visam reprimir o *status* de ser humano da vítima para transformá-la em uma coisa, desprovida de interesses ou direitos. Figura 32 – Discurso de imagem por comparação e Figura 33 – Programa jornalístico afirma que nazismo é liberdade de expressão, podemos observar dois exemplos desse discurso de comparação negativa.

Figura 32 – Discurso de imagem por comparação



Fonte: Grupo Bolsonaroista do *Facebook*

Figura 33 – Programa jornalístico afirma que nazismo é liberdade de expressão



Fonte: Jovem Pan

Os dois exemplos mostram a violência contida nos discursos de ódio expressadas nas imagens.

Figura 32 – Discurso de imagem por comparação, retirada de um grupo bolsonarista no *Facebook* representa um clássico discurso de ódio e enfatiza o conceito, atacando raça, cor, etnicidade, sexo, religião ou características que

identifique a pessoa à um grupo. Observando a linha central, temos a associação da imagem de um indígena e um negro com o que seria um bandido, na qual à esquerda os vê como vítimas.

Na Figura 33 – Programa jornalístico afirma que nazismo é liberdade de expressão, a emissora de rádio e canais de *streamers* apresentam entrevistas de cunho nazista, na tentativa de validar a falsa liberdade de expressão, na qual, ao fim o jornalista efetua um gesto nazista para confirmar que ele tinha a liberdade de ser nazista.

A forma de ataque dos *haters speech* bolsonaristas se baseava nos discursos feitos pelo ex-presidente e por seus ministros, que pareciam estar alinhados com o mesmo discurso de ódio. Na Figura 34 – Forma de ataque dos *haters speech* bolsonaristas , podemos observar o Ministro do Meio Ambiente rebatendo uma crítica feita pelo presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia, no *Twitter*, em 28 de outubro de 2020.

Nhonho é um personagem interpretado por Édgar Vivar na série mexicana "Chaves". O apelido é usado de forma pejorativa por bolsonaristas para se referir ao presidente da Câmara. Horas depois, os *haters speech* bolsonaristas fizeram milhares de ataques contendo discurso de ódio nos perfis das redes sociais de Rodrigo Maia. Foram tantas ameaças de morte voltadas para ele e sua família, que as plataformas foram obrigadas a cancelar as contas de Rodrigo Maia.

Figura 34 – Forma de ataque dos *haters speech* bolsonaristas



Fonte: Poder 360<sup>25</sup>

<sup>25</sup> <https://www.poder360.com.br/governo/ministro-do-meio-ambiente-ricardo-salles-chama-rodri-go-maia-de-nhonho/>

Apesar dos *haters speech* usarem como estratégia de defesa a liberdade de expressão, entende-se que essa seria apenas uma forma de tentar justificar condutas de caráter criminoso, pois na realidade ela representa o direito que permite as pessoas manifestarem suas opiniões sem medo de represálias, desde que essas opiniões não transgridam a Lei. Igualmente, autoriza que as informações sejam recebidas por diversos meios, de forma independente e sem censura. Marilena Chauí (1997) traz uma reflexão mais profunda sobre liberdade, e a contrapõe à violência:

A liberdade não é a escolha voluntária ante várias opções, mas a capacidade de autodeterminação para pensar, querer, sentir e agir. É autonomia. Não se opõe à necessidade (natural ou social), mas trabalha com ela, opondo-se ao constrangimento e à autoridade. Nessa perspectiva, ser sujeito é construir-se e constituir-se como capaz de autonomia numa relação tal que as coisas e os demais não se ofereçam como determinantes do que somos e fazemos, mas como campo no qual o que somos e o que fazemos pode ter a capacidade aumentada ou diminuída, segundo nos submetamos ou não à força e à violência ou sejamos agentes dela (CHAUÍ, 1997, p.36).

Ou seja, a liberdade representa o direito de exteriorizar a opinião pessoal ou de um grupo, sempre com respeito e respaldada pela veracidade de informações. Porém, a violência expressada no discurso também assume a função de dominação, uma forma de se sobrepor ao outro, o inferiorizando, recorrendo à perseguição, humilhação, intimidação, agressão ou difamação de pessoas ou grupos, atuando principalmente na esfera virtual. Sobre violência, Marilena Chauí (1997) afirma:

1-Tudo o que age usando a força para ir contra a natureza de algum ser (é desnaturar); 2- Todo ato de força contra a espontaneidade, a vontade e a liberdade de alguém (é coagir, constranger, torturar, brutalizar); 3- Todo ato de violação da natureza de alguém ou de alguma coisa valorizada positivamente por uma sociedade (é violar); 4- Todo ato de transgressão contra aquelas coisas e ações que alguém ou uma sociedade definem como justas e como um direito; 5- Consequentemente, a violência é um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico e/ou psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão, intimidação, pelo medo e pelo terror (CHAUÍ, 1997, p.342).

Entender que a violência também pode ser refletida através do discurso de ódio é uma forma de compreender o quão impactante ela realmente é, e que estragos ela pode causar. Neste sentido, o discurso de ódio ganha uma estrutura argumentativa que está dividida em três vertentes, o banimento, o pânico e a ideologia. De acordo com Santos e Silva (2014), ele se comporta como:

1- Banimento do outro, ou a tentativa de banimento, que se revela numa atitude de intolerância quanto ao diferente geralmente considerado como inimigo. 2- O acionamento do pânico, tanto moral quanto social, que instiga intencionalmente o medo entre a maioria dominante com o objetivo de torna opressora. 3- O argumento ideológico, sendo de cunho político, social ou religioso que mira a manutenção de um estado de coisas para um grupo dominante (SANTOS E SILVA, 2014, p. 05).

Outro ponto a ser analisado é a inversão entre vítima e agressor na interpretação do discurso de ódio, a razão da inversão que resulta na capacidade de distorção dos fatos. Pela inversão, basta apenas colocar uma palavra no lugar da outra, trocar o lugar de quem fala, e uma vítima pode se transformar em um vilão impetuoso. Observamos essa lógica tão sempre presente na culpabilização da vítima, quanto na vitimização do culpado. (TIBURI, 2016, p. 59).

Como foi observado ao longo deste capítulo, o discurso de ódio passou a fazer parte da estratégia de governo de Bolsonaro, no qual cada grupo de seguidores possuía uma função específica. Bolsonaro dava o pontapé inicial atacando com discurso de ódio seus inimigos políticos ou desafetos; seus seguidores espalhavam falsas notícias na internet embasadas nesse discurso de ódio atacando as instituições; militares bolsonaristas assumiam as instituições para o desmantelamento; políticos bolsonaristas solicitavam a criação de leis, devido à perda de autonomia das instituições; Bolsonaro fomentava Leis e instituía Decretos afirmando que seria desejo do povo.

Essa era a principal estratégia adotada durante os quatro anos de mandato, que incluiu a criação de um gabinete paralelo, com funcionários contratados para a criação de notícias falsas contendo o discurso de ódio, que foi posteriormente chamado de Gabinete do ódio.

Gabinete do Ódio é o nome dado ao grupo de assessores do ex-presidente, que atuavam no Palácio do Planalto e foram coordenados por Carlos Bolsonaro. O grupo atuava na gestão das redes sociais do ex-presidente e foi formado durante a campanha para a eleição presidencial do Brasil, em 2018.

Em meados de 2019, a deputada Joice Hasselmann, antiga aliada política de Bolsonaro, denunciou a existência de uma milícia virtual<sup>26</sup>, com domínio de perfis falsos em redes sociais e divulgação de *fake news* direcionadas a atacar adversários

---

<sup>26</sup> Análise: impunes, "milícias virtuais" desafiam os Três Poderes». Metrôpoles. 23 de outubro de 2019. Consultado em 17 de agosto de 2022: <https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil/analise-impunes-milicias-virtuais-desafiam-os-tres-poderes>

políticos. Segundo a deputada, o grupo foi responsável por difundir em massa notícias falsas relacionadas, dentre outros assuntos, ao suposto "kit gay" e à "mamadeira erótica", vinculando-as ao candidato Fernando Haddad durante a eleição presidencial de 2018.

Meses antes, o mesmo grupo teria sido responsável por divulgar informações falsas difamando a vereadora Marielle Franco, assassinada em março de 2018, alegando que a vereadora seria casada com um traficante e apoiadora da organização criminosa Comando Vermelho.

A atuação do assim denominado "gabinete do ódio"<sup>27</sup> foi inicialmente reportada pelo jornal O Estado de S. Paulo, em setembro de 2019, e se notabilizou a partir da CPMI das *fake news*. Deputados anteriormente aliados ao governo Bolsonaro, Alexandre Frota, Heitor Freire e a própria Joice Hasselmann<sup>28</sup>, relataram a existência do grupo, que se autodenominava "Gabinete do Ódio", descrevendo as frentes de atuação e os métodos utilizados.

As alegações principais eram de que o grupo utilizava as redes sociais e ferramentas de disparos em massa, principalmente o *WhatsApp* e *Telegram*, conforme relatório da Polícia Federal<sup>29</sup>: *"um grupo que produz conteúdos e/ou promove postagens em redes sociais atacando pessoas (alvos) – os 'espantalhos' escolhidos – previamente eleitas pelos integrantes da organização, difundindo-as por múltiplos canais de comunicação"*.

O conteúdo divulgado incluía a propagação de notícias falsas, o uso de robôs e de investimentos pesados em promoção do conteúdo gerado. Há suspeitas de que grande parte do dinheiro usado na divulgação dessas notícias seja público.

Com isso, esse gabinete do ódio era responsável por criar conteúdos falsos contendo memes, vídeos curtos, reportagens e imagens sempre estimulando o discurso de ódio. Também era responsável pela distribuição deste material, em que,

---

<sup>27</sup> Estado, Agência (19 de dezembro de 2020). «Bolsonaro nega existência do 'gabinete do ódio' dentro do Planalto». Política. Consultado em 17 de agosto de 2022: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2020/12/4896053-bolsonaro-nega-existencia-do-gabinete-do-odio-dentro-do-planalto.html>

<sup>28</sup> Joice Hasselmann denuncia "milícia" e "gabinete de ódio" na disseminação de *fake news* - Notícias». Portal da Câmara dos Deputados. Consultado em 17 de agosto de 2022: <https://www.camara.leg.br/noticias/622252-joyce-hasselmann-denuncia-milicia-e-gabinete-de-odio-na-disseminacao-de-fake-news/>

<sup>29</sup> PF afirma ao STF que estrutura do 'gabinete do ódio' é usada por milícia digital. CartaCapital. 11 de fevereiro de 2022. Consultado em 17 de agosto de 2022: <https://www.cartacapital.com.br/politica/pf-afirma-ao-stf-que-estrutura-do-gabinete-do-odio-e-usada-por-milicia-digital/>

para isso, fomentavam centenas de grupos de recrutamento no *WhatsApp* e *Telegram*, além de criar também milhares de perfis falsos no *Facebook*, facilitando o compartilhamento dessas mensagens.

## **2.5. A democracia enfrenta o bolsonarismo**

Bolsonarismo é um alinhamento ideológico de direita que ocorre no Brasil baseado nos posicionamentos pessoais e políticos de seu líder, o ex-presidente Jair Bolsonaro. É um organismo extremamente consistente com sua base central formada por apoiadores que compartilham do mesmo pensamento, que constitui aproximadamente 25% da população do país. Por meio de sua retórica de ódio, critica os movimentos da esquerda, amparando-se em um projeto conservador, voltado para a defesa dos ditos princípios tradicionais como família, pátria, propriedade e patriotismo. Bolsonaro conseguiu o apoio de um conjunto de eleitores que se identificavam com seus ideais e que estavam profundamente insatisfeitos com o sistema político do país nas últimas décadas.

Diferente de outros líderes políticos, Bolsonaro foi um político controverso, que apoiava temas irracionais como tortura, pena de morte, ditadura militar e outros, tentando legitimar em seu governo esses pensamentos. O bolsonarismo ainda é marcado por reações culturais contrárias aos avanços sociais progressistas em matérias relativas a direitos de gênero.

Além de também ser marcado pela defesa de políticas duras de combate ao crime e à corrupção, é crítico de políticas sociais de reversão de desigualdades baseadas em ação afirmativa. Outrossim, Bolsonaro promove uma clara junção dessas propostas à outras associadas às pautas de direita, como a redução da presença do Estado na economia associada na defesa das privatizações, e a ideia de que indivíduos são responsáveis por seu sucesso pessoal, no qual o empreendedorismo representa a melhor forma de prosperar na vida. (Luna; Rovira-Kaltwasser, 2014).

O bolsonarismo muitas vezes se confunde com o fascismo, principalmente por deixar nas entrelinhas algumas características como o discurso de ódio. Esse discurso é adorado por seus seguidores como uma estratégia política, na qual esses seguidores participam do plano de governo diretamente. A esse respeito, bem enfatizou Chauí (2019):



Estamos acostumados a identificar o fascismo com a presença do líder de massas como autocrata. É verdade que, hoje, embora os governantes, não se alcem à figura do autocrata, operam com um dos instrumentos característicos do líder fascista, qual seja, a relação direta com “o povo”, sem mediações institucionais e mesmo contra elas. Também, hoje, se encontram presentes outros elementos próprios do fascismo: o discurso de ódio ao outro – racismo, homofobia, misoginia; o uso das tecnologias de informação que levam a níveis impensáveis as práticas de vigilância, controle e censura; e o cinismo ou a recusa da distinção entre verdade e mentira como forma canônica da arte de governar. (CHAUÍ, 2019, p. 1).

O bolsonarismo foi a ideologia análoga ao fascismo, predominante do governo Bolsonaro, sendo associado à retórica de defesa da família, do patriotismo, do conservadorismo, do autoritarismo, de elementos neofascistas, do anticomunismo, do negacionismo científico, do porte de armas, da rejeição aos direitos humanos e da aversão à esquerda política, bem como pelo culto à figura de Bolsonaro como um mito, tendo o escritor Olavo de Carvalho como um de seus idealizadores.

É análogo ao fascismo por compartilhar algumas características, como a necessidade do poder absoluto do Estado, nacionalismo exacerbado, defesa de ideias de repaginação, regeneração e purificação da nação brasileira, da extirpação e da perseguição de seus opositores políticos. No entanto, apesar de ser análogo ao fascismo, o bolsonarismo não pode ser considerado um movimento fascista. De acordo com Marilena Chauí (2019), isso se explica devido:

No entanto, não emprego esse termo por três motivos: (a) porque o fascismo tem um cunho militarista que, apesar das ameaças de Trump à Venezuela ou ao Irã, as ações de Nathanayu sobre a faixa de Gaza, ou a exibição da valentia do homem armado pelo governo Bolsonaro e suas ligações com as milícias de extermínio, não podem ser identificados com a ideia fascista do povo armado; (b) porque o fascismo propõe um nacionalismo extremado, porém a globalização, ao enfraquecer a ideia do Estado-nação como enclave territorial do capital, retira do nacionalismo o lugar de centro mobilizador da política e da sociedade; (c) porque o fascismo pratica o imperialismo sob a forma do colonialismo, mas a economia neoliberal dispensa esse procedimento usando a estratégia de ocupação militar de um espaço delimitado por um tempo delimitado para devastação econômica desse território, que é abandonado depois de completada a espoliação. (CHAUÍ, 2019, p. 1).

Em contrapartida, Marilena Chauí aponta diversos traços do bolsonarismo comuns ao fascismo como o racismo, a homofobia, a misoginia, o uso das tecnologias de informação que levam a níveis impensáveis, as práticas de vigilância, controle e censura e o cinismo ou a recusa da distinção entre verdade e mentira como forma canônica da arte de governar. Outro traço do bolsonarismo que se

assemelha ao fascismo, é o contato direto com o povo, sem intermediação das instituições.

O pesquisador João Cezar de Castro Rocha, especialista na política de extrema-direita, classifica o bolsonarismo como "pior que o fascismo". É um movimento extremamente violento, baseado na difamação e eliminação dos desafetos de seu líder. Rocha afirma:

Toda forma de totalitarismo do século 20 propunha inicialmente a tentativa de converter o outro, cooptá-lo para o regime, enquanto o bolsonarismo propõe que as minorias se adequem ou devem desaparecer. "Vamos fuzilar a petralhada do Acre, não é apenas uma figura de linguagem, mas "a expressão fiel de uma filosofia política que não aceita que nada que não seja espelho tenha direito à existência. (Retórica do ódio).

O bolsonarismo nasceu muito antes da ascensão de Bolsonaro. Olavo de Carvalho foi considerado um ideólogo do bolsonarismo e desde a década de 1990 suas teorias influenciavam na formação do pensamento dos seguidores do ex-presidente, e, posteriormente, nos rumos que ele adotou para o governo. A chamada "ala ideológica" do governo Bolsonaro é um grande expoente dos discursos contrários à China, aos movimentos sociais, à imprensa e à esquerda, além de sustentar teorias conspiratórias como uma suposta farsa do aquecimento global e a suposta falsa pandemia do Corona Vírus.

Com um início de carreira política apática, ao longo dos anos Bolsonaro recrutou seguidores com seu discurso de ódio. Os elementos de violência nesses discursos eram explícitos, um exemplo disso está em sua fala na entrevista concedida ao programa Câmera Aberta<sup>30</sup> no ano de 1999 ao dizer:

"Me desculpa, mas através do voto, você não vai mudar nada nesse país. Só vai mudar, infelizmente, quando partirmos para uma guerra civil aqui dentro. E fazendo um trabalho que o regime militar não fez. Matando uns 30 mil. Começando com o FHC. Se vai morrer alguns inocentes? Tudo bem!" (BOLSONARO, 1999).

Ainda como deputado, entre 2011 e 2015 Bolsonaro comemorava publicamente o Golpe Militar de 1964, soltando rojões e expondo cartazes, com a intenção de atrair o apoio dos militares e da ala mais radical da direita. Como podemos observar na Figura 35 – Bolsonaro comemorando o Golpe de 64, o cartaz

---

<sup>30</sup> Bolsonaro já cumpriu o que prometeu: temos 30 mil mortos. FARINELLI, V. Opera Mundi, 02 jun. 2020. Disponível em <https://operamundi.uol.com.br/coronavirus/64996/bolsonaro-ja-cumpriu-o-que-prometeu-temos-30-mil-mortos> Acesso em:

na praça dos três poderes em 2014 com criação de documentários pedindo o resgate dessa data e a mudança nos livros de história do país.

Figura 35 – Bolsonaro comemorando o Golpe de 64



Fonte: Revista Veja<sup>31</sup>

Olavo de Carvalho propôs uma guerra cultural para fazer frente ao Marxismo cultural, uma teoria de conspiração, segundo a qual há um movimento contemporâneo da esquerda mundial para destruir a cultura ocidental. Inspiradas no seu ideário, têm atuado nessa guerra cultural alguns produtores de cinema, como Josias Teófilo, da Lavra Filmes; Mauro Ventura Alves, sócio da IVIN Films; e a produtora Brasil Paralelo. Outros canais bolsonaristas também têm papel importante na difusão das ideias olavistas na internet, como Terça Livre, Senso Incomum, Conexão Política, Reacionária e Renova Mídia.

Por meio dessas estratégias, Bolsonaro se apropriou de uma importante ferramenta de comunicação, a internet, que com o auxílio de milhares de seguidores passou a fazer parte de sua campanha política, e posteriormente de sua estratégia de governo. Através desta estratégia, tentou acabar com o processo eleitoral do Brasil, e mais, deixou um campo aberto para a imposição de um novo golpe, que teve suas vias de fato em 8 de janeiro de 2023, após ter perdido as eleições.

Com essa nova forma de fazer política, precisamos nos questionar sobre até que ponto o bolsonarismo afetará a democracia. Há várias razões pelas quais deveríamos estar preocupados com o que há de vir, principalmente com as ações criminosas de pessoas e grupos que difundem desinformações. Isso inclui não apenas as *fakes news*, mas também teorias conspiratórias e qualquer outro tipo de

<sup>31</sup> <https://veja.abril.com.br/coluna/maquiavel/a-crueldade-do-governo-bolsonaro-ao-relembrar-a-ditadura-militar/>

conteúdo manipulado ou falso que tem como objetivo prejudicar terceiros e o próprio sistema eleitoral. Mas como, exatamente a desinformação oriunda do bolsonarismo pode ameaçar a democracia?

Com avanço da defesa de pautas conservadoras, da intensificação da perseguição às minorias sociais e do aumento da violência, criou-se uma rede de discussão acerca da democracia no país, levando juristas e pesquisadores a defenderem a tese de que o estado democrático de direito está sob ameaça, como explicou Casara (2018), ao afirmar que o Brasil vive um momento pós-democrático:

O significante “democracia” tornou-se vazio. Em nome de uma democracia de fachada praticam-se atos de violação aos valores democráticos. Em países, como o Brasil, lançados em uma tradição autoritária, onde mais da metade da população sempre foi vítima de arbítrios enquanto o restante da população naturalizou a violação dos limites democráticos, a pós-democracia instalou-se docilmente. Em um país construído a partir da escravidão e da correlata naturalização da hierarquização das pessoas, com alguns indivíduos desde sempre percebidos como descartáveis, a pós-democracia, a mercantilização das relações sociais e o egocentrismo do homem econômico adentraram sem dificuldade na sociedade. (CASARA, 2018, posição 127).

No livro “Como as Democracias Morrem”, Levitsky e Ziblatt (2018) explicam que é possível abater a democracia mesmo dentro de um aparente regime democrático. Nesse caso, a democracia se corrói gradativamente e envolta em um verniz de legalidade, com iniciativas consideradas constitucionais e, muitas vezes, com o discurso de aperfeiçoamento da própria democracia. Levitsky e Ziblatt (2018) afirma também:

Uma das grandes ironias de como as democracias morrem é que a própria defesa da democracia é muitas vezes usada como pretexto para a sua subversão. Aspirantes a autocratas costumam usar crises econômicas, desastres naturais e, sobretudo, ameaças à segurança como guerras, insurreições armadas ou ataques terroristas para justificar medidas antidemocráticas (LEVITSKY; ZIBLATT 2018, p108).

Esse foi um método amplamente utilizado no governo Bolsonaro, sempre sendo seu resultado justificado pela frase “foi desejo do povo”. Porém, para chegar a esse ponto, houve uma intensa ação da rede bolsonarista culminando no reaparelhamento das instituições, enfraquecendo-as, desta forma sendo solicitadas mudanças ou criações de novas leis de interesse pessoal ou político do ex-presidente. Foi o que ocorreu na Amazônia, cuja ação direta do presidente para a criação de leis que beneficiassem os garimpeiros resultou na morte de centenas de indígenas Yanomami.

Se imaginarmos um contexto em que a democracia eleitoral esteja funcionando, o bolsonarismo, através de sua estratégia de espalhar o ódio, a desinformação e manipulação de conteúdos, poderia influenciar no resultado de votações, sobretudo em disputas muito concorridas, nas quais a diferença entre o apoio aos principais candidatos é pequena. Em cenários mais trágicos e potencialmente violentos, o processo desinformativo como estratégia eleitoral poderia provocar uma ruptura social capaz de estimular e consolidar grupos favoráveis à instalação de regimes autoritários.

Os dois casos citados são eventos históricos pontuais. Alguns desses conteúdos são tão bem-feitos que fica difícil distinguir o que é verdade e o que é falso, mas a ameaça que eles representam à democracia é certa. De acordo com os pesquisadores Spencer McKay, os riscos seriam:

As *fakes news* apresentam riscos para a democracia ao reduzirem completamente nossa capacidade de conhecer, conhecido como risco epistêmico. De respeitar os demais, conhecido como risco moral. E de participar de modo igualitário do processo político, que seria o risco participativo (MCKAY, 2021)<sup>32</sup>.

De acordo com esse entendimento, as opiniões e decisões em uma democracia deveriam estar orientadas por fatos e pela lógica. Entretanto, plataformas como *Facebook*, *Twitter*, *Telegram* e *YouTube* e outras, reduziram significativamente o papel do jornalismo profissional como seletores e criadores de conteúdo informativo capazes de alcançar grandes audiências. Obviamente, esses profissionais das mídias tradicionais nem sempre decidem de modo neutro e isonômico o que publicar, mas têm nome e endereço para serem criticados, responsabilizados ou acionados judicialmente, coisa que fica difícil e complicada quando se trata das notícias falsas criadas para circularem na Internet.

Atualmente, qualquer indivíduo mal-intencionado, grupos de viés político ou seguidores fanáticos podem enviar mensagens para grandes audiências de modo enviesado e fraudulento e manter-se no anonimato. Além disso, o que recebemos pelas redes segue um padrão definido por algoritmo que não conhecemos, mas que está rigorosamente orientado para manter nossa atenção e exposição ao conteúdo ali publicado. Como parte desse conteúdo é falso, tal processo estimula uma

---

<sup>32</sup> <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1065912920938143?journalCode=prqb>

desconfiança natural sobre conteúdos que nos chegam, o que reduz nossa capacidade de conhecer e compreender fatos.

A democracia deve ser um regime político em que a soberania é exercida pelo povo, os cidadãos são os detentores do poder e confiam parte desse poder ao Estado para que este organize a sociedade. Todas as decisões políticas devem estar em conformidade com o desejo do povo. Marilena Chauí (2020) afirma:

Todavia, a democracia ultrapassa a ideia de um regime político para definir a forma da própria sociedade, isto é, a sociedade democrática. Em outras palavras, a democracia é uma forma sociopolítica definida pelo princípio da isonomia (igualdade dos cidadãos perante a lei) e da isegoria (direito de todos para expor em público suas opiniões, vê-las discutidas, aceitas ou recusadas em público), tendo como base a afirmação de que todos são iguais porque livres, isto é, ninguém está sob o poder de um outro porque todos obedecem às mesmas leis das quais todos são autores, sendo autores diretamente, numa democracia participativa e indiretamente, numa democracia representativa (CHAUÍ, 2020, p.11).

Essa forma sociopolítica, nas sociedades divididas em classes, busca conciliar o princípio da igualdade e da liberdade e a existência real das desigualdades introduzindo a ideia dos direitos que não são apenas civis, mas também econômicos, sociais, políticos e culturais. Graças aos direitos, os desiguais conquistam a igualdade, entrando no espaço político para reivindicar a participação nos direitos existentes e, sobretudo, para criação de novos direitos.

Os conflitos numa democracia deveriam ser resolvidos com respeito mútuo entre pessoas que têm opiniões diferentes e, principalmente, entre os partidos políticos. Mas as campanhas desinformativas que difamam moralmente alguns indivíduos ou grupos, que usam insultos, mentiras e ódio, vêm reduzindo o respeito e a cordialidade no debate público, estimula ataques morais e a polarização afetiva.

Finalmente, as democracias deveriam oferecer oportunidades de participação igualitária e inclusiva. Mas o caráter global das redes sociais digitais permite que grupos estrangeiros ou anônimos tenham uma participação ilegítima, indevida, desigual ou até mesmo inalcançável juridicamente. Por exemplo, grupos chineses tinham muito mais interesse na vitória de Lula em 2022; enquanto grupos americanos teriam razões para preferir Jair Bolsonaro. O financiamento externo de produção e difusão de conteúdos a favor de um ou outro interesse representaria uma intromissão indevida no processo eleitoral brasileiro.

A impossibilidade de supervisão nacional sobre redes globais, portanto, pode gerar uma inclusão injustificada de grupos no processo democrático deliberativo ou

mesmo eleitoral. Ao longo do governo Bolsonaro, houve cada vez mais clareza sobre os riscos da desinformação para a democracia surgindo instrumentos à disposição para enfrentar esses problemas, isto se deu devido à exposição de algumas estratégias usadas para governar, como por exemplo a tática bolsonarista.

Como podemos observar na Figura 36 – Políticos, pastores e artistas disparando notícias falsas e Figura 37 – Blogueiro bolsonarista recrutando seguidores para ameaçar o Supremo, plataformas de monetização bloquearam contas de alguns seguidores que divulgaram notícias falsas.

Figura 36 – Políticos, pastores e artistas disparando notícias falsas

### Twitter suspende contas de apoiadores de Jair Bolsonaro

Carla Zambelli, André Valadão e Zezé di Camargo perderam seus perfis  
© 02/11/2022 14h03



Fonte: Olhar Digital - 02/11/2022<sup>33</sup>

Figura 37 – Blogueiro bolsonarista recrutando seguidores para ameaçar o Supremo



Fonte: Estadão em 08/11/2021<sup>34</sup>

<sup>33</sup> <https://olhardigital.com.br/2022/11/02/internet-e-redes-sociais/twitter-suspende-contas-de-apoiadores-de-jair-bolsonaro/>

<sup>34</sup> <https://www.estadao.com.br/politica/timeline-eleicoes-2022/allan-dos-santos-terca-livre-twitter-suspenso/>

Nesse período, a democracia sofreu inúmeras ameaças tanto por Bolsonaro quanto por seus seguidores através do discurso de ódio e de falsas notícias. Dentre os instrumentos existentes para tentar combater esses crimes, estão os esforços por aumentar a supervisão e a transparência sobre os algoritmos de seleção de conteúdo nas redes sociais; a filtragem mediante seguida de retirada de postagens; a suspensão ou mesmo o bloqueio de contas que difundem conteúdo desinformativo; e a valorização de organizações de *fact-checking*, empresas, instituições e até mesmo indivíduos que disseminam conteúdo fático, verdadeiro e verificável sobre temas importantes da agenda social e política.

Uma sociedade democrática, tenha ela, um governo mais à esquerda ou mais à direita, é aquela em que o poder está claramente repartido pelas suas várias instituições democráticas como as executivas, legislativas ou judiciais, tendo a Sociedade Civil múltiplas formas de expressão e de intervenção. Marilena Chauí (2020) define:

Uma sociedade é democrática quando, além de eleições, partidos políticos, divisão dos três poderes da república, respeito à vontade da maioria e das minorias, institui algo mais profundo, que é condição do próprio regime político, ou seja, quando institui direitos e que essa instituição é uma criação social, de tal maneira que a atividade democrática social se realiza como um contrapoder social que determina, dirige, controla e modifica a ação estatal e o poder dos governantes (CHAUÍ, 2020, p.13).

A tentativa de justificar atos antidemocráticos através de uma falsa liberdade de expressão e informação ataca diretamente a democracia. Eventos como *fake news* e manipulação de informações, cada vez mais presentes na internet através das mídias sociais, colocam em pauta a influência que estes podem acarretar um procedimento eleitoral, e quanto às maneiras de se combater ou ao menos diminuir essa prática que é tão prejudicial à democracia.

As fake news podem ser encaradas como o grande mal da sociedade, visto o seu poder de influência no cidadão, que muitas vezes é levado a acreditar em fatos inverídicos dolosamente travestidos de verdade, de forma a causar conflitos tanto políticos quanto sociais, determinantes para as decisões eleitorais e, conseqüentemente, para o destino de um país, como o que ocorreu com a tragédia vivida pelos indígenas Yanomami.



### **3. Capítulo 3: Os impactos das *fake news* no processo de degradação da Amazônia**

O terceiro capítulo analisou os impactos causados pelas *fake news* no processo de degradação da Amazônia, no qual as falsas notícias estão em sua maior parte voltadas para o incentivo à desqualificação das entidades responsáveis pela preservação e o incentivo aos madeireiros, garimpeiros, caçadores e pecuaristas, além de empresas que exploram os recursos minerais e vegetais. Analisou também os impactos negativos causados aos povos da região que correspondem à graves problemas como por exemplo o incentivo à redução de áreas de demarcação indígena e o fim da Zona Franca de Manaus.

Essa gama de recursos fornecidos pela floresta Amazônica se tornou alvo de interesses políticos e econômicos, que foram utilizadas como matéria prima para *fake News*, como estratégia para se alcançar os objetivos do governo de Bolsonaro. Nesse cenário, essas falsas notícias representaram uma ferramenta de grande importância, como sendo informações noticiosas que não representavam a realidade, mas que eram compartilhadas nas redes sociais como se fossem.

Para isso, foram expostos através de dados, pesquisas e reportagens os impactos causados ao longo dos últimos anos e o poder que as falsas notícias representam para a nossa região. Como resultado de um governo desastroso ficou o legado bolsonarista, que resultou em centenas de mortes de indígenas Yanomami e causou comoção internacional.

#### **3.1. Garimpos e recursos minerais**

O governo de Bolsonaro foi marcado por inúmeros incentivos à exploração de terras indígenas por garimpeiros, como por exemplo a construção de pontes e a criação de programas de mineração, descumprindo até decisões do Supremo Tribunal Federal. Todas essas ações foram fortificadas por diversas *fake news*, amplamente difundidas por seus apoiadores, sendo algumas dessas plantadas pelo próprio ex-presidente.

Nesse sentido, precisamos compreender como os apoiadores de Bolsonaro foram capazes de fazer qualquer coisa por ele, ou como uma simples frase dita por ele podia motivar milhões de pessoas a acreditar em um mundo paralelo, e essas mesmas pessoas serviam de multiplicadores de notícias falsas. E é aí que se

sobrepõe a figura de Olavo de Carvalho, que para Bolsonaro foi uma espécie de guru.

A ascensão da extrema direita no Brasil pode ser explicada pelas obras de Olavo de Carvalho, não com pretensões filosóficas, mas sim como um sistema de crenças, que explicaria a fidelidade incondicional dos bolsonaristas, mesmo diante de evidências claras de seu fracasso.

A falta de comprometimento de Jair Bolsonaro com a pauta ambiental e com os povos tradicionais da Amazônia foi evidenciada antes mesmo de sua posse. O desmonte, a desestruturação de órgãos, políticas de comando, controle e fiscalização de ilícitudes no interior da região Amazônica, durante seu governo, fizeram com que o desmatamento fosse elevado a níveis que não eram vistos desde o ano de 2008, o que não significou nada para os bolsonaristas, já que esses tinham certeza de que isso não passava de um grande esquema mentiroso para derrubar Bolsonaro.

De acordo com reportagem vinculada pelo portal de notícias “Brasil de fato<sup>35</sup>”, ficou entendido que, se dependesse de Bolsonaro, a terra indígena, em especial a dos Yanomami, nem existiria. Desde o primeiro mandato como deputado federal ele tentou impedir sua demarcação, e em 1995 sua justificativa era:

Com a indústria da demarcação das terras indígenas, assim como Quebec quase se separou do Canadá, num curto espaço de tempo, os Yanomamis poderão, com o auxílio dos Estados Unidos, vir a se separar do Brasil. (BOLSONARO, 1995).

Após quase 30 anos, em seu mandato Bolsonaro insistiu com sua obsessão de desterrar os povos originários em prol do garimpo. O então chefe de Estado incentivou publicamente a invasão garimpeira que cresceu em ritmo inédito sob seu governo, expondo os Yanomami a mortes, doenças, desnutrição e até abusos sexuais em troca de comida.

Ao incentivar a ideia de que os garimpeiros representariam um avanço para o país e os indígenas um retrocesso, Bolsonaro deu recursos para uma série de falsas notícias, incentivando o garimpo ilegal em terras indígenas e desmoralizando a figura deles. Essas notícias eram disseminadas massivamente até se tornarem

---

<sup>35</sup> <https://www.brasildefato.com.br/2022/05/06/bolsonaro-estimulou-avanco-de-garimpeiros-sobre-os-yanomami-relembre-casos-e-declaracoes>

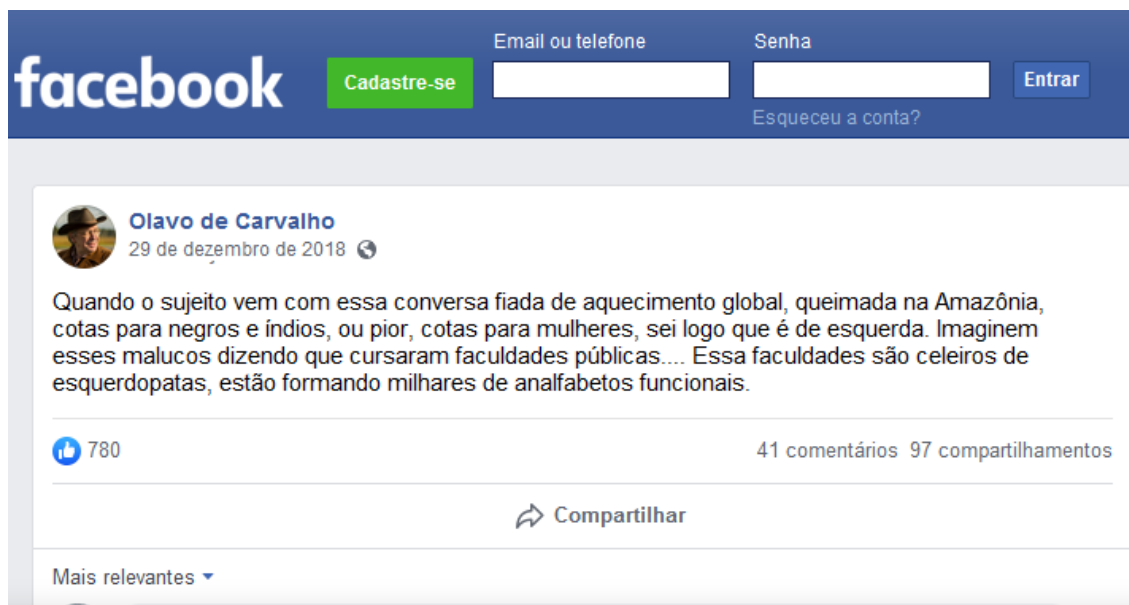
pontos de discussão nos principais meios de comunicação. Porém, na bolha bolsonarista, essas ideias se tornavam verdades absolutas.

Essa bolha fez uso do conceito de sistema de crenças para legitimar suas opiniões. Esse sistema representa um conjunto de ideias e valores compartilhados por um mesmo grupo de pessoas. Nesse sentido, tudo aquilo que é aprendido de seus familiares na infância e levado para a vida adulta compõe um conjunto de informações que têm uma grande influência sobre suas escolhas e sua trajetória.

O sistema de crenças assume um caráter religioso: supõem uma classificação das coisas, reais ou ideais, que os homens representam, em duas classes ou em dois gêneros opostos, designados geralmente por dois termos distintos traduzidos, relativamente bem, pelas palavras profano e sagrado (DURKHEIM, 2000, p.68).

Quando Bolsonaro contrapõe garimpeiros aos indígenas, faz com que, em sua bolha, todos que sejam a favor dos direitos indígenas sejam considerados inimigos. A partir daí, as ideias de Olavo de Carvalho saem do papel para se tornar ações, no sentido de que os seguidores de Bolsonaro deveriam encontrar formas de destruir e extirpar seus inimigos. Na Figura 38 – Propagação de ideias de Olavo de Carvalho, podemos observar propagação dessas ideias.

Figura 38 – Propagação de ideias de Olavo de Carvalho



Fonte: Facebook<sup>36</sup>

Isso nos faz crer que o bolsonarismo é baseado no que é chamado de sistema de crenças olavistas, que conseguiu unir segmentos diferentes da

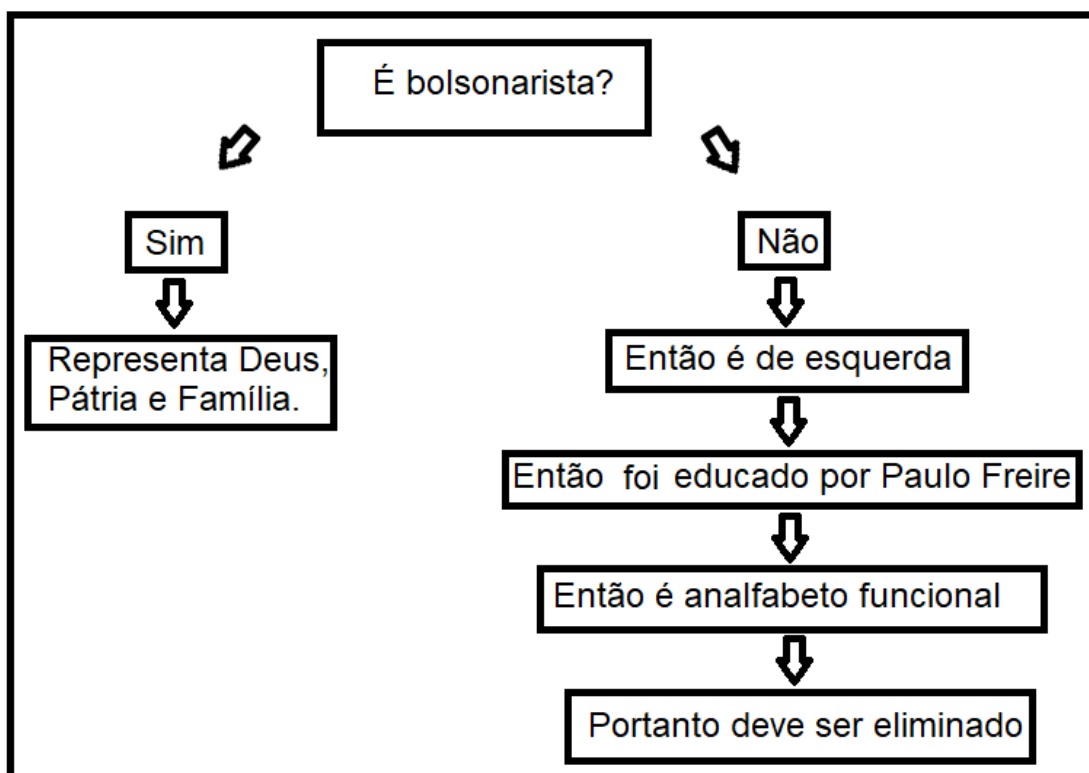
<sup>36</sup> <https://www.facebook.com/carvalho.olavo>

sociedade. Basta nos questionarmos como é possível que os evangélicos sejam a favor do armamento; ou como as mulheres podem ser contra os direitos delas próprias; como os negros podem ser contra o sistema de cotas para negros. João César de Castro Rocha afirmou:

Olavo de Carvalho desempenhou, com rara eficácia, o papel de artífice de um sistema de crenças, cujo caráter binário, maniqueísta mesmo, favoreceu a adesão apaixonada, irracional até, de um número sempre crescente de adeptos ao longo de décadas de pregação, cuja violência verbal somente atrai ainda mais seus acólitos. (ROCHA, 2021, p73).

Basicamente, esse sistema de crenças funciona da seguinte forma: O que é ser comunista? São todos que não são bolsonaristas e esses precisam ser eliminados. Esse é o pensamento relatado no Livro “O imbecil coletivo” escrito em 2018 por Olavo de carvalho. Desse modo teríamos um esquema de acordo com o que traduz a Figura 39 – Exemplo da representação do sistema de crenças olavistas:

Figura 39 – Exemplo da representação do sistema de crenças olavistas



Fonte: de própria autoria

Uma das primeiras providências adotada pelo ex-presidente foi a recepção de um grupo de garimpeiros do Pará e do Amazonas, no Palácio do Planalto, ocasião em que estes pediram a legalização do garimpo na região e entregaram um abaixo-assinado com mais de 500 assinaturas de garimpeiros. O ex-presidente

afirmou, como foi observado no *YouTube*<sup>37</sup>, que lutaria para colocar as forças armadas para garantir a exploração de minério na região. Afirmou também:

Foi promessa de campanha, e o garimpeiro é um ser humano e não pode continuar sendo tratado como algo de terceira ou quarta categoria. Se Deus quiser, vamos buscar todos os meios para que eles possam trabalhar com dignidade e com segurança, a floresta é do Brasil (BOLSONARO, 2019).

Não demorou muito para que seus seguidores espalhassem falsas notícias sobre o assunto, sempre exaltando o papel dos empresários garimpeiros. Desta maneira, funciona o sistema de crenças, atuando para a manipulação mental coletiva de seus seguidores, transformando uma mentira em verdade. Essa manipulação coletiva tinha como segredo técnicas desenvolvidas por Olavo de Carvalho, cujo objetivo era o planejamento cuidadoso do fluxo de informações, calculado para paralisar a consciência por meio da estimulação contraditória.

O bolsonarismo é amparado fidedignamente nas ideias de Olavo de Carvalho, e no caso de *fake news* contra as populações indígenas destacaram-se duas características análogas ao fascismo: o convencionalismo e a submissão autoritária. De acordo com Adorno (2019) o convencionalismo representa:

“Adesão rígida a valores convencionais” da classe social, com a qual o indivíduo se sente identificado. Essa síndrome representa uma estereotípia que vem de fora, mas que foi integrada no interior da personalidade como parte de sua constituição interna; o preconceito contra o outgroup é-lhe uma coisa natural; assume-se o julgamento sobre os outros, sem se ter examinado por si mesmo essa questão; a rejeição aos ciganos, aos negros, aos imigrantes latino-americanos, por exemplo, **são síndromes do convencionalismo** (ADORNO,2019).

Nesse sentido, o discurso agressivo de Bolsonaro contra os Yanomami não foi um mero discurso ao acaso, mas sim um discurso que enraizado no bolsonarismo. A rede de seguidores bolsonarista fez seu papel e entendeu que “se é contra o bolsonarismo, é contra o Brasil”, e atuou para concretizar os ideais de seu líder. Cada vez que o ex-presidente expressava seu ódio aos indígenas, deixava seus seguidores em êxtase e prontos para a guerra.

A segunda característica observada contra a situação dos Yanomami, e defendida pelas ideias de Olavo de Carvalho, é a submissão autoritária, que explica a obsessão dos bolsonaristas pelas ideias de seu ídolo, mesmo sabendo que essas

---

<sup>37</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=L0wRGDOWdxM>

ideias são ruins e que refletem o mal e a destruição. Adorno (2019) destacou que essa submissão autoritária representa:

Atitude submissa, acrítica a autoridades morais idealizadas do ingroup; dedicação incondicional do indivíduo ao Estado ou a um tipo de relação que supõe superioridade como os pais, pessoas mais velhas, líderes, poder sobrenatural e outros. A obediência e o respeito na educação das crianças como os valores mais importantes; obedecer sem questionar as decisões superiores. Desejo de um líder forte: essa adesão devota da expressa falta de consistência interior; contribui também para o potencial antidemocrático ao tornar o indivíduo passível de manipulação pelos poderes externos mais fortes. (ADORNO,2019).

Então, os seguidores de Bolsonaro atuaram para fortalecer seu líder, desqualificando a figura dos indígenas, massificando falsas notícias que beneficiaram garimpeiros, da forma que foi proposto por Bolsonaro.

Em novembro de 2020, Bolsonaro reafirmou que a terra indígena Yanomami não deveria existir. Reproduzindo um argumento mentiroso utilizado por ruralistas, disse que a demarcação de terras ancestrais ameaçava o agronegócio e se vangloriou por não ter dado sequência a processos demarcatórios em seu governo. Na mesma reportagem<sup>38</sup> ele afirmou:

"A reserva Yanomami. Tem mais ou menos 10 mil índios. O tamanho é duas vezes o Estado do Rio de Janeiro. Justifica isso? Lá é uma das terras com o subsolo mais rico do mundo. Ninguém vai demarcar terra com subsolo pobre. Agora o que o mundo vê na Amazônia, floresta? Está de olho no que está debaixo da terra" (BOLSONARO 2020).

A forma de fazer política espalhando o ódio, contrapondo dois lados, tentando desmoralizar seus ditos inimigos a qualquer custo, é uma das características da extrema direita difundida pelas ideias de Olavo de Carvalho. Negar a existência dos indígenas Yanomami e criminalizar os outros países por seus próprios crimes ambientais faz parte dessa retórica do ódio, bem como negar o racismo, louvar o Velho Testamento, atacar o comunismo, denunciar a doutrinação nas escolas, alvejar o feminismo, anunciar o caos com a eventual legalização da maconha, celebrar o empreendedorismo, defender a força policial, negar o conflito de classes e desqualificar Paulo Freire.

Em maio de 2021, Bolsonaro visitou a terra indígena Yanomami, que, além da presença de garimpeiros, já registrava sete mortes de bebês por Covid 19. Os

---

<sup>38</sup> <https://www.brasildefato.com.br/2022/05/06/bolsonaro-estimulou-avanco-de-garimpeiros-sobre-os-yanomami-relembre-casos-e-declaracoes>

principais vetores da doença eram justamente os mineradores ilegais, cuja atuação na região era repudiada por todas as organizações indígenas locais e regionais.

Segundo reportou o Brasil de Fato, o então presidente cumpriu agenda no 5º Pelotão de Fronteira do Exército, localizada dentro da terra indígena Yanomami, região da Comunidade Maturacá. Com máscaras de proteção e lanças nas mãos, dois caciques leram uma carta de reivindicações para o presidente.

Em seguida, Bolsonaro disse que respeita a decisão dos indígenas contra o garimpo, mas frisou que trabalha para aprovar a mineração em terras indígenas porque, segundo ele, essa era uma demanda "dos índios".

Devemos ser democráticos, temos que ver o que é melhor para o Brasil. Tem outros irmãos índios, em outros locais, dentro e fora da Amazônia, que desejam minerar terra, que desejam cultivar terra, e nós vamos respeitar esse direito deles. (Bolsonaro, 2021)

Logo antes da visita às Terras Yanomami, Bolsonaro havia inaugurado uma ponte de madeira de 18 metros de comprimento. A estrutura é um acesso da BR-307, que cruza as terras Yanomami e liga o município de São Gabriel da Cachoeira a comunidades indígenas em Maturacá, um dos locais que mais sofre com os efeitos do garimpo. A inauguração gerou receio e medo na região, já que os indígenas temiam que a ponte facilitasse a chegada de garimpeiros e mineradoras nas terras Yanomami.

O desrespeito com as populações indígenas por parte do ex-presidente foi notícia em diversas partes do mundo. Em reportagem ao jornal El País, o líder Yanomami Dário Kopenawa, mostrou sua insatisfação logo após a visita de Bolsonaro. Nas palavras dele:

É uma cara de pau esse Bolsonaro. Vem construir ponte para garimpeiros, fazer a visita em meio à pandemia de Covid-19, colocando em risco a saúde de toda a população local em uma época em que a pandemia não estava controlada, em parte por omissão do próprio governo federal (Dário Kopenawa<sup>39</sup>, 2021).

Diante dos novos capítulos da crise humanitária que assolava os Yanomami, a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB) entrou com uma petição no Supremo Tribunal Federal (STF) solicitando a proteção dos indígenas da região. Na ação, a APIB denunciou a conivência do governo federal com os crimes em

---

<sup>39</sup> <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-06-22/mineracao-e-garimpo-disputam-area-maior-do-que-a-belgica-dentro-da-terra-indigena-yanomami.html>

territórios indígenas e acusou Bolsonaro de provocar uma nova onda de migração de garimpeiros para os locais de extração de minerais.

A APIB afirmou que o governo federal descumpriu reiteradamente duas decisões do STF que obrigavam o governo a expulsar garimpeiros de terras indígenas durante a pandemia, incluindo a terra indígena Yanomami.

O então presidente da Funai, Marcelo Xavier se pronunciou a favor dos garimpeiros em diversos meios de comunicação que apoiavam Bolsonaro. Em entrevista feita no dia 12 de abril de 2022, no jornal da manhã do canal Panflix, ele afirmou que:

Garimpeiros são tão vítimas quanto os Yanomami, e sobre a PL 191 é a vontade do constituinte originário. Há 30 anos que ninguém enfrentou esse tema, tem que parar mimimi porque os próprios indígenas querem aprender a exploração da terra, minerando em parceria. A PL resolve uma série de problemas que se arrastam por anos, que precisamos resolver. (Marcelo Xavier, 2022)

Perguntado sobre cenário de fome, doenças e exploração sexual na terra indígena Yanomami, Xavier disse que os garimpeiros trabalhavam em condições insalubres: "O problema tem duas vítimas, tanto o indígena quanto o garimpeiro, e os garimpeiros são os que mais sofrem".

O favorecimento à garimpeiros por parte do governo Bolsonaro provocou cenários assustadores nunca vistos em nossa região. Uma invasão de centenas de balsas de garimpeiros tomou conta do rio Amazonas no mês de novembro de 2021, na ponta do Rio Madeira, em Autazes, na comunidade Rosarinho localizada a 113 quilômetros de Manaus.

Na Figura 40 – Uma invasão de centenas de balsas de garimpeiros tomou conta do rio Madeira, em Autazes, a 113 quilômetros de Manaus, podemos observar que todas estavam emparelhadas e minerando ao mesmo tempo. De acordo com reportagem exibida no Jornal Nacional, em 24/11/2021, não existia licença ambiental e o que provocou essa invasão foram rumores e diversas *fake news* espalhadas por apoiadores do governo que Bolsonaro iria liberar o garimpo na Amazônia.



Figura 40 – Uma invasão de centenas de balsas de garimpeiros tomou conta do rio Madeira, em Autazes, a 113 quilômetros de Manaus



Fonte: Por Jornal Nacional 24/11/2021 20h23

A partir desta reportagem, o governo foi pressionado a apreender as balsas. Porém, no dia em que a Polícia Federal efetuou a operação todas as balsas haviam sido removidas e não houve apreensões, dando a entender que os garimpeiros foram favorecidos com vazamento de informações oriunda da própria Polícia Federal.

Um dos principais protagonistas a favor do garimpo na Amazônia foi o ex-ministro do meio ambiente, Ricardo Salles, que em um curto espaço de tempo usou a tática bolsonarista para reaparelhar todos os órgãos de fiscalização em benefício dos garimpeiros. Podemos observar na Figura 41 – Repercussões causadas por medidas tomadas por Ricardo Salles, que claramente estava alinhada com os ideais do ex-presidente Bolsonaro.

Figura 41 – Repercussões causadas por medidas tomadas por Ricardo Salles



Fonte: Jornais<sup>40</sup>

O ex-ministro do meio ambiente saiu do governo em junho de 2021 sob o peso de dois inquéritos abertos no STF que apuravam corrupção, advocacia administrativa, prevaricação, além de facilitação de contrabando. Seu legado continua devastando a maior floresta Amazônica. Neste sentido, pode-se dizer que sua gestão foi eficiente ao praticamente aniquilar os órgãos encarregados da manutenção e fiscalização de áreas públicas protegidas na Amazônia.

<sup>40</sup> <https://g1.globo.com/natureza/noticia/2021/06/23/ricardo-salles-10-canetadas-e-polemicas-que-marcaram-sua-gestao-no-meio-ambiente.ghtml>  
<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/05/19/no-para-salles-discutiu-legalizacao-de-garimpos-em-areas-de-conservacao.htm>  
<https://www.estadao.com.br/politica/blog-do-fausto-macedo/servidores-demitidos-por-salles-apos-acao-contraga-garimpo-relatam-pressao-do-governo-ficou-insustentavel/>  
<https://www.acritica.com/salles-culpa-noruega-por-discordar-de-mudancas-no-fundo-amazonia-1.31796>  
[https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2020/08/21/interna\\_politica,1178325/mp-investiga-aviao-da-fab-para-levar-garimpeiros-ilegais-a-salles.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2020/08/21/interna_politica,1178325/mp-investiga-aviao-da-fab-para-levar-garimpeiros-ilegais-a-salles.shtml)  
<https://oglobo.globo.com/opiniao/o-desmonte-pecnicoso-dos-orgaos-ambientais-24677848>

Um dos principais legados deixados pelo ex-ministro foi na área da mineração. Salles teve grande influência na formulação do projeto que serviu de base para a criação do Programa de Apoio ao Desenvolvimento da Mineração Artesanal e em Pequena Escala (Pró-Mape), que entrou em vigor após sua saída do ministério, através do decreto nº 10.966, de 11 de fevereiro de 2022.

O decreto determina ainda que a Amazônia Legal se tornará a região prioritária para a implementação do programa. É justamente a área cujo crime ambiental ocorre com mais frequência, e onde cerca de 90% do ouro irregular extraído no Brasil entre 2019 e 2020 teve origem, na Amazônia Legal, segundo estudo do Ministério Público Federal (MPF), e quase um terço do ouro extraído no país tem origem ilegal.

As diretrizes do Pró-Mape determinam a criação de políticas para facilitar a mineração de pequeno porte, reduzindo a burocracia entre órgãos do governo, sendo considerada uma forma de acelerar a autorização para o funcionamento de garimpos que antes eram ilegais. A formalização da atividade também está entre os objetivos do programa, inclusive em áreas de preservação.

A demarcação de terras indígenas é voltada à garantia dos direitos territoriais dos indígenas, estabelecendo os limites de suas terras a com a intenção de garantir a sua identidade. Essa demarcação é prevista por lei, assegurada pela Constituição Federal de 1988 e pelo Estatuto do Índio, sendo competência da Funai. Davi Kopenawa, 2015 afirmou:

Quem ensinou a demarcar foi o homem branco. A demarcação, divisão de terra, traçar fronteira é costume de branco, não do índio. Brasileiro ensinou a demarcar terra indígena, então a gente passamos a lutar por isso. Nosso Brasil é tão grande e a nossa terra é pequena. Nós, povos indígenas, somos moradores daqui antes dos portugueses chegarem. (Kopenawa, 2015, p. 36).

Ao longo dos anos se tornou notório que os indígenas perderam grande parte de seus territórios, e mesmo após as demarcações, houve grande interesse em explorar as terras indígenas. Kopenawa conclui:

Lutei pela terra Yanomami para que o meu povo vivesse onde eles nasceram e cresceram, mas o registro de demarcação da terra Yanomami não está comigo, está nas mãos do governo. Mesmo diante das dificuldades, o tamanho da nossa terra é suficiente para nós, desde que seja mesmo somente para nós e não precisamos dividir com os garimpeiros e ruralistas. (Kopenawa, 2015, p. 36).

O garimpo ilegal representaria atividades de extração mineral em pequena escala, voltada para a comercialização direta realizada em desacordo com a legislação brasileira. Para que uma área de garimpo seja regular, ela precisa ser aprovada mediante o requerimento junto à Agência Nacional de Mineração, que no governo de Bolsonaro, foi aparelhada para favorecer os grandes empresários do garimpo.

Há um mês antes de sua saída da presidência, Bolsonaro editou outro decreto<sup>41</sup> que alterava regras da mineração no país. Uma das mudanças diz que a Agência Nacional de Mineração (ANM), que regula a atividade no país, deve ter critérios simplificados para analisar a outorga de lavras. Essa flexibilização deve ocorrer principalmente no caso de empreendimentos de pequeno porte, ou seja, os garimpos.

Esse decreto revogou um total de 14 tipos de infração administrativa relacionadas à mineração, pelas quais garimpeiros e mineradoras não devem mais ser punidos. Entre essas infrações revogadas estão, por exemplo: deixar de prestar informações exigidas por lei em relatórios de lavra, não comunicar a descoberta de novas substâncias minerais, abandonar a mina ou a jazida, e praticar “lavra ambiciosa”, quando o plano de lavra é descumprido e prejudica o aproveitamento da jazida após o fim da atividade.

As multas para essas infrações estavam previstas no próprio decreto que regulamentou o Código de Mineração e chegavam a R\$ 3.293,90. Após o decreto de Bolsonaro<sup>42</sup>, as punições para essas irregularidades podem ser extintas.

Precisamos entender que os bolsonaristas, conhecidos como seguidores fiéis e capazes de fazer qualquer coisa por seu líder, tiveram um importante papel no declínio das condições dos Yanomami na região Amazônica. De acordo com Adorno (2019):

Não deveríamos subestimar esses movimentos por seu ínfimo nível intelectual ou por sua falta de teorização. Seria uma enorme falta de visão política pensar que por isso não vão ter sucesso. A característica destes movimentos representa uma extraordinária estratégia de convencimento, (ADORNO, 2019).

---

<sup>41</sup> Novo decreto de Bolsonaro muda nome do garimpo para “mineração artesanal”:

<https://www.youtube.com/watch?v=xan70q3KTZY>

<sup>42</sup>Presidente Jair Bolsonaro defende regulamentação do garimpo:

<https://www.youtube.com/watch?v=UiST8nwS2Oc>

Mesmo tendo consciência de que são ideias absurdas, retrogradadas, com o intuito de prejudicar as populações indígenas, houve a criação de uma rede de informações falsas com o objetivo de convencer os desinformados e validar *fake news*.

### **3.2. Madeiras e o desmatamento ilegal**

O governo Bolsonaro representou uma enorme catástrofe para o meio ambiente de nosso país, causando até repercussão internacional. Mesmo antes de ser eleito, Bolsonaro já mostrava suas intenções sobre a Amazônia, pretendendo retirar os direitos dos povos indígenas e explorar ao máximo a floresta amazônica, chegando até a propor a união do Ministério do Meio Ambiente com o Ministério da Agricultura<sup>43</sup>. Nesse período, contou com seus apoiadores para desqualificar os povos da região, os órgãos de proteção ambiental ou qualquer outra instituição que zelasse pela preservação da floresta. Para isso usou uma de suas principais ferramentas, a *fake news*.

A exploração de madeira foi um dos principais seguimentos beneficiados pela política de Bolsonaro, que contou com a estratégia bolsonarista para o desmonte das instituições responsáveis pela proteção do meio ambiente, reestruturando-as com militares e gestores que compartilhavam o mesmo interesse.

Bolsonaro contou também com o auxílio de políticos, lideranças religiosas, militares, simpatizantes e, principalmente, fanáticos, capazes de fazer qualquer coisa para defender os ideais de seu líder. A Amazônia passou a ser alvo desses defensores, que, amparados pelas ideias do Olavo de Carvalho, uniram todos esses seguimentos para tentar transformar o bolsonarismo em algo parecido com uma seita religiosa, ou um novo fenômeno religioso. De acordo com Durkheim (1996):

O característico do fenômeno religioso é que ele supõe sempre uma divisão bipartida do universo conhecido e conhecível entre dois gêneros que compreendem tudo o que existe, mas que se excluem radicalmente, provocando a ideia de confronto entre o que se acha certo com o que se acha errado. (DURKHEIM, 1996, p. 24).

As ideias de Olavo de Carvalho para tentar caracterizar o bolsonarismo como uma forma de religião ou que os seguidores sejam acometidos pelo fanatismo

---

<sup>43</sup> <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/10/18/bolsonaro-defende-juntar-ministerios-da-agricultura-e-do-meio-ambiente-e-se-diz-preocupado-com-questoes-ambientais.ghtml>

objetiva uma divisão partidária quase binária entre esquerda e direita, comunistas e liberais, ou em que quem integra um grupo não pode integrar o outro. Bem como o sagrado não pode ser tocado pelo profano, e os dois não podem ocupar o mesmo espaço (DURKHEIM, 1996), fazendo com que quem não esteja a favor de Bolsonaro na exploração da Amazônia, seja considerado um inimigo, um profano.

O ex-presidente escolheu para comandar a pasta Ricardo Salles, que era um de seus seguidores mais fiéis e defendia o que ele chamava de “exploração capitalista da Amazônia”, a regularização de áreas griladas na região, o benefício do agronegócio, da mineração, garimpo ilegal, invasão de terras indígenas e principalmente a exploração de madeiras.

Nesse sentido, precisamos nos questionar sobre a função do Ministério do Meio Ambiente<sup>44</sup>. De acordo com o Poder Executivo, tem como foco de atuação a defesa e a conservação do meio ambiente. Este órgão desenvolve suas atividades por meio de políticas públicas e programas e conta com o apoio de entidades vinculadas, como o IBAMA e o ICMBio, que atuam na conservação da biodiversidade e na proteção da flora e da fauna brasileiras. Então fica outra pergunta: Por que o Ministro do Meio Ambiente tinha o objetivo de destruir o Meio Ambiente?

A tática bolsonarista foi concretizada logo no início de seu governo, com a reforma ministerial que possibilitou o desmonte e o controle por ruralistas de órgãos ambientais, direitos de populações indígenas e tradicionais. O Ministério do Meio Ambiente (MMA) foi esvaziado de competências e perdeu a capacidade de formular e conduzir algumas políticas fundamentais para as competências históricas da pasta. A Secretaria de Mudanças do Clima e Florestas foi extinta, além disso, o Serviço Florestal Brasileiro (SFB) e o Cadastro Ambiental Rural (CAR) foram para o Ministério da Agricultura (MAPA) e a Agência Nacional de Águas (ANA) foi para o Ministério do Desenvolvimento Regional (MDR). A FUNAI deixou o Ministério da Justiça e de Segurança Pública (MJSP) e foi para o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. A competência de demarcação de terras indígenas curiosamente foi para o Ministério da Agricultura.

Em fevereiro de 2019, o Ministro do Meio Ambiente exonerou todos os superintendentes regionais do IBAMA. Após as exonerações, diversas

---

<sup>44</sup> <https://www.politize.com.br/ministerio-do-meio-ambiente/>

superintendências ficaram por meses sem a efetivação de novos superintendentes e muitos dos novos indicados foram Policiais Militares sem a expertise na área ambiental. (<http://www.in.gov.br/leiturajornal?data=28-02-2019&secao=do2>)

Os madeireiros se beneficiaram logo nos primeiros meses de governo, pois, impulsionados por diversas *fake news* e com a vitória de Bolsonaro, ficou subentendido que a exploração de madeira estaria completamente liberada, sem fiscalizações e multas. Em abril de 2019, entre as medidas dos 100 dias de governo, foi baixado decreto aumentando a burocracia das autuações, favorecendo os crimes ambientais. Na prática, foi o cumprimento da promessa de campanha de Bolsonaro, sobre o fim da “indústria de multas”. O decreto instituiu os núcleos de conciliação, nas quais as infrações ambientais eram previamente analisadas.

Com isso, mesmo antes de qualquer defesa do autuado, os núcleos poderiam analisar a multa para confirmá-la, ajustá-la ou anulá-la, caso se entendesse a existência de alguma irregularidade. Isso levou a uma queda de 34% nas autuações naquele mesmo ano, isentando cerca de 130 mil processos de infração no IBAMA, totalizando R\$ 30 bilhões.

Outra vítima dos planos do ex-presidente foi Ricardo Galvão, diretor do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE). Ricardo Galvão foi o responsável pela divulgação do relatório sobre o desmatamento na floresta amazônica nos seis primeiros meses de governo, que foi exposto através de um gráfico, demonstrado na Figura 42 – Gráfico de desmatamento da floresta amazônica nos seis primeiros meses de governo Bolsonaro, com um aumento de 88% em relação ao maior ocorrido em toda a história.

Figura 42 – Gráfico de desmatamento da floresta amazônica nos seis primeiros meses de governo Bolsonaro



Fonte: INPE – Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais

Em entrevista à Folha de São Paulo, Bolsonaro afirmou que os dados divulgados por Ricardo Galvão não correspondiam com a realidade e que Galvão estaria à serviço de ONG's. Esse foi o ponto de partida para a disseminação de inúmeras *fake news* desqualificando tanto Ricardo Galvão, quanto o próprio INPE. Dentre elas, a de que Ricardo Galvão participava de um complô internacional que objetivava o Impeachment de Bolsonaro.

Com a pressão de ser demitido, Ricardo Galvão pediu demissão<sup>45</sup> no dia 02 de agosto de 2019. Foi substituído por Clezio de Nardin, que junto com o governo estabeleceram novas normas referentes à divulgação de dados, o intuito era de que qualquer informação oriunda dos satélites só seria divulgada com autorização prévia da presidência.

A estratégia bolsonarista de desqualificar as instituições e enfraquecê-las para extinguí-las ou mudar seus comandos e dirigentes foi amplamente utilizada no meio ambiente e afetou diretamente a Amazônia. Como vimos no capítulo 1, essa estratégia normalmente tinha seu início com os interesses expostos pelo ex-presidente, seguidas de inúmeras *fake news* criadas para sustentar esses interesses, fazendo com que a realidade fosse distorcida perante as pessoas que não possuíam acesso a notícias fidedignas ou nem fontes de confirmação, servindo como desculpa de que a sociedade estava fazendo pressão para as mudanças.

Algumas das postagens com falsas notícias causaram repercussão nacional, enganando até os grandes meios de comunicação, como no caso em que a mesma foto enganou duas vezes com notícias diferentes, sendo a primeira em junho de 2019 e a segunda em setembro de 2020.

A estratégia foi observada em 2019, quando a Amazônia sofria de intensos incêndios<sup>46</sup>. Em agosto de 2019, a floresta amazônica brasileira registrou cerca de 59.601 focos de incêndios, o que representou 48,1% das ocorrências no território brasileiro. O ex-presidente Bolsonaro, em coletiva de imprensa afirmou suspeitar de ONG's, e que estava sendo feito um complô internacional para destruir seu governo.

No dia seguinte, notícias circularam pelos grupos de mensagens instantâneas e redes sociais afirmando que "Indígenas prenderam membros de

---

<sup>45</sup> <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2019/11/07/contundente-resposta-do-ex-diretor-do-inpe-ao-presidente-da-republica>

<sup>46</sup> <https://www.wsj.com/articles/fires-destroy-amazon-rain-forest-blanketing-brazilian-cities-in-smog-11566397901>



ONG's que incendiavam a floresta no Iranduba". Logo essas notícias falsas estavam estampadas em grandes jornais, que pouco tempo depois foram obrigados a se retratar, como é observado na Figura 43 – Foto antiga é compartilhada para acusar ONG's de incendiar floresta amazônica:

Figura 43 – Foto antiga é compartilhada para acusar ONG's de incendiar floresta amazônica



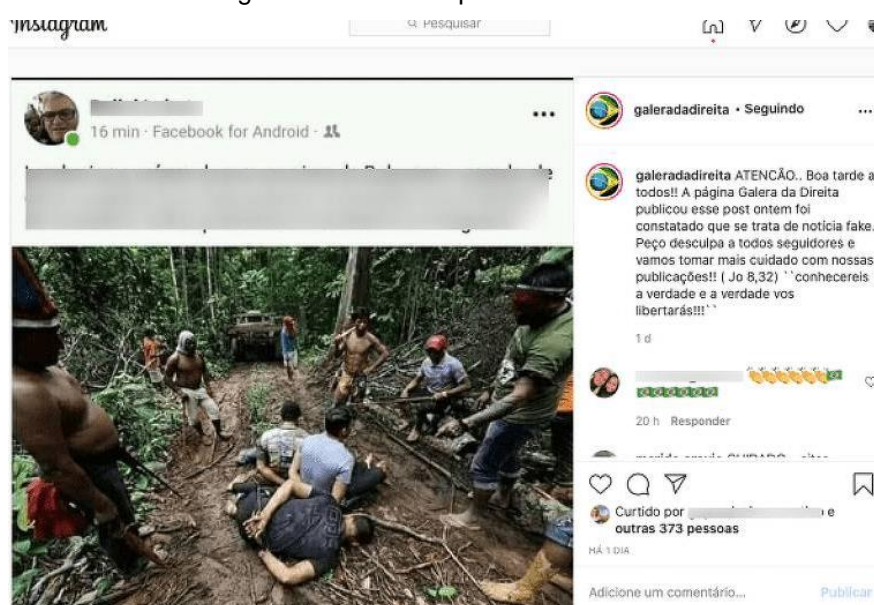
Fonte: Estadão<sup>47</sup>

Em agosto de 2020, após inúmeras críticas ao governo e acusações de conivência com a exploração ilegal de madeira na Amazônia, Bolsonaro afirmou em entrevista dada a seus apoiadores no Palácio da Alvorada, também conhecido como cercadinho, que “estaria havendo ações criminosas desses ongueiros para chamar a atenção contra o governo”. No mesmo dia, as redes sociais foram inundadas de falsas notícias culpando as ONG's de exploração ilegal de madeiras.

Uma das imagens que foram amplamente disseminadas foi a mesma do ano anterior, que já havia sido considerada *fake news*, intitulada como “Índios prendem ongueiros que exploravam madeira na Amazônia”. Na Figura 44 – Post usa foto antiga de madeireiros para acusar ONG's de incêndios na Amazônia, podemos observar a retratação feita por um grupo de direita que divulgou a notícia e foi contactado pela plataforma Instagram para desmentir-la sob pena de cancelamento do grupo.

<sup>47</sup> <https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/foto-antiga-e-compartilhada-para-acusar-ongs-de-incendiar-floresta-amazonica/>

Figura 44 – Post usa foto antiga de madeireiros para acusar ONG's de incêndios na Amazônia



Fonte: Folha<sup>48</sup>

Esse exemplo mostra como a estratégia bolsonarista pode se tornar eficiente a curto prazo, mudando completamente o foco da realidade, pois os madeireiros que eram vilões, se tornaram vítimas. Foi o que ocorreu com os responsáveis pelas fiscalizações e combate de exploração ilegal de madeiras, chegando a atingir até a própria Polícia Federal. O Jornal Gazeta do Povo<sup>49</sup> exibiu em primeira mão a notícia “Superintendente que pediu investigação contra Salles por contrabando de madeira, é exonerado pela PF”, no qual, no dia 19 de abril de 2021, o superintendente da Polícia Federal do Amazonas, delegado Alexandre Saraiva foi exonerado do cargo.

A decisão foi tomada no mesmo dia em que Saraiva enviou ao Supremo Tribunal Federal uma notícia-crime contra o ministro do meio ambiente, Ricardo Salles, e contra o então senador Telmário Mota. Na ocasião, o superintendente afirmou que Salles dificultou a fiscalização ambiental e atuou para obstruir uma investigação que apreendeu madeira ilegal. Para seu lugar foi indicado o delegado Leandro Almada.

Alexandre Saraiva foi responsável pela maior apreensão de madeira ilegal na Amazônia na história. No final de dezembro de 2020, sob seu comando a Polícia Federal confiscou mais de 40 mil toras de madeira nativa extraída da Amazônia, em uma operação que foi considerada a maior da história do país, como visto na Figura

<sup>48</sup> <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2020/09/post-usa-foto-antiga-de-madeireiros-para-acusar-ongs-de-incendios-na-amazonia.shtml>

<sup>49</sup> <https://www.gazetadopovo.com.br/republica/breves/superintendente-que-pediu-investigacao-contra-salles-e-exonerado-pela-pf/>

45 – Maior apreensão de madeira já registrada na história do Brasil. O volume apreendido passou de 200 mil m<sup>3</sup> de madeira, que foram localizadas na divisa entre os estados do Pará e do Amazonas.

Figura 45 – Maior apreensão de madeira já registrada na história do Brasil  
Ricardo Salles critica operação na Amazônia que resultou na maior apreensão de madeira da história do Brasil

5 de abril de 2021 Suzana Camargo



Fonte: Conexão Planeta<sup>50</sup>

A descoberta da carga se deu depois que uma balsa com documentação irregular foi encontrada em novembro, navegando no rio Mamuru, na área do município de Parintins. A partir daí, a Polícia Federal começou a investigar o movimento de madeireiros com a ajuda de imagens de satélite.

Após a apreensão, o ministro do meio ambiente, Ricardo Salles, esteve no Pará para fazer uma “verificação” da madeira apreendida, como mostrado na Figura 46 – Ricardo Salles na liberação de madeira ilegal a garimpeiros. Segundo reportagem do jornal Folha de S. Paulo, ele criticou a operação da PF e afirmou que houve falhas e que colocaria o Ministério do Meio Ambiente à pronta disposição dos madeireiros para que todas as madeiras apreendidas fossem devolvidas aos empresários.

---

<sup>50</sup> <https://conexaoplaneta.com.br/blog/ricardo-salles-critica-operacao-na-amazonia-que-resultou-na-maior-apreensao-de-madeira-da-historia-do-brasil/>

Figura 46 – Ricardo Salles na liberação de madeira ilegal a garimpeiros



O ministro Ricardo Salles, com madeira apreendida pela PF que ele tentou liberar

Fonte: Revista Veja<sup>51</sup>

Após ser exonerado da superintendência da Polícia Federal do Amazonas, Alexandre Saraiva, que era funcionário concursado, ainda foi transferido duas vezes. Foi vítima de centenas de *fake news* criadas nos grupos de mensagens e redes sociais por apoiadores de Bolsonaro, que iam desde abuso infantil até tráfico de drogas. Atualmente, responde inquérito de insubordinação por prestar entrevistas sem autorização à imprensa<sup>52</sup>. Porém, seu legado foi muito além da apreensão recorde de madeira, pois ele foi um dos responsáveis pela queda de Ricardo Salles. As denúncias feitas por Saraiva, que envolviam esquema de exportação ilegal de madeira para os Estados Unidos e Europa, tomaram repercussão internacional e forçaram Ricardo Salles a pedir demissão.

Como foi observado ao longo desta pesquisa, as falsas notícias utilizadas no governo do ex-presidente Bolsonaro seguiram sempre o mesmo processo de criação. Partiram de uma fala ou crítica de Bolsonaro e de seus aliados, e a partir daí eram criadas narrativas distorcendo a realidade para os grupos de mensagens, que eram disparadas em grupos e em redes sociais em forma de mensagens de texto, memes, vídeos e reportagens montadas com fotos e, às vezes, até com falsas

<sup>51</sup> <https://veja.abril.com.br/coluna/maquiavel/em-carta-a-bolsonaro-empresas-elogiam-salles-por-defesa-das-madeiras/>

<sup>52</sup> <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/justica/pf-processa-alexandre-saraiva-delegado-que-derrubou-ricardo-salles/>

referências, para chamar a atenção das pessoas que não faziam parte da bolha bolsonarista. Com isso, as rádios e grupos televisivos que apoiavam o governo, difundiam esse conteúdo como se fosse verdade.

Foi o que ocorreu em junho de 2020, em que o ex-presidente Bolsonaro, em sua *live* semanal, criticou as ONG's e afirmou que gostaria que o Exército Brasileiro fosse a única entidade responsável pela proteção da Amazônia. Em menos de uma semana, centenas de falsas notícias foram espalhadas nas redes sociais, chegando a serem divulgadas em alguns programas jornalísticos de televisão, desqualificando as ONG's e exaltando apreensões feitas pelo Exército Brasileiro.

Na Figura 47 – Falsa notícia de apreensão de madeira feita pelo Exército Brasileiro, podemos observar uma dessas falsas notícias, amplamente difundida pelos grupos bolsonaristas *Máfia da tora* no *Facebook* – 20/07/2020:

Figura 47 – Falsa notícia de apreensão de madeira feita pelo Exército Brasileiro



Fonte: G1 – Fato ou fake<sup>53</sup>

A reportagem foi compartilhada em postagens com uma foto que mostra caminhões carregados com toras de madeira. A imagem, no entanto, é de 2015, e foi reproduzida em outras postagens nos anos posteriores. A alegação falsa sobre a apreensão de madeiras pelo Exército também foi compartilhada em postagens com acusações ao marido da ex-ministra do meio ambiente Marina Silva, Fábio Vaz de Lima. Essa postagem também afirmava que Fábio seria “um dos maiores desmatadores da Amazônia”.

<sup>53</sup> <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2020/11/25/e-fake-que-imagem-mostre-madeira-extraida-ilegalmente-por-lider-de-ong-na-amazonia-e-apreendida-pelo-exercito.shtml>

Após pressão da imprensa, O Exército informou que divulga as operações no site oficial e não houve registros de nenhuma apreensão de madeira relacionada àquela reportagem, deixando claro que se tratava de uma *fake news*.

Bolsonaro continuou com sua obsessão em beneficiar madeireiros até o fim de seu mandato. Na Figura 48 – Em fim de mandato, Bolsonaro libera exploração de madeira em terras indígenas, podemos observar a reportagem exibida pelo portal G1 em dezembro de 2022, na instituição da medida provisória que autorizava o chamado manejo florestal sustentável.

Figura 48 – Em fim de mandato, Bolsonaro libera exploração de madeira em terras indígenas



Fonte: G1 – Meio Ambiente<sup>54</sup>

A medida foi assinada pelos presidentes do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), Eduardo Bim, e da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), Marcelo Augusto Xavier, ambos homens de confiança do ex-presidente e responsáveis por colocar em prática os planos de Bolsonaro. Esse foi o último ato de Bolsonaro, que lutou até o final de seu mandato para beneficiar os empresários, mesmo que para isso tivesse que incentivar a derrubada de todas as árvores da floresta amazônica.

O desmatamento na Amazônia obteve o quinto recorde anual seguido em 2022 e atingiu a maior destruição dos últimos 15 anos, quando começou a série histórica da pesquisa. Com 10.573 quilômetros quadrados de área derrubada, a floresta perdeu em média quase 3 mil campos de futebol por dia só em 2022. Os números foram divulgados em 18 de janeiro de 2023 pelo Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (IMAIZON) e obtidos via monitoramento por satélite.

Durante o mandato do ex-presidente Jair Bolsonaro, entre 2019 e 2022, a área derrubada atingiu 35.193 quilômetros quadrados, que equivale uma área maior

<sup>54</sup> <https://g1.globo.com/meio-ambiente/noticia/2022/12/16/no-fim-do-mandato-bolsonaro-libera-exploracao-de-madeira-em-terras-indigenas-inclusive-por-nao-indigenas.ghtml>

do que os estados de Sergipe e Alagoas juntos. Em comparação com os quatro anos anteriores, o aumento foi de quase 150%.

Os bolsonaristas tiveram importantes papéis na tentativa da exploração da Amazônia. Parlamentares atuaram para implementações de leis, militares forneciam suporte e segurança, lideranças religiosas serviram como formas alienadoras, fanáticos foram às ruas e simpatizantes criavam e espalhavam notícias falsas.

Quando vimos milhares de Amazonenses em um comício travestido de “motociata” nas ruas de Manaus, defendendo a exploração desenfreada dos recursos da Amazônia, dentre elas a derrubada da floresta, nos perguntamos como Bolsonaro conseguiu convencer essas pessoas que algo ruim devesse ser defendido.

A explicação vem da cartilha de Olavo de Carvalho, criada para fazer com que o bolsonarismo se tornasse um movimento de massa, a princípio político, mesclando-se com aspectos religiosos e nacionalistas. Um mesmo encontro de apoiadores pode ter várias nuances, tanto um ritual é tanto religioso quanto é político (DURKHEIM, 1996), e isso não seria diferente nas manifestações políticas e motociatas realizadas no Amazonas.

Tanto no presente como na história, vemos a sociedade incessantemente criar de todas as maneiras coisas sagradas. Se ela vier a se apaixonar por um homem, se acreditar descobrir nele as principais aspirações que a agitam, assim como os meios de satisfazê-las, esse homem será posto numa categoria à parte e como que divinizado. Ele será investido pela opinião de uma majestade inteiramente análoga à que protege os deuses. (...) O sentimento experimentado nessas circunstâncias é tão próximo do sentimento religioso que muitos povos o confundiram (DURKHEIM, 1996, p. 218-219).

Na tentativa de transformar o bolsonarismo em algo parecido com uma religião, o próprio Bolsonaro se tornaria a figura de deus intocável, na qual tudo que fosse dito por ele devesse ser seguido e obedecido incondicionalmente. As formas elementares da vida religiosa são bastante pertinentes para explicar essa situação que vivida no Amazonas, envolto em disputas ideológicas e políticas que mais se inclinam ao irracional do que ao racional e que, idealmente, seria o domínio em que descansa a política. Os seguidores de Bolsonaro se encontravam em estados de efervescência quando reunidos em grandes grupos que defendiam seus ideais, quer fosse em manifestações quer fosse em atos públicos.

### 3.3. Condições adversas a atividades sociais e econômicas da região.

A Zona Franca de Manaus também foi um dos alvos estabelecidos pelo ex-presidente Bolsonaro em seu governo. As *fake news* foram utilizadas para tentar o fim dos incentivos que norteiam a sua existência. Notou-se o mesmo método de desqualificação das instituições através de notícias falsas e desinformação. Como observado no decorrer desta pesquisa, esse método foi amplamente utilizado nesse governo, que neste caso buscou confundir as pessoas e provocar instabilidade para se explicar o fim da Zona Franca.

No primeiro tópico deste capítulo descrevemos como funcionava o sistema de crenças predominante entre os seguidores de Bolsonaro. Esse sistema de crenças permite compreender a mentalidade de seita expressada por eles. Uma vez que eles aceitam e admitem tudo que seu líder ordena, estabelecendo essa ordem como uma verdade absoluta.

Então, o que explicaria as pessoas que moram em Manaus serem a favor da destruição da Amazônia causada pelo fim da Zona Franca de Manaus? O que explicaria uma pessoa empregada no Polo Industrial Manaus aceitar perder seu emprego por uma promessa de seu líder de que isso seria melhor para o Brasil? Esses fatos seriam muito parecidos com a invasão dos prédios dos Três Poderes em Brasília, ocorrida em 8 de janeiro de 2022, na qual centenas de pessoas destruíram o patrimônio público para satisfazer os desejos de seu líder, mesmo sabendo que era crime, não se importando com as consequências.

Essa mentalidade de seitas adotada pelos bolsonaristas é caracterizada por "autoritarismo epistemológico", cujas seitas se definem como fonte de autoridade para a atribuição legítima de heresia a outros grupos. Roy Wallis afirma que:

[...] seitas estabelecem uma reivindicação de possuir acesso exclusivo e privilegiado à verdade ou a salvação e seus adeptos comprometidos normalmente consideram todos aqueles que estão fora dos limites da coletividade como "um erro". É diferente de culto, pois o culto é caracterizado pelo "individualismo epistemológico", pelo qual "o culto não tem lugar claro de autoridade final para além do membro individual. (Roy Wallis, 1990, p. 184).

Ao longo desses quatro anos de mandato, os seguidores de Bolsonaro, amparados por ideias de Olavo de Carvalho, mostraram-se capazes de tudo para defender os interesses de seu líder.



Estabelecemos uma cronologia dos fatos, que se iniciou durante o decorrer da CPI da pandemia, em março de 2021, presidida pelo senador Omar Aziz (PDT-AM). O ex-presidente Bolsonaro, se sentindo pressionado pelo senador, ameaçou acabar com a Zona Franca em sua *live* semanal em 20/05/2021, como podemos observar na Figura 49 – Imaginem o Amazonas sem a Zona Franca de Manaus:

Figura 49 – Imaginem o Amazonas sem a Zona Franca de Manaus



Fonte: Estado Político<sup>55</sup>

Na *live*, ao lado do ministro Tarcísio Gomes (Infraestrutura), Jair Bolsonaro listava e enaltecia feitos da Ditadura Militar, como a Embrapa e a Ponte Rio-Niterói, quando também listou a ZFM e fez a provocação a Omar, insinuando que como vingança, poderia acabar com a Zona Franca através de um simples decreto.

Na mesma noite, inúmeras notícias falsas bombardearam as redes sociais, desqualificando tanto o senador Omar Aziz, quanto a própria Zona Franca. Nos meses seguintes inúmeros veículos de informação passaram a produzir notícias falsas ou parcialmente verdadeiras. Documentários foram criados, especialistas opinaram em entrevistas, todos com o intuito de mostrar que o modelo Zona Franca era o responsável pelo empobrecimento do país e que apenas o seu fim poderia enriquecer o Brasil.

<sup>55</sup> <https://www.estadopolitico.com.br/de-bolsonaro-para-omar-e-braga-imaginem-o-amazonas-sem-a-zona-franca/>

Nota-se que as palavras de Bolsonaro se tornavam leis para os bolsonaristas. Por mais que coisas absurdas fossem ditas, que trouxessem prejuízo, fizesse mal e até se transformasse em mortes, ele assumia o papel de homem tocado por Deus. De acordo com os ensinamentos de Olavo de Carvalho, as frases ditas pelo ex-presidente eram voltadas para um cenário de crise, muito parecidas com o fascismo. É o que vimos na Figura 50 – Comício onde Bolsonaro afirma que vai “Fuzilar a petralhada” no Acre:

Figura 50 – Comício onde Bolsonaro afirma que vai “Fuzilar a petralhada” no Acre



Fonte: Jornal O Globo – 1 setembro de 2018.

Essa analogia é feita ao pensarmos o fascismo não apenas em sua forma material, mas como uma manobra ideológica na qual o objetivo é convencer seus possíveis adeptos que suas vidas estão desgraçadas por um vilão que corrompeu o país, a educação, a saúde, o saneamento, os costumes familiares e o modo de vida. Esse vilão e inimigo mortal da dita sociedade é representado pelos negros, pelas feministas, pelas comunidades LGBTQIA+, pelos indígenas e até mesmo por alguns amazonenses. São inimigos porque os negros querem ter as mesmas oportunidades que os brancos, as feministas não querem mais ficar em casa apenas cuidando das crianças, as comunidades LGBTQIA+ querem ser reconhecidas, os indígenas querem manter sua cultura e os amazonenses (com a Zona Franca) impedem que o resto do país cresça e prospere. Então, se esse inimigo não pode ser convertido, tem que ser eliminado, extirpado a qualquer custo.

Os veículos de informação bolsonaristas investiram pesado para sustentar o interesse do ex-presidente. Na Figura 51 – Em entrevista Ricardo Salles ataca ZFM, o ministro do meio ambiente Ricardo Sales concedeu entrevista ao programa

“Pânico” da Jovem Pan, realizada no dia 18 de março de 2022, divulgada ao vivo no portal da emissora e no próprio *Youtube*:

Figura 51 – Em entrevista Ricardo Salles ataca ZFM



Fonte: *YouTube* – Pânico Jovem Pan<sup>56</sup>

Nessa entrevista, Ricardo Sales afirmou que poderia até aceitar a Zona Franca, desde que as indústrias explorassem a região beneficiando os madeireiros e garimpeiros. Sales citou que suas afirmações estavam amparadas nas ideias do economista José Alexandre Scheinkman expressadas em entrevistas dada ao *Jornal Estadão*<sup>57</sup>, em 20 de novembro de 2020.

Bolsonaro conduziu seus seguidores, através de seus discursos, a um terreno fértil para às *fake news* e notícias tendenciosas. Rapidamente se transformou em solução para todos os problemas do país, esses discursos sempre convergiam para declarações semelhantes “ser o que o Brasil precisa”, ou ainda “ser o seu capitão”, no qual ele iria cumprir sua promessa de campanha de “acabar com a corrupção”. Seus seguidores faziam questão de chamá-lo de Messias, seu segundo nome, com o objetivo de associá-lo à Jesus Cristo, claramente relacionando sua figura com a vinda de um profeta que traria prosperidade ao Brasil.

Um de seus “apelidos” é Mito, porém consistente com a teoria de Durkheim que trata do “verniz” que cobre os ritos. O mito passa a ser compreendido como o que possibilita a longevidade dos costumes, ao cobrir com fantasia e espanto as

<sup>56</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=6Ur7yQfvkcg>

<sup>57</sup> <https://www.estadao.com.br/infograficos/economia,o-que-mais-preocupa-e-a-total-inabilidade-do-governo-para-propor-um-caminho-para-o-ajuste-fiscal,1136529>

narrativas orais passadas de geração em geração em uma tentativa de associar o bolsonarismo com a religião. Durkheim afirma:

É verdade que um ponto de partida no real, nas sensações que os fenômenos da natureza provocam em nós; mas, pela ação prestigiosa da linguagem, essa sensação se transforma em concepções extravagantes. O pensamento religioso só entra em contato com a realidade para cobri-la em seguida com um véu espesso, que dissimula suas formas verdadeiras; esse véu é o tecido de crenças fabulosas que a mitologia produz. (DURKHEIM, 1996, p. 72-73).

O papel de “Mito” que Bolsonaro assumiu, de homem que levou uma facada e deu o sangue por seu país, possui uma carga de responsabilidade que tem origens mais antigas do que ele pode imaginar, que é a de manter as aparências e de sustentar uma falsa imagem para mobilizar multidões.

Como exposto no decorrer dessa pesquisa, a estratégia de amparar as informações em notícias parcialmente verdadeiras, é uma característica das *fake News*, amplamente explorada para dar credibilidade às opiniões do ex-presidente Bolsonaro. Na Figura 52 – Zona Franca de Manaus gera prejuízos no país, é possível se observar algumas fontes que amparam essa narrativa:

Figura 52 – Zona Franca de Manaus gera prejuízos no país



Fonte: Folha de São Paulo e Gazeta do Povo<sup>58</sup>

A reportagem divulgada no *Youtube* sobre os prejuízos da Zona Franca ao país, publicada em 13 de setembro de 2018 pela Folha de São Paulo, apelou para imagens de comunidades e invasões de terras criadas em Manaus, enfatizando que a infraestrutura na cidade era muito ruim e trouxe dados sobre gastos parcialmente concretos sem citar os pontos positivos da Zona franca.

<sup>58</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=47zoiGVu-7Y>  
<https://www.gazetadopovo.com.br/rodrigo-constantino/artigos/uma-fraude-amazonica-zona-franca-de-manaus-cria-incentivos-perversos/>

Outra reportagem que serve de apoio é a publicada em 05 de junho de 2018 na Gazeta do Povo, pelo jornalista Rodrigo Constantino, que criticou duramente a Zona Franca, afirmando que esta foi criada para beneficiar políticos. Afirmou também:

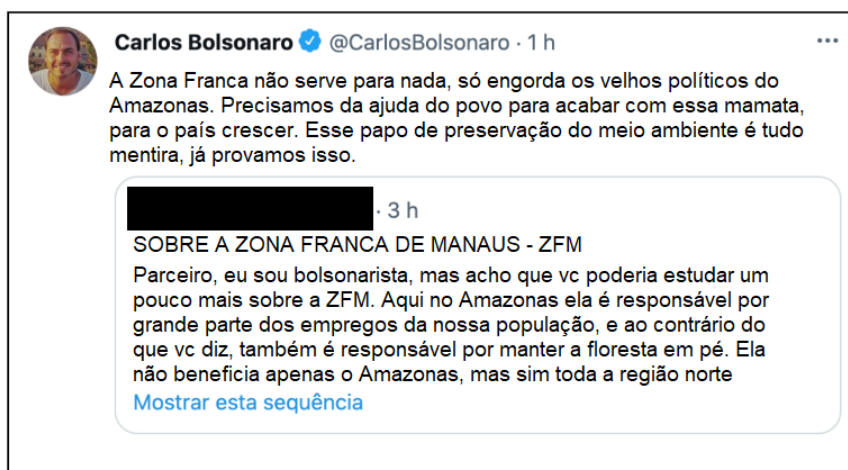
Quanto mais arbítrio existir, quanto mais privilégios forem distribuídos, mais fraudes teremos, mais corrupção, mais lobby para beneficiar aqueles próximos do poder ou dispostos a praticar crimes. Quando uma comunista como Vanessa Grazziotin defende os efeitos positivos da Zona Franca de Manaus, mas ao mesmo tempo prega mais gastos públicos e mais impostos gerais, está apenas mostrando sua incoerência e seu oportunismo eleitoral.

Apesar de ser jornalista, Rodrigo Constantino ainda afirmou que a Zona Franca nunca produziu nenhum benefício ao Brasil, e que o único motivo pelo qual a Zona Franca foi criada era o enriquecimento de políticos da região. Sobre a solução, Rodrigo Constantino afirmou:

Qual a saída? Ora, se a Zona Franca foi benéfica para a região, por ter menos impostos, claro que a solução é transformar o país todo numa grande zona franca. Ou seja, a carga tributária deveria ser menor para todos, “*across the board*”, sem distinção. Foi o que fez Trump nos Estados Unidos ao diminuir o imposto corporativo para 15%.

Essas reportagens serviram de base para a criação de inúmeras *fake news*, com o objetivo de justificar o fim dos incentivos à nossa região. Como observado na Figura 53 – Carlos Bolsonaro sobre a ZFM, retirada da rede social *Twitter* após Jair Bolsonaro demonstrar seus interesses sobre a Zona Franca. Houve a circulação de falsas notícias e de mensagens apoiando a decisão:

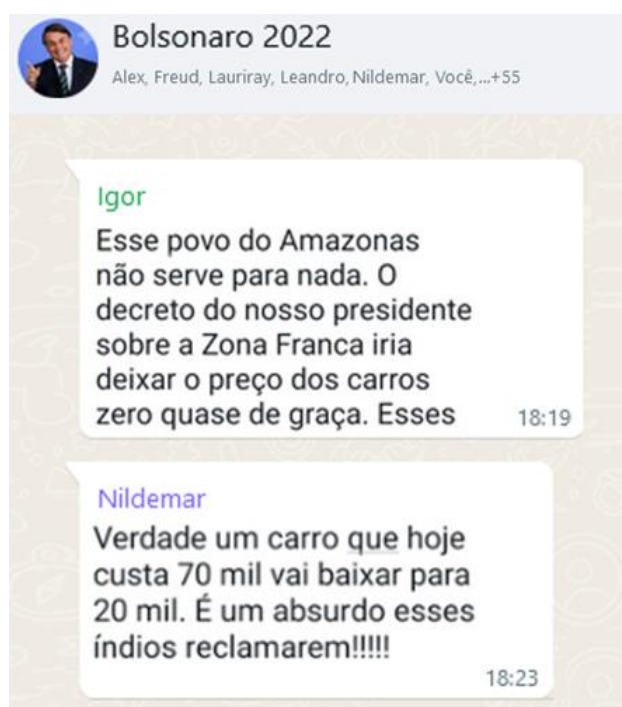
Figura 53 – Carlos Bolsonaro sobre a ZFM



Fonte: Rede Social *Twitter*.

No caso da Figura 53 – Carlos Bolsonaro sobre a ZFM acima, ficou claro que a informação dada pelo filho do ex-presidente era falsa e voltada para incentivar seus seguidores a assimilarem-na como verdadeira, pois o “já provamos isso” é posto como se o governo travasse uma luta contra a oposição que só quer atrasar o crescimento do país, criando uma falsa premissa de que existe desmatamento. O assunto também circulou em outras plataformas, com outras justificativas, mas com o mesmo objetivo, como observado na Figura 54 – *Print* de grupo Bolsonarista no *WhatsApp*:

Figura 54 – *Print* de grupo Bolsonarista no *WhatsApp*



Fonte: *Print WhatsApp*

A ameaça se tornou realidade em 25 de fevereiro de 2022, quando em edição extra do Diário Oficial da União, o decreto editado pelo ex-presidente Jair Bolsonaro reduziu o Imposto Sobre Produtos Industrializados (IPI) em até 25% para a maioria dos produtos afetando negativamente a Zona Franca de Manaus. O decreto alterava as tabelas de incidência sobre produtos industrializados para processos de bebidas não alcoólicas. A medida atingia duramente o Polo de Concentrados da Zona Franca de Manaus, que reúne grandes empresas de refrigerantes e bebidas no rol de indústrias incentivadas.

Uma segunda investida foi realizada por ele em abril. Dessa vez por meio do Decreto nº 11.052, de 28 de abril de 2022, que altera as tabelas de incidência do IPI, zerando a alíquota para os concentrados de bebidas. Com isso, as companhias

que produziam o xarope dos refrigerantes e que estavam instaladas na região deixaram de receber incentivos fiscais correspondente ao valor do imposto.

A medida reforça a insegurança jurídica imposta pelo governo Bolsonaro ao modelo que abriga 500 empresas e gera 100 mil empregos diretos no Amazonas, conforme dados da SUFRAMA. As empresas eram atraídas pelos incentivos fiscais e a medida desencorajou as indústrias de se instalarem na região.

Um dos exemplos dos prejuízos que o decreto causaria para a região seria a situação dos trabalhadores do município de Presidente Figueiredo<sup>59</sup>, que de acordo com entrevista concedida ao portal Amazonas Atual, a prefeita do município, Patrícia Lopes, afirmou que o corte de IPI dos concentrados ameaçaria 1,1 mil empregos em Presidente Figueiredo. Para ela a medida inviabilizaria a produção dos insumos no Amazonas, que concentrava 95% da produção brasileira de refrigerante e atendia somente 5% dos fabricantes fora do estado. Esses empregos eram gerados pela Agropecuária Jayoro, empresa responsável pela produção de cana-de-açúcar e guaraná, matérias-primas para o açúcar, álcool e extrato de guaraná, insumos que são a base dos concentrados de refrigerantes. Patrícia Lopes afirmou:

Essa é uma situação que muito me preocupa. Mais de mil pessoas, pais e mães, chefes de família, ficarão desempregados, com isso suas famílias passarão necessidades e serão mais de mil pessoas que deixarão de consumir no comércio local e vão precisar de ajuda assistencial do poder público para sobreviver. (LOPES).

Além de inviabilizar o polo de concentrados da Zona Franca de Manaus, o decreto também atingiria marcas mundiais, como a Coca-Cola e a Ambev, atingindo os empregos não só de Presidente Figueiredo, mas de vários municípios, como no caso do município de Maués, com as plantações de guaraná.

Após várias críticas e denúncias feitas por políticos do Amazonas, o ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal, suspendeu os efeitos de decretos presidenciais na parte que reduziam as alíquotas do Imposto sobre Produtos Industrializados sobre produtos de todo o país e que também fossem fabricados nas indústrias da Zona Franca de Manaus. O relator deferiu liminar na Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI 7153), ajuizada pelo Partido Solidariedade.

---

<sup>59</sup> <https://amazonasatual.com.br/corte-de-ipi-dos-concentrados-ameaca-11-mil-empregos-em-presidente-figueiredo-am/>

Na decisão, o ministro observou que a redução da carga tributária nos moldes previstos pelos decretos impugnados, sem medidas compensatórias à produção na Zona Franca de Manaus, reduzia drasticamente a vantagem competitiva do polo industrial, ameaçando a própria persistência desse modelo econômico, diferenciado constitucionalmente, protegido.

Segundo o relator, o IPI é um dos principais tributos integrantes do pacote de incentivos fiscais, caracterizador da Zona Franca de Manaus. Ele lembrou que a região é isenta do pagamento desse imposto desde 1967, pelo Decreto-Lei 288/1967, artigos 3º e 9º, e que a vantagem foi “constitucionalizada” no artigo 40 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT). Para o ministro, as peculiaridades socioeconômicas da Região Amazônica autorizam o tratamento tributário especial aos insumos advindos da ZFM.

O ministro ressaltou, ainda, que a lógica de proteção e preservação do tratamento diferenciado conferido pela Constituição Federal à região foi reafirmada no julgamento da ADI 4254, no qual o Supremo assentou que, sem a manutenção de seus favores fiscais, a Zona Franca de Manaus corre o risco de descaracterização.

Para o relator, os decretos poderiam ter impacto efetivo no modelo de desenvolvimento regional mantido pela Constituição Federal, como compensação pelos maiores custos decorrentes dos desafios enfrentados pela indústria local, afetando a competitividade em relação aos demais centros industriais brasileiros. O ministro também considerou o aspecto social, pois a redução linear do IPI enfraquece fatores positivos relacionados, por exemplo, à geração de empregos e renda e à preservação ambiental.

A liminar, suspende os efeitos do Decreto 11.052/2022 e dos Decretos 11.047/2022 e 11.055/2022, apenas no tocante à redução das alíquotas que alcançavam os produtos produzidos na Zona Franca de Manaus.

Após essa repercussão nacional é válido questionar se os políticos e a própria sociedade sabem qual o objetivo da Zona Franca de Manaus. Ou ainda qual a sua importância para o mundo. Segundo a SUFRAMA, a Zona Franca de Manaus é um modelo de desenvolvimento econômico implantado pelo governo brasileiro que objetiva viabilizar uma base econômica na Amazônia, promovendo a melhor integração produtiva e social da região ao país, garantindo a soberania nacional sobre suas fronteiras.



O modelo, considerado por muitos estudiosos da região como a mais bem-sucedida estratégia de desenvolvimento regional brasileiro, pretende levar à região o desenvolvimento econômico. Desde sua implantação, a estratégia dos idealizadores era ocupar o grande vazio demográfico existente na região. Com o passar dos anos, dadas as suas características e os efeitos provocados, principalmente na população do interior do Amazonas, serviu também como um aliado à proteção ambiental, já que houve uma expressiva migração do interior para a capital do Estado, deixando o campo com imensas áreas inexploradas e a floresta praticamente intacta.

### 3.4. As ruínas do bolsonarismo na Amazônia

Graças ao poder das *fake news*, Bolsonaro realizou grande parte de seus planos para a Amazônia, sendo responsável pela tentativa de criação de um Estado paralelo, estado esse que, nas palavras do próprio ex-presidente, possuía suas próprias leis e regras. Essas palavras foram ditas para justificar os assassinatos do jornalista britânico Dom Phillips e do indigenista Bruno Araújo, que estavam desaparecidos desde 5 de junho de 2022.

Logo após o desaparecimento, o governo brasileiro sofreu pressão internacional para tomar alguma atitude e ainda demorou mais de 48 horas para permitir que a Polícia Federal iniciasse as buscas. Após essa pressão, o ex-presidente tentou explicar o caso colocando a culpa nos próprios desaparecidos. Em entrevista ao SBT, em 7 de junho, Bolsonaro definiu a viagem dos dois como uma "aventura não recomendada". A fala foi intensamente repudiada por organizações jornalísticas e indigenistas.

Realmente, duas pessoas apenas num barco, numa região daquela completamente selvagem é uma aventura que não é recomendada que se faça. Pode ser um acidente, pode ser que eles tenham sido executados... Tudo pode acontecer. (BOLSONARO 2022)  
(<https://www.cut.org.br/noticias/bolsonaro-culpa-jornalista-e-indigenista-ameacado-pelo-proprio-sumico-1761>)

Ao colocar a área em negação, o ex-presidente deixou claro que era uma área com regras e leis próprias. Na prática, ao invés de tomar conta da floresta, o governo promoveu a política da "terra de ninguém". Problemas antigos como a expansão da rede de ilegalidades que se valiam dos controles frouxos ganharam

uma dimensão inédita, um verdadeiro Estado paralelo. O ex-presidente também defendeu os possíveis mandantes, afirmando:

Esse inglês era malvisto na região, porque fazia muita matéria contra garimpeiros sem necessidade, além de questão ambiental, então, naquela região lá, que é bastante isolada, muita gente não gostava dele. (BOLSONARO-2022).

Essa afirmação defendendo os garimpeiros se justifica pelo próprio ex-Presidente ter passado a maior parte de sua vida incentivando o garimpo ilegal em seus discursos políticos e durante seu mandato foi responsável por inúmeros processos que permitiam a prática ilegal em terras indígenas.

O desmonte e o aparelhamento das instituições permitiu uma lacuna na região, deixando-a propícia para ser apropriada por criminosos, que criam regras próprias, muito parecida com algumas favelas do Rio de Janeiro. Leal e Almeida (2012) afirmam:

Tamanho é o poder do crime organizado nas favelas e periferias das grandes cidades, que se tornou frequente atribuir-lhes o status de poder autônomo. De igual tamanho é a ineficiência do Estado frente a esta situação de aparente descontrole. Por conseguinte, o controle de territórios inteiros é assumido pelos criminosos, que dominam inclusive a vida social da população, assumindo funções que normalmente são esperadas do Estado. Apresentado desta forma, este fenômeno passou a ser associado ao surgimento de uma espécie de “Estado paralelo” (LEAL; ALMEIDA, 2012, p. 2).

Essa afirmação retrata os ocorridos em favelas de algumas cidades do país, que aparenta ser a mesma situação que estava sendo criada na Amazônia. Então é possível perceber que o Crime Organizado faz com que surja uma “nova ordem”, dentro da já estabelecida e promulgada pela Constituição da República Federativa do Brasil, que é o conhecido “Estado Paralelo”.

Dessa forma, é possível afirmar que: “não há estado paralelo sem o crime organizado”, pois uma espécie está atrelada a outra e, portanto, a desestruturação de uma, implica consequentemente na do outro.

A atividade criminosa se diversificou e se espalhou, em parte pelo vácuo deixado pelo Estado, em parte pelo próprio discurso do ex-presidente, legitimando a ação de grupos que agiam à margem da lei. O chocante caso dos assassinatos do indigenista Bruno Araújo Pereira e do jornalista inglês Dom Phillips, além de comprovar a força do crime organizado na região, expôs esse Estado paralelo, no qual o próprio governo agiu para desarticular os órgãos de fiscalização.

O ex-presidente, ainda em sua entrevista sobre o caso, entrou em contradição ao afirmar que Bruno Araújo e Dom Phillips deveriam estar com armamento devidamente autorizado pela Funai, pois o desmonte desta, incluiu o desarmamento de seus funcionários. O ex-presidente afirmou:

Ele tinha que ter mais que redobrada atenção para consigo próprio e resolveu fazer uma excursão. A gente não sabe se alguém viu e foi atrás dele, lá tem pirata no rio, lá tem tudo que possa imaginar lá. É muito temerário você andar naquela região sem estar devidamente preparado fisicamente também com armamento devidamente cedido e autorizado pela Funai, que pelo que parece não estavam. (Bolsonaro, 2022).

A rede bolsonarista de desinformação agiu intensamente para desvincular o caso dos assassinatos aos interesses do governo. A defesa do ex-presidente parecia vir de todas as partes, *WhatsApp*, *Twitter*, *Youtube*, *Facebook* e até grandes emissoras de televisão como o SBT e a RECORD. Porém, o que ficou marcado como mostra a Figura 55 – Programa *Morning Show* da Jovem Pan dedicado a defender o ex-presidente, foi o programa exibido pela Jovem Pan em 14 de junho de 2022, que era dedicado a defender Bolsonaro e culpar Bruno Araújo e Dom Phillips:

Figura 55 – Programa *Morning Show* da Jovem Pan dedicado a defender o ex-presidente



Fonte: Programa *Morning Show* da Jovem Pan exibido em 14/06/2022<sup>60</sup>.

<sup>60</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=oLwMoV-VZ6Q>

Neste programa de entrevistas, em que convidados bolsonaristas se revezavam para achar explicações plausíveis para defender o ex-presidente e ainda enaltecer a função dos madeireiros e garimpeiros na Amazônia, Adrilles Jorge afirmou que:

Tudo não passa de questão ideológica. Existe um clima ostensivo contra o Presidente, deputados e jornalistas que o apoiam. Querem culpá-lo por todas as desgraças que acontecem na humanidade. E se o próprio Presidente é perseguido por besteiras, imagina o cidadão de bem! (Adrilles Jorge, 2022).

O indigenista Bruno Pereira fazia um papel importante na defesa dos indígenas na Amazônia. Foi funcionário da Funai e, em 2019, liderou a segunda maior expedição para contato com indígenas isolados. Entretanto, após pressão de setores ruralistas ligados ao Governo Jair Bolsonaro, foi exonerado do cargo em outubro daquele ano pelo então secretário executivo de Sergio Moro no Ministério da Justiça. Uma semana antes de seu desaparecimento, havia cedido uma entrevista à Folha de São Paulo, na qual criticava o governo. Na entrevista<sup>61</sup>, Bruno Pereira afirmava:

O ambiente é de total descaso com o afrouxamento de normas, retaliação a servidores, paralisação dos processos demarcatórios e o estrangulamento orçamentário de órgãos como a Funai. O presidente Bolsonaro não demarcou um centímetro como ele prometeu. O presidente da Funai, Marcelo Xavier, está lá para isso. É a administração do caos. Difícil, cansativo e perigoso (Bruno Pereira, 2022).

A postura pública do ex-presidente Bolsonaro, além de ter encorajado os que se envolviam em atividades ilícitas, demonstrou o descaso de seu governo com a pauta ambiental e sua total apatia pelos defensores da floresta. Ao assumir a presidência, além de proferir seus inúmeros discursos de ódio contra os indígenas, ambientalistas e seus defensores, mudou grande parte da liderança da Funai, incluindo oficiais militares sempre que possível e nomeou um pastor evangélico para liderar o setor de povos isolados.

Além disso, defendeu o aproveitamento dos recursos dos territórios indígenas por empresas; rejeitou a demarcação de terras indígenas e prometeu que não demarcaria mesmo que ordenado pelo Supremo Tribunal Federal; criticou toda a imprensa ambientalista que colocava em evidência o desmatamento, afirmando ser uma cobertura enganosa; rejeitou todos que defendiam os povos indígenas

---

<sup>61</sup> <https://cimi.org.br/2022/08/a-perda-de-bruno-pereira-e-dom-phillips-evidencia-o-desmonte-da-politica-indigenista-durante-governo-bolsonaro/>

defendendo a “integração dos indígenas à sociedade”. Ou seja, o Brasil tinha a “licença” necessária para além de reproduzir todo discurso de ódio vindo da presidência da república, de seguir em atividades predatórias nas florestas, pois tinha a certeza da impunidade.

O Estado paralelo estava sendo incentivado a ser criado na região a partir do momento em que o ex-presidente assumiu, reestruturando os ministérios, reduzindo os recursos dos órgãos-chave para o combate ao desmatamento na Amazônia como o IBAMA, o ICMBio e o INPE, designando gestores com interesses políticos e militares.

Esses gestores tinham o papel de inverter<sup>62</sup> a função das instituições, como mostrado ao longo de nossa pesquisa. Outros exemplos ficaram marcados, como o ministro do meio ambiente agindo para destruir a Amazônia, o presidente da Funai agindo contra os indígenas, o diretor da Polícia Federal vazando localização de operações para beneficiar garimpeiros e muitos outros.

Com a inexistência do Estado na região, o crime organizado se beneficiou diretamente, usando os recursos dos ditos “defendidos por Bolsonaro”. Garimpeiros, madeireiros, pescadores ilegais e grileiros de terras indígenas deram amparo aos criminosos que usavam suas rotas nos rios, suas pistas de pouso e os próprios trabalhadores ilegais para o tráfico.

A herança maldita do Bolsonarismo na Amazônia irá durar anos, talvez décadas. Isso ficou evidente no caso da tragédia humanitária vivida pelos Yanomami. O ex-presidente prometeu que em seu governo não haveria um centímetro de terras para indígenas, mas na prática foi muito além disso. Como mostrado na Figura 56 – Indígena com desnutrição severa em atendimento de equipes do Ministério da Saúde, os malefícios deixados pela política bolsonarista perante a população indígena só ficaram em evidência a partir de 2023, com a posse do novo governo.

---

<sup>62</sup> <https://noticias.uol.com.br/meio-ambiente/ultimas-noticias/redacao/2021/07/15/vazamentos-em-operacoes-assombram-servidores-e-atrapalham-fiscalizacao.htm>

Figura 56 – Indígena com desnutrição severa em atendimento de equipes do Ministério da Saúde



Fonte: Globo.com<sup>63</sup>

A crise sanitária foi resultado da combinação fatal da invasão garimpeira e madeireira, descaso do governo federal e casos de corrupção, com desvio de recursos da saúde indígena. Vale ainda ressaltar o incentivo feito pelo governo tanto para o garimpo quanto para as madeireiras a invadirem terras indígenas. A invasão garimpeira causou a contaminação dos rios e degradação da floresta, refletindo na saúde dos Yanomami, principalmente crianças, que enfrentaram a desnutrição por conta da escassez dos alimentos.

As imagens dramáticas sobre os Yanomamis já tinham causado repercussão em dezembro de 2022 como observado na Figura 57 – Pesagem de mulher Yanomami com quadro severo de desnutrição. Elas revelaram moradores da comunidade Kataroa acometidos por desnutrição aguda grave. Kataroa fica na região de Surucucu, no município de Alto Alegre, norte de Roraima:

---

<sup>63</sup> <https://umsoplaneta.globo.com/sociedade/noticia/2023/01/24/caso-yanomami-o-que-e-e-por-que-se-fala-em-genocidio-indigena.ghtml>

Figura 57 – Pesagem de mulher Yanomami com quadro severo de desnutrição



Fonte: Unisinos<sup>64</sup>

Essas imagens só foram divulgadas em dezembro de 2022, porém, em novembro, a Polícia Federal e o Ministério Público Federal realizaram uma operação contra uma fraude na compra de remédios destinados ao Distrito Sanitário Especial Indígena Yanomami. Entre os alvos da operação Yoasi estavam empresários e servidores do Distrito de Saúde Indígena Yanomami, órgão do Ministério da Saúde responsável pela saúde indígena Yanomami.

De acordo com as investigações, o esquema criminoso deixou pelo menos 10 mil crianças indígenas sem medicamentos. E são justamente as crianças, as que mais sofrem com a falta de assistência de saúde. A suspeita seria que os órgãos de fiscalização responsáveis em garantir os direitos e dar assistência aos indígenas estariam repassando os medicamentos a garimpeiros e madeireiros. O Ministério Público Federal, solicitou que a denúncia fosse encaminhada para que a procuradoria acompanhasse o caso, porém, só teve retorno em janeiro de 2023.

Na Figura 58 – Crianças Yanomami com quadro de desnutrição aguda, pode-se observar o estado das crianças:

---

<sup>64</sup> <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/624730-abandono-com-a-invasao-do-garimpo-e-sem-assistencia-de-saude-yanomami-sofrem-com-desnutricao-aguda>

Figura 58 – Crianças Yanomami com quadro de desnutrição aguda



Fonte: Foto de Urihi Yanomami, Unisinos<sup>65</sup>

O flagrante mostra ao menos 17 crianças com desnutrição aguda, além de outras doenças infecciosas, segundo divulgado pelo presidente da Urihi, Júnior Hekurari Yanomami, que também é chefe do Conselho Distrital de Saúde Indígena Yanomami e Ye'kwana (Condisi-YY).

A certeza de impunidade fez com que os garimpeiros queimassem o nosso posto de saúde Yanomami na região do Homoxi. O incêndio ocorreu em retaliação à operação Guardiões do Bioma, do IBAMA, com participação da Polícia Federal, que combatia a extração ilegal de minérios e outros crimes ambientais na terra indígena.

Com apoio do novo governo, o ministério da Justiça pediu que a Polícia Federal abra inquérito para apurar os crimes de genocídio e omissão de socorro aos povos Yanomami. Responsáveis pela maior área de terra indígena em extensão territorial no Brasil, os Yanomami enfrentam graves casos de desnutrição e malária espalhados pela comunidade, que vive entre os estados do Amazonas e de Roraima. A crise sanitária já resultou na morte de 570 crianças por desnutrição e causas evitáveis nos últimos anos, de acordo com o governo federal.

---

<sup>65</sup> <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/624730-abandono-com-a-invasao-do-garimpo-e-sem-assistencia-de-saude-yanomami-sofrem-com-desnutricao-aguda>



A tragédia humanitária sofrida pelos Yanomami se tornou notícia no mundo inteiro. Os principais veículos de comunicação em diversos países divulgaram a situação precária que viviam, vítimas do descaso criminoso de quem deveria protegê-los. Famílias inteiras foram resgatadas, todos em condições dramáticas de saúde. Malária, dengue, pneumonia, desnutrição, contaminação por mercúrio e muitas outras doenças acometeram os Yanomami desde o início do governo de Bolsonaro.

Inúmeras denúncias foram feitas desde 2019, porém foram negligenciadas. Em contrapartida houve um incentivo maciço ao garimpo ilegal em terras indígenas e ainda a criação de leis para permitir esse tipo de garimpo. Sem fiscalização e com o apoio do governo, foram observados assentamentos de garimpeiros localizados há poucos metros da população Yanomami, como podemos observar na Figura 59 – Assentamento de garimpeiros em Roraima:

Figura 59 – Assentamento de garimpeiros em Roraima



Fonte: globo.com<sup>66</sup>

O garimpo atacou justamente a cadeia alimentar básica dos Yanomami, pois o rio ficou completamente contaminado com mercúrio, impossibilitando a caça, a pesca, a coleta de recursos e o modo de vida dos indígenas. Esse mercúrio também contaminou os animais, a água dos igarapés, o solo da floresta e até mesmo o ar. É um elemento altamente tóxico e de difícil remoção, sendo um metal que representa risco sanitário e ambiental, devendo ser controlado pelo IBAMA, que

<sup>66</sup> <https://globoplay.globo.com/v/11322087/>

sofreu denúncias por facilitar sua distribuição aos garimpeiros ilegais no período do governo Bolsonaro.

Figura 60 – Contaminação por mercúrio usado no garimpo na terra indígena Yanomami, RR observamos os efeitos do mercúrio no meio ambiente:

Figura 60 – Contaminação por mercúrio usado no garimpo na terra indígena Yanomami, RR



Fonte: IBAMA, 2019

No solo, o mercúrio também causa o empobrecimento da fertilidade, chegando a inutilizar completamente uma região. É ainda pior na água, já que as moléculas do metal contaminam rapidamente os rios e ocasionam a morte de diversas espécies. Quando atinge os lençóis freáticos empregados no abastecimento de populações, tornam a água imprópria para o consumo.

O contágio irresponsável de mercúrio, bem como o lançamento da forma gasosa no ambiente de forma descontrolada podem ser extremamente prejudiciais para a saúde humana. A forma inorgânica e líquida, por exemplo, pode se ligar muito rápido à corrente sanguínea de um ser humano e causar danos graves ao sistema neurológico, como o que foi visto nas aldeias Yanomami, nas quais as crianças apresentavam alopecia, raquitismo e enfraquecimento do sistema imunológico.

Durante o governo de Bolsonaro, a rede bolsonarista de *fake news* atuou intensivamente para tentar legitimar o garimpo ilegal em terras indígenas. Como vimos nos tópicos anteriores, essa rede foi responsável por desqualificar tanto a figura dos indígenas, quanto a de quem os protegia na prática. Essas falsas notícias serviram de base e justificativa para o ex-presidente fomentar a criação de leis

incentivando essa prática. A principal foi o decreto 'mineração artesanal' que incentivou o garimpo ilegal na Amazônia.

Após o caso Yanomami receber repercussão internacional, o ex-presidente se pronunciou em um canal do *Telegram*, afirmando que em seu governo não houve descaso com indígenas, que foi seu governo quem mais trouxe benefícios aos Povos da Amazônia em toda a história do Brasil, e que essa repercussão seria uma grande armação de esquerda e do atual Presidente<sup>67</sup>.

Logo após esse pronunciamento, a rede bolsonarista de fake news disparou centenas de notícias falsas, que iam desde a negação da crise humanitária fomentada por Bolsonaro, até a acusação dos próprios Yanomami serem responsáveis pelas mortes.

Dentre essas *fake news*, destacaram-se as notícias<sup>68</sup> de que partidos políticos articularam um plano para condenar Bolsonaro e a que os próprios Yanomami teriam se contaminado consumindo cogumelos propositalmente para prejudicar o ex-presidente.

Porém, as falsas notícias mais graves partiram de deputados bolsonaristas. Quatro políticos eleitos para a Câmara dos Deputados no mandato de 2023, Bia Kicis, Gustavo Gayer, Paulo Bilynskyj e Eliéser Girão publicaram desinformação sobre a crise humanitária que afetou o povo Yanomami. As postagens ocorreram em janeiro de 2023 e somaram cerca de 350 mil interações em três plataformas, o *Facebook*, o *Instagram* e o *Twitter*.

Gustavo Gayer publicou dois vídeos sobre o assunto no *YouTube*, plataforma do Google em que tiveram mais de 420 mil visualizações. Em um desses conteúdos, o deputado eleito acusou sem provas as ONG's de serem responsáveis pelo aumento de mortes evitáveis de crianças Yanomami durante a presidência de Bolsonaro, do mesmo partido que ele, como pode ser visto na Figura 61 – Deputado Bolsonarista espalha *fake news*. O vídeo foi republicado no *Instagram* pela deputada reeleita Bia Kicis, que conseguiu mais de 40 mil curtidas.

---

<sup>67</sup> <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/bolsonaro-responde-lula-sobre-suposto-descaso-com-yanomamis-farsa-da-esquerda/>

<sup>68</sup> [https://socioambiental.org/noticias-socioambientais/video-traz-informacoes-falsas-sobre-cogumelo-yanomami-leia-nota-do-isa?gclid=EAlaIQobChMIqtGj2OXC\\_QIVFEJIAB1cQwOjEAAYAAEgKsP\\_D\\_BwE](https://socioambiental.org/noticias-socioambientais/video-traz-informacoes-falsas-sobre-cogumelo-yanomami-leia-nota-do-isa?gclid=EAlaIQobChMIqtGj2OXC_QIVFEJIAB1cQwOjEAAYAAEgKsP_D_BwE)

Figura 61 – Deputado Bolsonarista espalha *fake news*

Fonte: Youtube – Canal Deus Pátria Família<sup>69</sup>

Já o deputado federal eleito Paulo Bilynskyj e o reeleito Eliéser Girão, que usou como nome de urna General Girão, tuitaram que os indígenas vítimas da crise humanitária seriam venezuelanos, e não brasileiros, o que é mentira. A mesma desinformação foi publicada pelos parlamentares Alê Silva e Coronel Tadeu, que não conseguiram se reeleger no ano passado, como podemos observar na Figura 62 – *Fake news* disseminada pelos bolsonaristas deputado Paulo Bilynskyj e General Girão. Figura 62 – *Fake news* disseminada pelos bolsonaristas deputado Paulo Bilynskyj e General Girão.

Figura 62 – *Fake news* disseminada pelos bolsonaristas deputado Paulo Bilynskyj e General Girão.

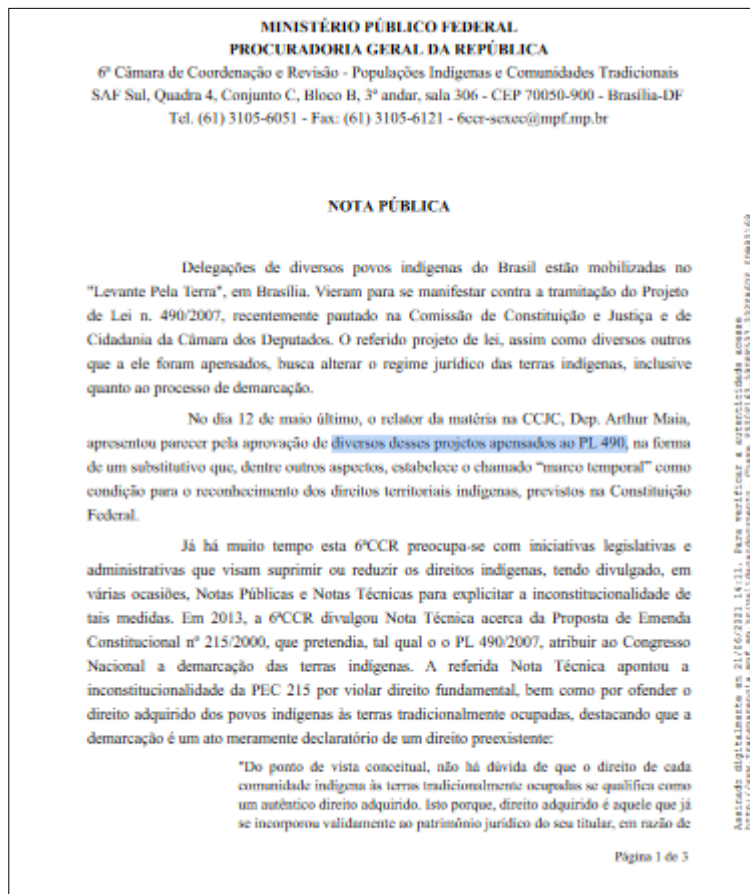
Fonte: Twitter

Outros parlamentares atuaram intensamente para garantir que os ideais de Bolsonaro se tornassem realidade. A Câmara de Deputados de Mato Grosso,

<sup>69</sup> [https://www.youtube.com/watch?v=\\_lhwdqZrGCU](https://www.youtube.com/watch?v=_lhwdqZrGCU)

liderada pela bancada do “agronegócio”, tentou reviver em 2019 diversos desses projetos de Lei amparados na PL 490. Como podemos observar na Figura 63 – Pedido de arquivamento do projeto de Lei amparado na PL 490, os direitos indígenas foram amplamente defendidos, mesmo após o ex-presidente ter incentivado a bancada do agronegócio.

Figura 63 – Pedido de arquivamento do projeto de Lei amparado na PL 490



Fonte: Ministério Público Federal. 2021<sup>70</sup>

Atualmente os políticos são divididos por interesses, sendo autointitulados como bancadas. Essas bancadas sempre ameaçaram os direitos dos indígenas e ao longo dos anos tentaram se estruturar para beneficiar seus interesses. A bancada dos ruralistas, a bancada do agronegócio, a bancada dos latifúndios, a bancada do garimpo e a bancada dos madeireiros, representam as áreas políticas que ameaçam diretamente a Amazônia, e encontraram um terreno fértil no governo de Bolsonaro. Esse ataque ao meio ambiente por parte de políticos já havia sido observado há anos, como fica evidente na afirmação de Davi Kopenawa (2015):

<sup>70</sup> <https://www.mpf.mp.br/atuacao-tematica/ccr6/documentos-e-publicacoes/publicacoes/nota-publica-6ccr-de-21-de-junho-de-2021-pl-490-2007.pdf>

Neste momento, neste governo, assistimos a uma concentrada maquinação políticas que tem como alvo as áreas de representação ambiental, as comunidades quilombolas e em especial os territórios indígenas. Seu objetivo é consumir a liberação de terras públicas ou todos os espaços do regime tradicional para empresários do agronegócio, da mineração e da especulação fundiária, vários deles aboletados nas poltronas do Congresso. (KOPENAWA, 2015, p.19)

O governo Bolsonaro terminou seu mandato com um legado de 45.586 km<sup>2</sup> desmatados. Segundo o sistema Prodes (INPE), o estado que mais desmatou a Amazônia foi o Pará (35,8%), seguido do Amazonas (22,54%), Mato Grosso (16,48%) e Rondônia (13,07%).

Como em 2021, a gestão de Jair Bolsonaro seguiu optando por omitir o dado anual de desmatamento até o término da conferência da ONU sobre mudanças climáticas, COP27, realizado entre os dias 6 e 20 de novembro de 2022, no Egito. A atitude foi mais uma das ações do governo federal que buscava camuflar seu vexatório legado de muita destruição.

Diante do ódio aparente às comunidades indígenas, das tentativas de desterrá-los, de acabar com suas culturas, ou ainda de incluí-los na dita sociedade, com o intuito de beneficiar os políticos e empresários que exploram a Amazônia, contextualizamos essa situação com o entendimento de Ailton Krenak (2019):

O dilema político que ficou para as nossas comunidades que sobreviveram ao século XX é ainda hoje precisar disputar os últimos redutos onde a natureza é próspera, onde podemos suprir as nossas necessidades alimentares e de moradia, e onde sobrevivem os modos que cada uma dessas pequenas sociedades tem de se manter no tempo, dando conta de si mesmas sem criar uma dependência excessiva do Estado (AILTON KRENAK, 2019, p. 21).

Notamos que a estruturação da humanidade moderna é baseada na ideia de dominação e exploração insustentável do meio ambiente e tem colocado em risco a pluralidade de culturas de comunidades tradicionais que compreendem a sua existência atrelada à sobrevivência da natureza. A Amazônia representa a maior biodiversidade do planeta, o maior bioma do Brasil e o maior legado cultural de nosso país e não pode ter seu futuro fincado nas mãos de alguns políticos desonestos e interesseiros.

Com tudo isso, fica claro que precisamos iniciar a retomada da soberania sobre o território amazônico, eliminar a ideia de um Estado paralelo. Nesses quatro anos de governo Bolsonaro, a Amazônia foi marcada pela falta de controle sobre fronteiras, rios, unidades de conservação, territórios indígenas e florestas públicas.

Além de desfavorecer os povos indígenas, o governo incentivou e possibilitou que a Amazônia se tornasse um solo fértil para a expansão do garimpo ilegal, roubo de madeira, desmatamento e para o estabelecimento do crime organizado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa apresentamos as consequências desastrosas do governo de Jair Messias Bolsonaro, que entre 2018 e 2022 causou prejuízos incomensuráveis à região Amazônica, na tentativa de manter seu projeto de poder que mesclava questões pessoais com políticas. Em sua campanha para a presidência, em 2017, usou a criação de falsas notícias associadas aos novos meios de comunicação advindos da *internet*, como propaganda eleitoral, que resultou em sua eleição. O resultado foi tão expressivo, que o adotou como estratégia de governo, criando uma estrutura paralela para manipulação e disseminação dessas notícias.

Desse modo, buscou-se investigar e analisar como o movimento bolsonarista ganhou expressividade no cenário político da Amazônia e quais as ressonâncias das práticas discursivas de Jair Bolsonaro na sociedade brasileira. Para tanto, utilizou-se o aporte teórico-analítico foucaultiano, a partir da análise das estruturas de poder que impactaram na exploração da Amazônia, na qual o discurso tomou uma nova roupagem através das *fake news* associadas às novas tecnologias.

O poder do discurso se tornou evidente, à medida em que se transformou em uma arma, e foi absorvido por uma complexa rede de indivíduos que atuaram para realizar o plano de poder de seu líder. Essa foi a tática bolsonarista, que tinha como objetivo final mudar as regras, mudar as leis, contando com apoiadores, seguidores, militares, empresários e políticos, tendo cada um desses, funções específicas nessa estratégia.

A tática bolsonarista, em sua maioria, tinha início com o discurso de ódio do ex-presidente, como fonte de inspiração para criação de centenas de notícias falsas ou manipuladas e, conseqüentemente, a sua disseminação nos meios de comunicação amparados pela internet. A disseminação dessas notícias falsas era função dos seguidores mais articulados nas redes sociais, posteriormente sendo criado um gabinete especial composto por funcionários públicos vinculados ao ex-presidente, denominado por seus componentes como “gabinete do ódio”.

O objetivo dessas falsas notícias era desmoralizar as instituições ou funcionários, servindo como justificativa para o desmonte e reaparelhamento dessas instituições. O papel dos empresários era ajudar na monetização dos componentes da rede e o dos militares era de assumir as instituições e mudar suas



normas, forçando os políticos a colaborarem com criações de leis que amparassem essas necessidades criadas pelo enfraquecimento e reaparelhamento das instituições.

Vimos uma tentativa malsucedida da tática bolsonarista objetivando por fim na Zona Franca de Manaus, que foi rebatida por políticos da região. Outro objetivo de Bolsonaro seria a apropriação das Universidades Públicas, não sendo bem-sucedido devido Bolsonaro não ter conseguido reestruturá-la. Portanto, a segunda fase da implantação do programa não foi realizada.

Porém, no caso do favorecimento a garimpeiros, a estratégia foi concretizada com a instituição do decreto 10.966/2022, que criou o Programa de Apoio ao Desenvolvimento da Mineração Artesanal e em Pequena Escala, permitindo aos garimpeiros a mineração em terras indígenas. Esse decreto causou a morte de centenas de indígenas Yanomami, causando também comoção internacional.

Desse modo, a forma de governabilidade bolsonarista na esfera política e econômica se consolidou a partir de interesses políticos ou pessoais, e buscava desarticular as conquistas e os avanços das antigas políticas públicas que visavam assistir as camadas mais pobres em suas necessidades mais básicas. Essa forma de governo bolsonarista produziu ainda mais desigualdade no país, como visto na tentativa de acabar com a Zona Franca de Manaus sob a justificativa de baratear o preço dos veículos, porém, o que estava por trás dessa ação era uma vingança política, que acarretaria milhares de amazonenses desempregados e ainda o aumento no desmatamento e criação de novas áreas de garimpo, não garantindo a redução real no preço dos veículos.

Graças ao poder das *fake news*, Bolsonaro realizou grande parte de seus planos para a Amazônia, sendo responsável pela tentativa de criação de um Estado paralelo, estado esse que nas palavras do próprio ex-presidente, possuía suas próprias leis e regras. Essas palavras foram ditas para justificar os assassinatos do jornalista britânico Dom Phillips e do indigenista Bruno Araújo, que estavam desaparecidos desde 5 de junho de 2022. Esse caso representou bem a lógica bolsonarista descrita por Olavo de Carvalho, que quando questionado sobre o que era ser comunista, ele respondia: São todos que não são bolsonaristas, e esses precisam ser eliminados. Esse é o pensamento relatado no Livro “O imbecil coletivo” escrito em 2018.

Se imaginarmos a Amazônia dominada por milícias amparada indiretamente pelo Presidente da República, podemos perceber o quanto isso seria prejudicial para a região, pois ao fazermos uma analogia com as regras que vigoram e áreas onde existe esse Estado paralelo, percebemos que essas milícias assumiriam o papel do Estado, criando regras e leis próprias. Então, essas milícias além de assumir o tráfico de drogas e armas, teriam as áreas de garimpo e de extração de madeira para explorar, tendo os indígenas como concorrentes, pois eles vivem em áreas a serem exploradas.

Com isso, o legado bolsonarista na Amazônia vai muito além de protestos antidemocrático na frente do CMA. Precisamos compreender as perguntas: Por que um amazonense seria a favor da destruição da Floresta Amazônica? Por que uma pessoa com ascendência indígena seria contra as cotas para indígenas? Por que uma pessoa que trabalha no Polo Industrial de Manaus seria a favor do fim da Zona Franca de Manaus?

Essas perguntas podem ser respondidas pela concepção de sistema de crenças definido por Durkheim (2000), que destaca o caráter religioso e a necessidade de seguir o Líder e todas as decisões tomadas por ele, com a classificação das coisas em classes ou gêneros opostos, como o bem e o mal, o real e o imaginário ou o profano e o sagrado.

Logo, tudo que é dito pelo líder representa o certo a ser feito, mesmo que seja um ato irracional, ou até mesmo criminoso. O bolsonarismo se tornou uma realidade paralela, um mundo criado apenas para quem acreditava fielmente na figura do mito, do homem que tocou na mão de Deus e que salvaria o país.

Durante os quatro anos de governo Bolsonaro, houve destaque para o autoritarismo, populismo e incessantes ataques à democracia. Ao verificarmos os inúmeros pronunciamentos, entrevistas e postagens tanto do ex-presidente quanto de sua rede, é notório que determinadas políticas públicas foram deixadas de lado quando se tratava de beneficiar os direitos das minorias, como povos indígenas, comunidades quilombolas, negros, população LGBT, mulheres e pobres.

São, portanto, evidências empíricas concretas da retórica do ódio e ataques à democracia em suas dimensões representativa, participativa e deliberativa. Os discursos de ódio que fizeram parte de uma estratégia de governo e ainda perduram porque abrigam discursividades estruturantes e fundantes na história de formação de nosso país. Desta forma, a proposta discursiva nos permite compreender o texto

não como mera construção formal, mas sim, como parte de um processo discursivo mais amplo.

Desse modo, ficou claro que não houve a pretensão de esgotar o assunto, e sim, a de apresentar uma proposta que não tem o caráter de receita, mas o de promover uma reflexão que acarrete transformações sociais. Atualmente, se esquivar de um posicionamento político não representa uma opção segura, muito menos a incapacidade de entender os acontecimentos que ocorrem na Região Amazônica. Fica a intenção de que esse estudo auxilie o pensamento crítico e político, porque as palavras que estão em constante movimento precisam se transformar em ações, em atividades, em resistência no sentido foucaultiano do termo, ou seja, uma forte ruptura em nossas bases de formação político-social.

## REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ADORNO, Theodor W. Estudos sobre a Personalidade Autoritária. Trad. Virgínia Helena Ferreira da Costa, Francisco Lopez Toledo Corrêa, Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora UNESP, 2019.

ADORNO, W. T. Teoria da semicultura. *Educação & Sociedade*, Campinas, ano 17, 56, p. 388-411, 1996.

BLOCH, March. Reflexões de um historiador sobre as falsas notícias da guerra. Disponível em:

<<https://ppghs.fflch.usp.br/sites/ppghs.fflch.usp.br/files/BLOCH%2C%20M.%20Reflexo%CC%83es%20de%20um%20historiador%20sobre%20as%20noti%CC%81cias%20falsas%20da%20guerra.pdf>>. Acesso em 19 de fevereiro de 2022.

BOURDIEU, P. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BOURDIEU, P. O Campo Político. *Revista Brasileira de Ciência Política*, nº 5 - Brasília, janeiro/julho de 2011.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 7ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

Brasil Paralelo. As verdadeiras causas e interesses por trás das queimadas da Amazônia. Disponível em: <<https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/queimadas-na-amazonia>>. Acesso em 18 de junho de 22.

BRUGGER, Winfried. Proibição ou proteção do discurso do ódio? algumas observações sobre o direito alemão e o americano. *Direito Público*, Porto Alegre, ano 4, n.15, p.117-136, jan./mar. 2007. Disponível em:

<<https://www.portaldeperiodicos.idp.edu.br/direitopublico/article/view/1418/884>>.

BUCCI, Eugênio. *Existe Democracia sem verdade Factual? Cultura política, imprensa e bibliotecas públicas em tempos de fake news*. Estação das Letras e Cores, 2019. Recurso eletrônico/E-book Kindle.

Cambridge Dictionary. Significado de *fake news* em inglês. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/fake-news>>. Acesso em 20 de março de 2022.

CARVALHO, Olavo de O imbecil coletivo: Atualidades inculturais brasileiras.

CARVALHO, Gustavo Arthur Coelho Lobo de. KANFFER, Gustavo Guilherme Bezerra. *O Tratamento Jurídico das Notícias Falsas (fake news)*. Disponível em <<https://www.conjur.com.br/dl/tratamento-juridico-noticias-falsas.pdf>>. Acesso em 23 de maio de 2022.

CASARA, Rubens R. R. *Bolsonaro: O Mito e o Sintoma*. São Paulo: Contracorrente, 2020.

CHAUÍ, M. Neoliberalismo: a nova forma do totalitarismo. *A Terra é redonda*, [S. l.], 6 out. 2019. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/neoliberalismo-a>

nova-forma-do-totalitarismo/ Acesso em: 27 jun. 2020. Disponível em:  
<https://aterraeredonda.com.br/neoliberalismo-a-nova-forma-do-totalitarismo/>.

CHAUÍ, Marilena. Democracia em colapso. Rio de Janeiro. Editora Boitempo. 2020.

CHAUÍ, Marilena. Participando do debate sobre mulher e violência. In: R. CARDOSO (Org.). Perspectivas antropológicas da mulher: sobre mulher e violência. Rio de Janeiro: Zahar, 1997, v. 4.

DA SILVA, Rosane Leal et al. Discurso de ódio em redes sociais: jurisprudência brasileira. Revista direito GV, v. 7, n. 2, p. 445-467, 2011. Disponível em:  
<http://www.scielo.br/pdf/rdqv/v7n2/a04v7n2>.

DURKHEIM, Émile. As formas elementares da vida religiosa. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DURKHEIM, Émile. As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

EMPOLI, Giuliano Da. Os Engenheiros do Caos; tradução Arnaldo Bloch. – 1 ed.; São Paulo: Vestígio, 2020.

FIORIN, José Luiz. Linguagem e ideologia. São Paulo: Ática, 1998.

FISCHER, R. M. B. Foucault e a Análise do discurso em educação. Cadernos de Pesquisa, n.114, p.197-223, novembro/2001.

FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Tradução Roberto Machado. 24. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

Freud, S. Psicologia das massas e análise do eu. In. S. Freud, Obras completas (P.C.L. de Souza, trad., Vol. 15, pp. 13-113). São Paulo: Companhia das Letras. 2011.

G1. Família de mulher morta após *fake news* luta por indenização de rede social. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2021/05/03/sete-anos-depois-familia-de-mulher-linchada-apos-fake-news-luta-por-indenizacao-de-rede-social.ghtml>>. Acesso em 23 de março de 2022.

G1. Mulher espancada após boatos em rede social morre em Guarujá, SP. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2014/05/mulher-espancada-apos-boatos-em-rede-social-morre-em-guaruja-sp.html>. Acesso em 22 de março de 2022.

G1. Oito anos após mulher ser espancada até a morte em SP, *fake news* segue fazendo vítimas como o turista queimado vivo no México. Disponível em:

<https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2022/06/15/oito-anos-apos-mulher-ser-espancada-ate-a-morte-em-sp-fake-news-segue-fazendo-vitimas-como-o-turista-queimado-vivo-no-mexico.ghtml>. Acesso em 16 de junho de 2022.

ROCHA, João Cezar de Castro. Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político. 1ª ed. Goiânia: Editora e Livraria Caminhos, 2021.

IANNI Octávio. O Príncipe Eletrônico. Cuestiones Constitucionales – Revista Mexicana de Derecho Constitucional. Num. 4, enero-junio 2001.

Kopenawa, Albert, Bruce, Davi. A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami. Tradução Beatriz Perrone-Moisés; prefácio de Eduardo Viveiros de Castro — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Editora: Companhia das Letras, 2019.

LEAL, Glauber Andrade Silva; ALMEIDA, José Rubens Mascarenhas de. Estado, Crime Organizado e Território: Poderes Paralelos ou Convergentes? 20 p. XIII Jornada do Trabalho, Presidente Prudente, 2012. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/pdf/jtrab/n1/13.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2018.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. Como as democracias morrem. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

LUNA, J. P.; ROVIRA-KALTWASSER, C. The right in contemporary Latin America: a framework for analysis. In: The resilience of the Latin American right. S.l.: s.n., 2014. p.1-22.

Martins Fontes, 2000.

Matos, Israel Pinheiro M433g Gramáticas sociais de discurso de ódio e luta por reconhecimento / Israel Pinheiro Matos. 2022 245 f.: il. color; 31 cm. Orientador: Odenei de Souza Ribeiro Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas.

MCLUHAN, Marshall. Os meios de comunicação de massa como extensões do homem. São Paulo: Cultrix, 1969.

MELLO Patrícia Campos. A Máquina do Ódio: Notas de uma repórter sobre *fake news* e violência digital. São Paulo: Companhia da Letras, 2020. E-book Kindle.

MEYER-PFLUG, Samantha Ribeiro. Liberdade de expressão e discurso do ódio. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2009. 271 p.

MUSSO, Pierre. Sociedade Mídia-tizada. In: MORAES, Dênis de (Org.). Ciberespaço, figura reticular da utopia tecnológica. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006. p. 191-2224.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise de Discurso: princípios e procedimentos. /Eni P. Orlandi. – Campinas, SP: Pontes, 8ª edição, 2009.

- PÊCHEUX, M. Apresentação da AAD. In: GADET, F., HAK, H. Por uma análise automática do discurso (Uma introdução à obra de Michel Pêcheux). Campinas: Pontes, 1990.
- PINHO, J.B. A Internet como veículo de comunicação publicitária. Revista FAMECOS, Porto Alegre – RS, n. 10, 1999.
- RECUERO, R. C. Redes Sociais na Internet. Porto Alegre: Meridional, 2009.
- ROCCO, Maria Thereza F. Linguagem autoritária: televisão e persuasão. São Paulo: Brasiliense, 1988. 200p.
- SANTOS, M. A., SILVA, M. T. M: Discurso do ódio na sociedade da informação preconceito, discriminação e racismo em redes sociais. In: congresso nacional do conpedi/uninove, 22., 2013, São Paulo, anais [...]. Florianópolis: sociedade global e seus impactos sobre o estudo e a efetividade do direito na contemporaneidade, 2013, p. 82-99.
- Sigmund Freud. Obras Completas Volume 15 Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923). Tradução Paulo César de Souza. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/trechos/13090.pdf>.
- SILVA, Guilherme. Mídias digitais: O que são, tipos, vantagens, como usá-las no seu negócio, e porque usá-las ainda hoje. São Paulo. 23 Studios. 2021. <https://gdss23.com/midias-digitais/>. Acesso em: 29 de 04 de 23.
- SOUSA, Jorge Pedro. Elementos de Teoria e Pesquisa – Da comunicação e da mídia. Florianópolis: Editora Letras Contemporâneas, 2004.
- TIBURI, M: Como conversar com um fascista. Rio de Janeiro: Record, 2016, p. 32, 167 e 59.
- TORRES, Cláudio. A Bíblia do Marketing Digital: Tudo que você queria saber sobre marketing e publicidade na internet e não tinha a quem perguntar. São Paulo. Editora Novatec. 2009.
- VITRUVIUS. JOANILHO, A. L. Reflexões de um historiador sobre as notícias falsas na Web. Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/drops/14.080/5180>>. Acesso em: 23 de maio de 22.
- VOLTAIRE. Tratado sobre a tolerância: por ocasião da morte de Jean Calas (1763). Tradução William Lagos. Disponível em: < <http://cabana-on.com/Ler/wp-content/uploads/2017/08/Voltaire-Tratado-sobre-a-toler%C3%A2ncia.pdf>>. Acesso em: 19 fevereiro de 22.
- Waliis, R; Barker, E. New Religious Movements: A Practical Introduction (1990), Bernan Press,
- Yahoo Notícias. Checamos: vídeo traz compilação de boatos sobre a Amazônia. Disponível em: <<https://br.noticias.yahoo.com/checamos-video-traz-compilacao-de-boatos-sobre-a-amazonia-201508401.html>>. Acesso em: 18 de junho de 22.